



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

LUÍS RAFAEL TELES AZEVEDO

Discípulos missionários do “Deus desconhecido”
Um estudo exegético-pastoral de At 17, 16-34

Dissertação Final
sob orientação de:
Professor Doutor João Alberto Sousa Correia

Braga
2016

RESUMO

O presente estudo pretende propor caminhos de evangelização, a partir do excerto bíblico onde encontramos narrada a missão do apóstolo Paulo, na cidade de Atenas (At 17, 16-34).

Depois de um primeiro capítulo em que se apresenta e estuda a perícope, do ponto de vista literário, e se contextualiza o ambiente nela relatado e pressuposto, passamos à sua análise exegética em busca das principais temáticas teológicas nela presentes. Para terminar, segue-se uma proposta pastoral que, alicerçada no texto em análise, coloca os evangelizadores contemporâneos perante algumas dificuldades e oportunidades do *areópago global* hodierno.

Palavras-Chave: Apóstolo Paulo; Deus desconhecido; Areópago; Cultura; Linguagem; Evangelização; Discípulos missionários;

ABSTRACT

This study intends to propose paths of evangelization, from the Bible passage in which the Apostle Paul's mission, in the city of Athens, is narrated (Acts 17, 16-34).

After a first chapter in which the pericope is introduced and studied, from a literary point of view, and the environment, in which it is reported and assumed, is put into context, we proceed to its exegetical analysis searching for the main theological themes in it. In conclusion, there is a pastoral proposal that, based on the text under discussion, presents the contemporary evangelizers with some difficulties and opportunities of the present day *global Areopagus*.

Keywords: Apostle Paul; Unknown God; Areopagus; Culture; Language; Evangelization; Missionary disciples;

SIGLAS

Antigo Testamento

Gn	Gênesis
2Mac	2.º Macabeus
Sal	Salmos
Sab	Sabedoria
Is	Isaías
Jer	Jeremias

Novo Testamento

Mt	Mateus
Lc	Lucas
Jo	João
At	Atos dos Apóstolos
Rm	Romanos
1Cor	1.ª Coríntios
2Tim	2.ª Timóteo
Gl	Gálatas
Ef	Efésios

Versões da Escritura

TEB	Tradução Ecuménica da Bíblia
BJ	Bíblia de Jerusalém
LXX	Setenta (versão grega da Escritura)

Outras Siglas

AAS	<i>Acta Apostolicae Sedis</i>
a.C.	Antes de Cristo
d.C.	Depois de Cristo
op. cit.	Obra citada
art. cit.	Artigo citado
Ibid.	Mesma obra e mesmo autor
v.	Versículo
vv.	Versículos
p.	Página
pp.	Páginas
Pp.	Papa
Cf.	Conferir
ed.	Editora
AA. Vv.	Autores Variados

*Toda a dissertação está escrita segundo o Novo Acordo Ortográfico (2009)

*Antes de prosseguir no meu caminho
e lançar o meu olhar para frente
uma vez mais elevo, só, as minhas mãos para Ti,
na direção de quem eu fujo.
A Ti, das profundezas do meu coração,
tenho dedicado altares festivos,
para que, a cada momento,
a Tua voz pudesse chamar-me.
Sobre esses altares estão gravadas a fogo
estas palavras: “Ao Deus desconhecido”.
Eu sou teu, embora até ao presente
me tenha associado aos sacrílegos.
Eu sou teu, não obstante os laços
que me puxam para o abismo.
Mesmo querendo fugir,
sinto-me forçado a servi-Te.
Eu quero conhecer-Te, Desconhecido.
Tu, que me penetras a alma e,
tal qual turbilhão, invades a minha vida.
Tu, o Incompreensível, mas meu semelhante,
quero conhecer-Te e só a Ti servir.*

Friedrich Nietzsche¹

¹ O texto original, em Alemão, pode encontrar-se em: F. NIETZSCHE, *Die schönsten Gedichte von Friedrich Nietzsche*, ed. Diogenes Taschenbuch, Zürich, 2000, pp. 11-12.

INTRODUÇÃO

Começamos por recuar na memória até ao tempo em que éramos crianças, até ao dia em que escutámos, pela primeira vez, esta típica recomendação: “Nunca fales com desconhecidos!”. Eis um conselho tão simples, tão certo e, ao mesmo tempo, tão desinquietante quando pensamos em Deus... Afinal quem é Ele? Que relação de amizade tem com os nossos familiares? Onde é que tem estado ao longo de todos estes anos da nossa vida? Já o vimos em algum lado? Conhecemo-Lo?

Quantas perguntas! Podem parecer exageradas, mas foi com elas que, pouco a pouco, tomámos consciência da importância da evangelização, num mundo onde muitos homens e mulheres não se relacionam com Deus, porque o desconhecem.

Neste contexto, consideramos existirem algumas razões que nos encaminharam para a escolha do tema desta dissertação: ao longo do curso filosófico-teológico, ganhámos um enorme fascínio pela área bíblica, não só por causa da riqueza literária e da beleza da exegese, mas devido ao seu papel basilar em todos ramos da teologia; a pertença a um grupo de jovens com cariz missionário proporcionou-nos uma grande identificação com o apóstolo Paulo, o grande missionário; a realização de estágios pastorais em realidades distintas permitiu que contactássemos com alguns desafios hodiernos e sentíssemos a necessidade de lhes dar uma resposta atual e evangelizadora.

Posto isto, podemos dizer que esta tese de mestrado não é fruto de uma decisão irrefletida ou de uma obrigação, mas de uma caminhada académica e pastoral de vários anos que nos fez ver em At 17, 16-34 uma resposta às nossas inquietações e desejos.

O relato da passagem de Paulo por Atenas, onde se insere o célebre discurso do Areópago, não nos deixava - nem deixa - ficar indiferentes. Quanta riqueza literária! Quanta audácia paulina! Quanta atualidade retratada! Era hora de pegar nesse *diamante*, limpá-lo, poli-lo, valorizar cada uma das suas faces e apresentar a beleza do seu todo.

Para tornar isto possível, dividimos o trabalho em três capítulos que, de seguida, apresentamos.

Num primeiro momento, colocar-nos-emos diante do texto e das diversas cenas que o envolvem. Na verdade, porque queremos fazer um estudo aprofundado desta perícope, temos de deter-nos inicialmente em alguns aspetos linguístico-textuais e dedicar algum tempo ao estudo das circunstâncias histórico-geográficas, religiosas, sócio-culturais e filosóficas. Com esta contextualização forneceremos as ferramentas necessárias para compreender o texto à luz do mundo onde ele nasceu e preparar-nos-emos para aceder mais fielmente à sua essência.

No segundo capítulo, realizaremos uma análise exegética, alicerçada nas principais temáticas teológicas presentes na perícope. Com simplicidade e rigor académico, iremos debruçar-nos sobre os dilemas do texto, veremos as fontes pagãs citadas pelo apóstolo, explicaremos as suas palavras e refutaremos algumas ideias erradas que, por vezes, escutamos sobre esta passagem do livro dos Atos dos Apóstolos.

Em terceiro lugar, apresentaremos uma atualização do relato. Tendo sempre At 17, 16-34 como pano de fundo, abordaremos alguns desafios que se colocam aos evangelizadores do nosso tempo: a idolatria hodierna, os novos areópagos, as metodologias utilizadas no anúncio da Boa-Nova, o diálogo com o mundo da cultura, entre outras dificuldades e oportunidades intrínsecas ao processo evangelizador do mundo contemporâneo.

Ao longo de todo o trabalho, recorreremos a uma vasta e credível fundamentação bibliográfica, de que destacamos alguns autores estrangeiros como Daniel Marguerat, Odile Flichy, Martin Dibelius e Rinaldo Fabris. Ao mesmo tempo, também consideramos oportuno dar atenção a inúmeros artigos publicados por teólogos portugueses, nomeadamente José Tolentino Mendonça, José Carlos Carvalho, António Couto e João Duque.

No que se refere ao estudo do texto bíblico, optámos por empreender uma análise narrativa e retórica, sem que tenhamos seguido rigidamente nenhum desses métodos exegéticos. De facto, os conhecimentos adquiridos até ao grau académico em que nos

encontramos não nos capacitaram para tal rigor de investigação interpretativa e, por isso, estamos conscientes das limitações a que nos sujeitámos e dos esforços necessários para colmatar algumas dessas incapacidades.

Por outro lado, demos um cunho pastoral a esta dissertação, permitindo-nos inseri-la no âmbito bíblico-pastoral, um espaço onde nos sentimos mais preparados e implicados. Deste modo, tentaremos apresentar uma reflexão pertinente que seja sentida e compreendida facilmente e que espelhe a aprendizagem realizada no Instituto Superior de Teologia de Viseu e na Faculdade de Teologia de Braga, dignificando o contributo de todos aqueles que estiveram implicados neste percurso de vários anos.

I. O TEXTO E OS SEUS CONTEXTOS

A perícope que nos propomos estudar é um quadro peculiar onde estão pintados rostos inéditos, lugares invulgares, séculos de História de um povo, muitos *quandos* e *porquês*! Em certa medida, o próprio texto apresenta-nos o seu contexto, mas, se queremos contemplar mais profundamente a beleza desta pintura bíblica, não nos podemos ficar por aí.

Na verdade, sem uma contextualização minimamente acurada, tornar-se-ia difícil ver para além do óbvio, encontrar pormenores riquíssimos e interpretar de maneira correta algumas palavras e ações relatadas em At 17, 16-34.

Deste modo, para que seja possível uma melhor compreensão do texto, iremos fornecer, neste primeiro capítulo, as chaves de leitura fundamentais.

1. Contextualização geral

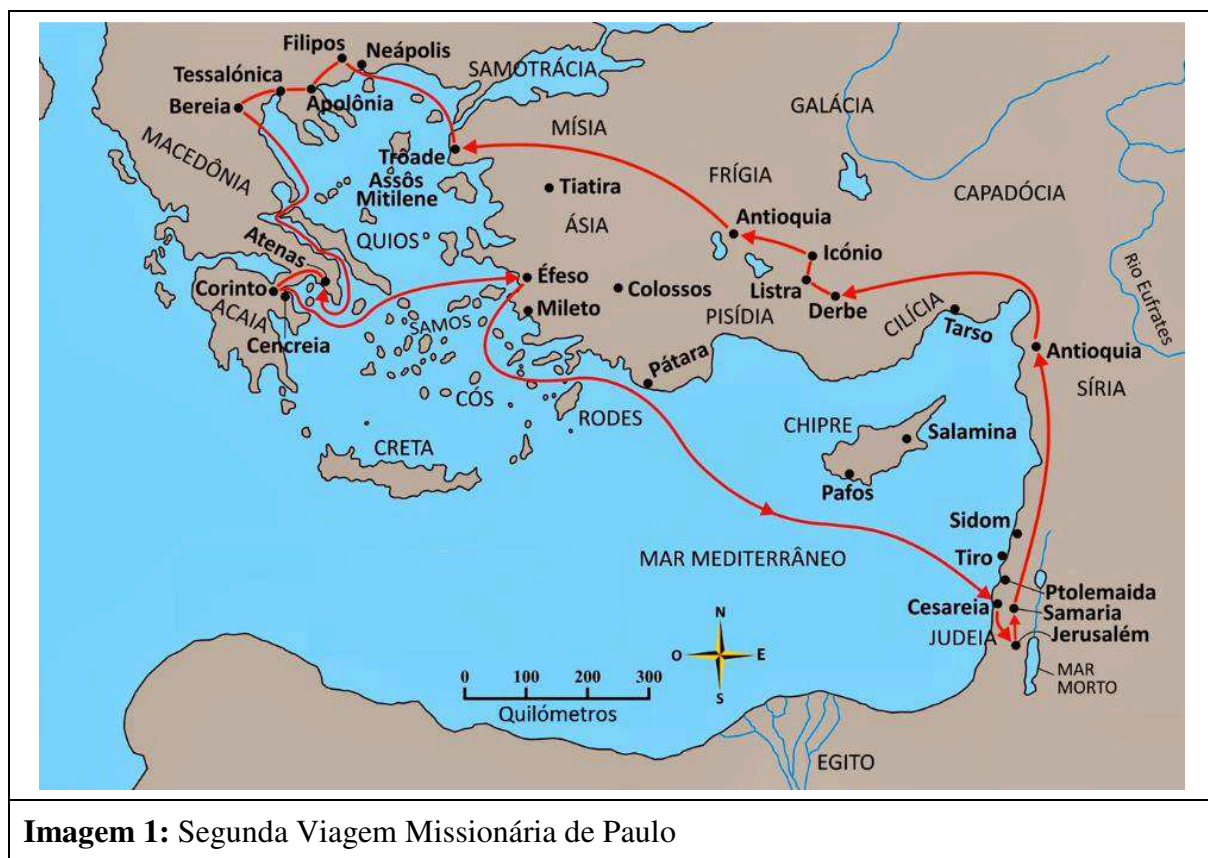
O episódio de Atenas aparece enquadrado na segunda viagem missionária de Paulo, nos começos da década de 50 d.C., depois da assembleia de Jerusalém e do envio de mensageiros a Antioquia, portadores das decisões dos apóstolos no que se referia ao acesso dos pagãos à fé² (cf. At 15, 5-35). Estamos diante de um momento fundamental: o Apóstolo rompe com as fronteiras continentais e, pela primeira vez, o Evangelho é anunciado na Europa³, sendo de salientar três etapas nesta viagem missionária pela Grécia: a pregação na Macedónia - Filipos, Tessalónica e Bereia (cf. At 16, 10 - 17, 15), a missão em Atenas (cf. At 17, 16-34) e o prolongado ministério em Corinto (cf. At 18, 1-18a).

O texto apresenta-nos uma situação muito particular. Depois dessa passagem por Atenas, os Atos dos Apóstolos não referem mais nenhuma pregação de Paulo aos gentios em

² Cf. O. FLICHY, *La figure de Paul dans les Actes des Apôtres (un phénomène de réception de la tradition paulinienne à la fin du 1^{er} siècle)*, ed. Cerf, Paris, 2007, p. 242.

³ Cf. L. S. NAVARRO, *Testimonios del Reino - Evangelhos Sinópticos e Hechos de los Apóstoles*, ed. Palabra, Madrid, 2010, p. 251.

cidades como Corinto, Filipos, Tessalónica, onde fundou comunidades muito importantes com quem tinha uma relação muito pessoal, principalmente com os convertidos do paganismo⁴.



Parece plausível pensar que a escolha de Atenas foi sugerida pela natureza programática deste discurso, inaugurando o género literário do diálogo entre a fé cristã e o pensamento religioso da Grécia. Nenhuma outra cidade era melhor do que Atenas para o pano de fundo deste discurso, tratando-se, de facto, do contexto ideal para culminar os anteriores debates de Paulo. Ei-lo na capital filosófica e cultural⁵.

Tudo isto faz do “relato da atividade de Paulo em Atenas a mais célebre passagem dos Atos”⁶! É aí que ele acaba com as “barreiras e conflitos entre Jerusalém e Atenas”⁷ e põe completamente em prática aquilo em que acreditava: para Cristo “não há judeu nem grego” (Gl 3, 28).

⁴ Cf. B. CORSANI, “Il Discorso di Paolo Agli Ateniesi”, in AA.VV., *Vangeli Sinottici e Atti degli Apostoli*, ed. Elle Di Ci, Torino, 1994, p. 525.

⁵ Cf. *Ibid.*, p. 526.

⁶ A. WIKENHAUSER, *Los Hechos de los Apóstoles*, ed. Herder, Barcelona, 1973, p. 287.

⁷ I. P. LAMELAS, “Que tem Atenas a ver com Jerusalém?”, in *Itinerarium*, LVI, nº 196 (2010) p. 98.

2. O Texto – At 17, 16-34

2.1. Texto grego⁸

- (16) Ἐν δὲ ταῖς Ἀθήναις ἐκδεχομένου αὐτοῦ τοῦ Παύλου παρωξύνετο τὸ πνεῦμα αὐτοῦ ἐν αὐτῷ θεωροῦντος κατείδωλον οὔσαν τὴν πόλιν.
- (17) διελέγετο μὲν οὖν ἐν τῇ συναγωγῇ τοῖς Ἰουδαίοις καὶ τοῖς σεβομένοις καὶ ἐν τῇ ἀγορᾷ κατὰ πᾶσαν ἡμέραν πρὸς τοὺς παρατυγχάνοντας.
- (18) τινὲς δὲ καὶ τῶν Ἐπικουρείων καὶ Στοϊκῶν φιλοσόφων συνέβαλλον αὐτῷ, καὶ τινες ἔλεγον, Τί ἂν θέλοι ὁ σπερμολόγος οὗτος λέγειν ; οἱ δέ, Ξένων δαιμονίων δοκεῖ καταγγελεὺς εἶναι, ὅτι τὸν Ἰησοῦν καὶ τὴν ἀνάστασιν εὐηγγελίζετο.
- (19) ἐπιλαβόμενοί τε αὐτοῦ ἐπὶ τὸν Ἄρειον Πάγον ἤγαγον λέγοντες, Δυνάμεθα γινῶναι τίς ἡ καινὴ αὕτη ἡ ὑπὸ σοῦ λαλουμένη διδαχὴ;
- (20) ξενίζοντα γάρ τινα εἰσφέρεις εἰς τὰς ἀκοὰς ἡμῶν· βουλόμεθα οὖν γινῶναι τίνα θέλει ταῦτα εἶναι.
- (21) Ἀθηναῖοι δὲ πάντες καὶ οἱ ἐπιδημοῦντες ξένοι εἰς οὐδὲν ἕτερον ηὐκαίρουν ἢ λέγειν τι ἢ ἀκούειν τι καινότερον.
- (22) Σταθεὶς δὲ [δ] Παῦλος ἐν μέσῳ τοῦ Ἀρείου Πάγου ἔφη, Ἄνδρες Ἀθηναῖοι, κατὰ πάντα ὥς δεισιδαιμονεστέρους ὑμᾶς θεωρῶ.
- (23) διερχόμενος γὰρ καὶ ἀναθεωρῶν τὰ σεβάσματα ὑμῶν εὔρον καὶ βωμὸν ἐν ᾧ ἐπεγέγραπτο, Ἀγνώστῳ θεῷ. ὃ οὖν ἀγνοοῦντες εὐσεβεῖτε, τοῦτο ἐγὼ καταγγέλλω ὑμῖν.
- (24) ὁ θεὸς ὁ ποιήσας τὸν κόσμον καὶ πάντα τὰ ἐν αὐτῷ, οὗτος οὐρανοῦ καὶ γῆς ὑπάρχων κύριος οὐκ ἐν χειροποιήτοις ναοῖς κατοικεῖ
- (25) οὐδὲ ὑπὸ χειρῶν ἀνθρωπίνων θεραπεύεται προσδεόμενός τινος, αὐτὸς διδοὺς πᾶσι ζωὴν καὶ πνοὴν καὶ τὰ πάντα·

⁸ Para consulta do texto grego utilizamos: E. NESTLÉ – K. ALAND, *Novum Testamentum Graecae*, ed. Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart, 1995, pp. 373-375. Tanto no texto grego como na tradução, a numeração dos versículos aparecerá entre parentêses, evitando-se assim qualquer tipo de confusão com os números referentes às notas de rodapé.

(26) ἐποίησέν τε ἐξ ἑνὸς πᾶν ἔθνος ἀνθρώπων κατοικεῖν

ἐπὶ παντὸς προσώπου τῆς γῆς, ὀρίσας προστεταγμένους καιροὺς
καὶ τὰς ὁροθεσίας τῆς κατοικίας αὐτῶν

(27) ζητεῖν τὸν θεόν, εἰ ἄρα γε ψηλαφήσειαν αὐτὸν καὶ εὗροιεν,
καὶ γε οὐ μακρὰν ἀπὸ ἑνὸς ἐκάστου ἡμῶν ὑπάρχοντα.

(28) Ἐν αὐτῷ γὰρ ζῶμεν καὶ κινούμεθα καὶ ἐσμέν,
ὥς καὶ τινες τῶν καθ' ὑμᾶς ποιητῶν εἰρήκασιν, Τοῦ γὰρ καὶ γένος ἐσμέν.

(29) γένος οὖν ὑπάρχοντες τοῦ θεοῦ οὐκ ὀφείλομεν νομίζειν χρυσῷ ἢ
ἀργύρῳ ἢ λίθῳ, χαράγματι τέχνης καὶ ἐνθυμήσεως ἀνθρώπου,
τὸ θεῖον εἶναι ὅμοιον.

(30) τοὺς μὲν οὖν χρόνους τῆς ἀγνοίας ὑπεριδὼν ὁ θεὸς,
τὰ νῦν παραγγέλλει τοῖς ἀνθρώποις πάντας πανταχοῦ μετανοεῖν,

(31) καθότι ἔστησεν ἡμέραν ἐν ἣ μέλλει κρίνειν τὴν οἰκουμένην
ἐν δικαιοσύνῃ ἐν ἀνδρὶ ᾧ ὥρισεν, πίστιν παρασχὼν πᾶσιν ἀναστήσας
αὐτὸν ἐκ νεκρῶν.

(32) Ἀκούσαντες δὲ ἀνάστασιν νεκρῶν οἱ μὲν ἐχλεύαζον, οἱ δὲ εἶπαν,
Ἀκουσόμεθά σου περὶ τούτου καὶ πάλιν.

(33) οὕτως ὁ Παῦλος ἐξηλθεν ἐκ μέσου αὐτῶν.

(34) τινὲς δὲ ἄνδρες κολληθέντες αὐτῷ ἐπίστευσαν, ἐν οἷς καὶ Διονύσιος
ὁ Ἀρεοπαγίτης καὶ γυνὴ ὀνόματι Δάμαρις καὶ ἕτεροι σὺν αὐτοῖς.

2.2. Tradução⁹

(16) Enquanto Paulo os esperava em Atenas, o espírito fremia-lhe de indignação ao ver a cidade repleta de ídolos¹⁰.

(17) Discutia na sinagoga com os judeus e prosélitos e, na praça pública, todos os dias, com os que lá apareciam¹¹.

(18) Até alguns filósofos epicuristas e estóicos trocavam impressões com ele. Uns diziam: «Que quererá dizer este papagaio?»¹² Outros: «Parece que é um pregoeiro de deuses estrangeiros.» Isto, porque Paulo anunciava a Boa-Nova de Jesus e a ressurreição.

(19) Levaram-no com eles ao Areópago e disseram-lhe: «Poderemos saber que nova doutrina é essa que ensinas?»¹³

(20) O que nos dizes é muito estranho e gostaríamos de saber o que isso quer dizer.»

(21) Na verdade, tanto os atenienses como os estrangeiros residentes em Atenas não passavam o tempo noutra coisa, senão a dizer ou a escutar as últimas novidades.

(22) De pé, no meio do Areópago, Paulo disse, então: «Atenienses, vejo que sois, em tudo, os mais religiosos dos homens¹⁴.

(23) Percorrendo a vossa cidade e examinando os vossos monumentos sagrados, até encontrei um altar com esta inscrição: ‘*Ao Deus desconhecido.*’ Pois bem! Aquele que venerais sem o conhecer é esse que eu vos anuncio.

(24) O Deus que criou o mundo e tudo quanto nele se encontra, Ele, que é o Senhor do Céu e da Terra, não habita em santuários construídos pela mão do homem,

⁹ A tradução portuguesa foi retirada de: *Bíblia Sagrada*, ed. Difusora Bíblica, Fátima, 2008, pp. 1810-1811. No início do nosso estudo desta perícopes, realizamos uma tradução própria, mais literal, a qual nos ajudou a compreender mais profundamente o texto, mas por uma questão metodológica optamos por expor uma tradução mais rigorosa. Ao longo do trabalho, todas citações bíblicas foram retiradas da tradução aqui referida.

¹⁰ TEB “(...) tinha a alma conturbada por ver esta cidade cheia de ídolos”. BJ “(...) seu espírito inflamava-se dentro dele, ao ver cheia de ídolos a cidade”.

¹¹ TEB “Por isso, dirigia a palavra na sinagoga, aos judeus e aos adoradores de Deus, e, cada dia na praça pública a toda a gente”. BJ “Disputava, por isso, na sinagoga, com os judeus e com os adoradores de Deus; e na ágora, a qualquer hora do dia, com os que a frequentavam”.

¹² TEB “Que quer dizer esse tagarela?”. BJ “Que quer dizer este palrador?”

¹³ TEB “Eles então o tomaram consigo para o conduzirem perante o Areópago: “Poderíamos saber, diziam, qual é essa nova doutrina que expões?”. BJ “Tomando-o então pela mão, conduziram-no ao Areópago, dizendo: “Poderíamos saber qual é essa nova doutrina apresentada por ti?”

¹⁴ TEB “Atenienses eu vos considero, sob todos os aspetos, homens quase religiosos demais”. BJ “Cidadãos atenienses! Vejo que, sob todos os aspetos, sois os mais religiosos dos homens”.

(25) nem é servido por mão humanas, como se precisasse de alguma coisa, Ele, que a todos dá a vida, a respiração e tudo mais.

(26) Fez, a partir de um só homem, todo o género humano¹⁵, para habitar em toda a face da Terra; e fixou a sequência dos tempos e os limites para a sua habitação,

(27) a fim de que os homens procurem a Deus e se esforcem por encontra-lo, mesmo Tateando, embora não se encontre longe de cada um de nós.

(28) É nele, realmente, que vivemos, nos movemos e existimos, como também o disseram alguns dos vossos poetas: ‘Pois nós somos também da sua estirpe’¹⁶.

(29) Se nós somos da raça de Deus, não devemos pensar que a Divindade é semelhante ao ouro, à prata ou à pedra, trabalhados pela arte e engenho do homem.

(30) Sem ter em conta estes tempos de ignorância, Deus faz saber, agora, a todos os homens e em toda a parte, que todos têm de se arrepender¹⁷,

(31) pois fixou um dia em que julgará o universo com justiça, por intermédio de um Homem, que designou, oferecendo a todos um motivo de crédito, com o facto de o ter ressuscitado de entre os mortos.»

(32) Ao ouvirem falar da ressurreição dos mortos, uns começaram a troçar, enquanto outros disseram: «Ouvir-te-emos falar sobre isso ainda outra vez.»

(33) Foi assim que Paulo saiu do meio deles.

(34) Alguns dos homens, no entanto, concordaram com ele e abraçaram a fé, entre os quais Dionísio, o areopagita, e também uma mulher de nome Dâmaris e outros com eles¹⁸.

¹⁵ TEB “A partir de um só homem, ele criou todos os povos (...)”. BJ “De um só ele fez toda a raça humana (...)”.

¹⁶ TEB “Pois é nele que nós temos a vida, o movimento e o ser, como disseram alguns de vossos poetas: Pois nós somos de sua raça”. BJ “Pois nele vivemos, nos movemos e existimos, como alguns dos vossos, aliás, já disseram: Porque somos também de sua raça”.

¹⁷ TEB “(...) anuncia agora a todos aos homens que todos, e em toda a parte, têm de se converter”. BJ “(...) Deus agora notifica aos homens que todos e em toda a parte se arrependam”.

¹⁸ TEB “Alguns, no entanto, tinham aderido a ele e abraçado a fé: entre eles, Dionísio, o Areopagita, uma mulher chamada Dâmaris, e outros mais”. BJ “Alguns homens, porém, aderiram a ele e abraçaram a fé. Entre esses achava-se Dionísio, o Areopagita, bem como uma mulher, de nome Dâmaris, e ainda outros com eles.”

3. Aspetos textuais e literários

3.1. Estrutura textual

Tendo em conta os principais desenvolvimentos temáticos e as correspondências lexicais e estilísticas da perícope, consideramos oportuno distinguir claramente duas grandes partes e, dentro de cada uma delas, salientar as pequenas porções temáticas.

A. Paulo em Atenas (vv. 16-21)

vv. 16-17. Descrição do ambiente cultural e religioso de Atenas

v. 18. Reações dos epicuristas e estóicos

vv. 19-20. Predisposição do cenário para o discurso solene no Areópago

v. 21. Informação discreta sobre aqueles que habitavam em Atenas

B. Discurso no Areópago¹⁹ (vv. 22-34)

vv. 22-23. Preparação do discurso aproveitando a existência do culto ao “deus desconhecido”

vv. 24-26. Apresentação de Deus como único e criador

vv. 27-29. A busca de Deus e a sua relação com o Homem

vv. 30-31. Anúncio cristão e apelo à conversão

vv. 32-34. Reação dos ouvintes e retirada de Paulo

No que se refere concretamente ao discurso de Paulo no Areópago (At 17, 22b-31), podemos dizer que ele apresenta as características próprias da retórica deliberativa²⁰, sendo constituído por três partes: começando com o *exórdio* (vv. 22b-23), segue-se a *probatio*, ou argumentação (vv. 24-29), e conclui com a *peroratio* (vv. 30-31)²¹.

¹⁹ Adotamos de forma aproximada a estrutura textual apresentada por R. FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos*, ed. Loyola, São Paulo, 1991, pp. 330-336. Para confronto com outra proposta sugerimos a consulta da estrutura retórica presente na obra de O. FLICHY, *op. cit.*, pp. 246-279.

²⁰ A retórica deliberativa não tem em vista uma defesa ou acusação do orador, mas pretende persuadir os ouvintes tendo como ponto de partida os valores em comum (Cf. D. MARGUERAT, *Les Actes des Apôtres [13-28]*, ed. Labor et Fides, Genève, 2015, p. 156).

²¹ Cf. *Ibid.*, pp. 156-163.

3.2. Pormenores linguísticos

Estamos diante de um texto que nos oferece um grego muito elaborado, claramente manifesto pela escolha precisa de certos termos. Por outro lado, a utilização do modo optativo também confirma a qualidade literária da linguagem, demonstrando-se assim que o próprio estilo do texto, corresponde às circunstâncias e à peculiaridade de um auditório bastante culto²².

Para além disso, não passa despercebido o elevado número de *hápax*, isto é, o autor utiliza várias palavras que não voltam a surgir na obra lucana e outras representam precisamente o único caso no Novo Testamento e até em toda a Bíblia. Vejamos:

A. Hápax de Lucas

- v. 23 - ἀναθεωρῶν (examinando)
 - σεβάσματα (monumentos sagrados)
 - ἐπεγέγραπτο (inscrição)
 - εὐσεβεῖτε (venerais)
- v. 24 - χειροποιήτοις (construídos pela mão)
- v. 27 - ψηλαφήσειαν (tateando)
- v. 29 - χαράγματι (*escultura*²³)
 - τὸ θεῖον (a Divindade)

B. Hápax Neo-testamentários

- v. 23 - βωμὸν (altar)
 - Ἀγνώστῳ (desconhecido)
- v. 25 - προσδεόμενός (como se precisasse)
- v. 30 - ὑπεριδὼν (sem ter em conta)

²² Cf. L. S. NAVARRO, *op. cit.*, p. 252.

²³ Em vez de utilizarmos a tradução da Difusora Bíblica, consideramos oportuno referir o sentido mais literal do termo.

C. Hápax Bíblicos

v. 22 - δεισιδαιμονεστέρους (os mais religiosos)

v. 26 - ὄροθεσίας (limites)

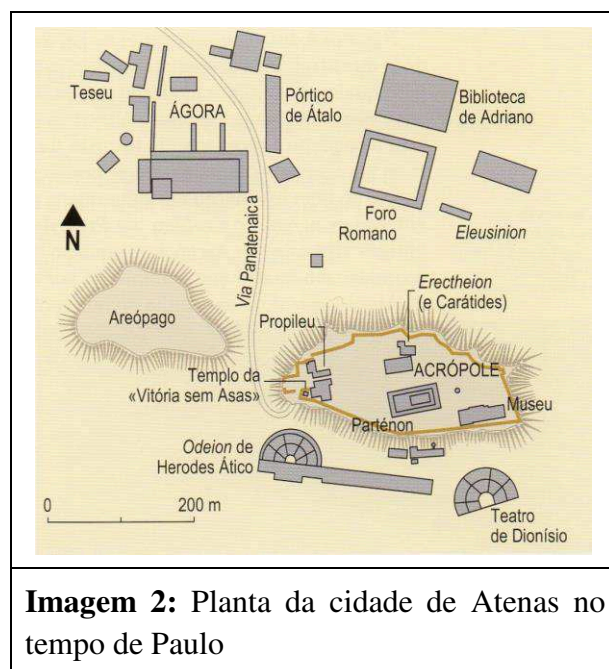
Estamos, de facto, diante de uma preciosidade literária, que poderemos confirmar, novamente, no segundo capítulo desta dissertação, quando aprofundarmos o estudo exegético e salientarmos várias particularidades temáticas e linguísticas.

4. Contextos

4.1. Histórico-geográfico

Ao longo do Antigo Testamento, vamos encontrando algumas referências ao mundo grego, nomeadamente no Livro dos Macabeus²⁴, mas, curiosamente, não encontramos aí qualquer menção à cidade de Atenas. Apesar de ter tido um papel político fundamental nos séculos V e IV a.C, esta cidade situada na península do Peloponeso - “a meio do caminho, entre Jerusalém e Roma”²⁵ - só ganha um lugar no mapa bíblico no livro dos Atos dos Apóstolos.

No tempo de Paulo, Atenas conservava as suas muralhas antigas do século VI e, dentro delas, sobressaía numa alta colina a Acrópole com os mais famosos monumentos de todo o mundo clássico; a sul da Acrópole, erguia-se o teatro de Dionísio com capacidade para aproximadamente 30.000 pessoas; a noroeste, a Ágora com o seu fantástico conjunto de edifícios e a oeste a colina do



²⁴ Cf. 2Mac 9, 15. Encontramos aqui uma tensão entre os judeus e os atenienses, isto é, entre o judaísmo fiel à sua eleição particular e um helenismo universalista, de tipo pagão.

²⁵ CH. L'EPLATTENIER, *Les Actes des Apôtres*, ed. Labor et Fides, Genève, 1992, p. 191.

Areópago. A 10 Km de distância situava-se o antigo porto de Pireu, já bastante degradado nessa época.

Mesmo depois de ter sido conquistada em 146 a.C., os romanos, tendo em consideração o seu magnífico passado²⁶, permitiram que Atenas continuasse a gozar de bastante prestígio, permanecendo uma *cidade livre*, isenta de pagar tributos à província romana de Acaia, cuja capital era Corinto.

4.2. Sócio-cultural

Atenas tinha um passado intelectual e artístico marcado pelo teatro e poesia, por políticos, historiadores e oradores²⁷. Tudo tinha contribuído para a sua glória, fazendo dela uma cidade cheia de prosperidade, de comércio, filósofos e escolas filosóficas²⁸.

Eis a cidade-berço da democracia, onde apenas os cidadãos podiam usufruir plenamente dos direitos políticos e da prática democrática. Os homens estavam no centro de todo o sistema cultural²⁹ (antropocentrismo), ficando excluídos do exercício do poder: as mulheres, os escravos e os metecos (estrangeiros que viviam na cidade Ateniense)³⁰.

Apesar de pouco a pouco a cidade ter perdido a sua áurea³¹, podemos dizer que, de certa maneira, “Atenas continua Atenas”³², a “pupila da Grécia” (Filón), “a tocha de toda a Grécia” (Cícero) e, como capital da cultura grega e “centro da formação intelectual”³³, atraía até si os

²⁶ Cf. F. F. BRUCE, *The International Commentary on the New Testament - The Book of the Acts revised*, ed. William B. Eedmans, Michigan, 1988, p. 329.

²⁷ “No tempo de Paulo, Atenas era conhecida por ser o centro histórico do antigo mundo clássico. Mais de 500 anos antes, fora pioneira no que toca à arquitectura, escultura, filosofia e todos os tipos de literatura (Tragédia, Comédia, Poesia e História). Tivera uma «era dourada» jamais igualada, deixando o mundo antigo em permanente dívida para com ela” (P. WALKER, *Nas pegadas de São Paulo – Um guia ilustrado das viagens de São Paulo*, ed. Paulinas, Prior Velho, 2011, p. 108).

²⁸ Cf. J. FITZMYER, *Los Hechos de los Apóstoles II*, ed. Sígueme, Salamanca, 2003, p. 269.

²⁹ Cf. J. LOURENÇO, “O mundo de São Paulo. Duas culturas – uma mesma fé”, in *Itinerarium*, LV, nº 193 (2009), p. 27.

³⁰ Cf. J. P. SERRA, “A Democracia na Grécia Antiga”, in *Communio*, XXIX (2012/1), p. 11.

³¹ Para um maior aprofundamento sobre os acontecimentos históricos de Atenas e a sua contextualização no mundo grego, aconselhamos a leitura de P. P. FUNARI, *Grécia e Roma*, ed. Contexto, São Paulo, 2002, pp. 13-76.

³² J. C. CARVALHO, “Eixos maiores da teologia paulina”, in *Humanística e Teologia*, XXX (2009/1), p. 68.

³³ C. LANGNER, *Evangelio de Lucas Hechos de los Apóstoles*, ed. Verbo Divino, Navarra, 2013, p. 366.

jovens e os nobres romanos que desejavam adquirir cultura e ciência³⁴, sendo esta uma das razões pelas quais “Lucas considera Atenas como o centro histórico, cultural e filosófico do mundo greco-romano”³⁵. Como nos diz Daniel Marguerat:

“No primeiro século, esta cidade já não possuía o brilho da Atenas de outrora: ela perdera todo o poder político, a sua economia declinou, a população (...) contava 10 000 habitantes em vez dos 170 000 dos tempos gloriosos. Mas no mundo mediterrânico, Atenas continuava a fascinar como simbolo do requinte artístico e pináculo da inteligência humana”³⁶.

4.3. Religioso

Falar de Atenas implica, obrigatoriamente, fazer uma referência à sua profunda sensibilidade religiosa, testemunhada por várias referências literárias e também pela própria arqueologia sacra que confirma a existência de abundantes “vestígios de templos e cultos a divindades, numa época em que os caminhos de procura de sentido eram os mais distintos e o sincretismo prosperava”³⁷. O próprio nome da cidade teve a sua origem numa crença mitológica: *Atena*, deusa da sabedoria, da guerra, das artes e da justiça.

Apesar de estar afetada por uma crise nos aspetos mitológicos e cívicos³⁸, a religião tradicional mantinha-se muito viva³⁹, não havendo outra cidade com tão grande número de templos. Na Acrópole, o Pártenon dominava a cidade do alto das suas colunas e nas ruas e nos cruzamentos elevavam-se altares de todo o género dedicados às inumeráveis divindades⁴⁰. Atenas era uma cidade “repleta de «monumentos sagrados» que incluíam tabernáculos, templos, santuários das extrações mais díspares”⁴¹ e, a par disto, “muitos cultos pagãos

³⁴ Cf. A. WIKENHAUSER, *op.cit.*, p. 288.

³⁵ J. FITZMYER, *op. cit.*, p. 269.

³⁶ D. MARGUERAT, *op. cit.*, p. 153.

³⁷ J. T. MENDONÇA, “Quando o Novo Testamento cita os poetas (Act 17, 28). Um mapa para o presente”, in *Communio*, XXXI (2014/4), p. 393.

³⁸ Cf. BENEDICTUS PP. XVI, “Audiência geral”, *São Paulo (1): O ambiente religioso-cultural*.

³⁹ Cf. S. TOMKINS, *Pablo y su mundo*, ed. San Pablo, Madrid, 2007, p. 120.

⁴⁰ Cf. E. DAHLER, *Os Lugares da Bíblia*, ed. São Paulo, Sacavém, 1996, p. 16.

⁴¹ J. T. MENDONÇA, “Quando o Novo Testamento cita os poetas (Act 17, 28). Um mapa para o presente”, p. 393.

prescindiam dos templos oficiais da cidade e realizavam-se em lugares particulares”⁴². A variedade de manifestações religiosas era tão grande que, por exemplo, ao analisarmos o discurso de Paulo na Ágora de Atenas, constatamos que em tão poucas linhas Lucas fala de três tipos de religião:

“A religião pagã politeísta de Listra, a religião popular de Éfeso com o culto de Diana e da deusa Artemis, e a religião dos ritos mágicos cujos livros são queimados em At 19, 18-19”⁴³.

Contrariamente a Jerusalém que defendia o paradigma do reduto unitário, “Atenas segue o modelo dispersivo, múltiplo, acolhendo e dialogando com componentes heterogêneos, tirando partido e energia dessa abertura para o diverso”⁴⁴. Se Jerusalém havia sido o paradigma de um estilo de vida assente na revelação de Deus, Atenas, por sua vez, alicerçava-se sobre a idolatria, a filosofia e a sabedoria humana.

4.4. Filosófico

No tempo de Paulo, ainda havia um grande número de filósofos, “sendo os estóicos e os epicuristas as duas escolas mais representativas”⁴⁵. Era perfeitamente normal que, pelas ruas da grandiosa cidade, as pessoas escutassem os pregadores ambulantes de doutrinas filosóficas e religiosas, tendo sido precisamente isso que permitiu a Paulo iniciar um diálogo com os representantes das célebres escolas epicurista e estóica.

Por outro lado, devemos ter em atenção que o mundo onde nasce o cristianismo é um mundo em mudança, que vê abalados os seus alicerces pela perda dos seus pontos de referência. Contrariamente à época da Roma imperial, os povos do mediterrâneo vivem angustiados e desejam encontrar um novo paradigma que os oriente.

⁴² BENEDICTUS PP. XVI, *São Paulo (1): O ambiente religioso-cultural*.

⁴³ J. C. CARVALHO, “Eixos maiores da teologia paulina”, p. 70.

⁴⁴ J. T. MENDONÇA, “Quando o Novo Testamento cita os poetas (Act 17, 28). Um mapa para o presente”, p. 392.

⁴⁵ E. DAHLER, *op. cit.*, p. 15.

Ora, é neste contexto que Paulo, ao chegar a Atenas, se depara com essas duas respostas filosóficas às crises que as conquistas de Alexandre Magno (334-323 a.C.) provocaram no mundo sociopolítico grego.

Apesar de ambas se basearem num ascetismo profundo que visa encontrar uma solução para o problema da felicidade⁴⁶, acabamos por encontrar diferenças evidentes. De uma forma simples, podemos afirmar que os epicuristas estavam “mais centrados nos valores estéticos do mundo e os estóicos, abertos à união sagrada do cosmos, com a sua ética exigente”⁴⁷.

“São ambas, estoicismo e epicurismo, doutrinas de reconciliação do homem com a natureza. Tentam explicar o Homem e o mundo por meio de sistemas que compreendem uma lógica e uma física que levam a uma ética. Ensinam critérios de certeza e regras de vida. Assim, têm objetivos morais: definição do conceito de sábio e felicidade individual; e implicam ambos uma atitude religiosa”⁴⁸.

Para que nos seja possível compreender melhor as palavras de Paulo, iremos debruçar-nos um pouco mais profundamente sobre estas duas escolas filosóficas.

4.4.1. Epicurismo

Surgiu em Atenas pelos finais do século IV a.C. com Epicuro⁴⁹ (341 – 270 a.C.⁵⁰). Este cidadão ateniense, nascido na época em que a Grécia se encontrava sob a autoridade da Macedónia, considerava que as escolas aristotélica e platónica estavam desatualizadas, apenas possuíam um pensamento do passado. Por outro lado, encontrava em si próprio a capacidade de dizer algo novo, de construir futuro⁵¹.

⁴⁶ Cf. P. LÊVÊQUE, *O Mundo Helenístico*, ed. 70, Viseu, 1987, p. 115.

⁴⁷ X. PIKAZA, *Diccionario de la Biblia*, ed. Verbo Divino, Navarra, 2007, p. 114.

⁴⁸ M. G. NOVAK, “Estoicismo e Epicurismo em Roma”, in *Letras Clássicas*, III (1999), p. 259.

⁴⁹ Epicuro, filósofo grego, foi o fundador do epicurismo. Viveu no período em que as cidades gregas perderam a sua liberdade política, depois de terem sido conquistadas pela Macedónia. O seu pensamento tem como linha de fundo a ideia de que o objetivo natural do Homem é o prazer mas a maior parte dos seus escritos já não existe, excetuando-se as cartas e os aforismos. As suas ideias chegaram até nós graças a Lucrécio e Diógenes Laércio (séc. III d.C.).

⁵⁰ Cf. L. JERPHAGNON, *Dicionário das Grandes Filosofias*, ed. 70, Porto, 1999, p. 94.

⁵¹ Cf. G. REALE – D. ANTISERI, *Historia da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*, ed. Paulus, São Paulo, 1990, p. 228.

No ano de 306 a.C., Epicuro comprou uma casa na periferia de Atenas, que possuía um jardim⁵² bastante grande, onde ele decidiu criar uma escola filosófica diferente, afastada da agitação da *pólis*, privilegiando o contacto com a natureza e com o silêncio.

Para Epicuro, o fim último da existência humana encontra-se na felicidade que alcançamos através do prazer. Porém, isto não quer dizer que, para se ser feliz, tenhamos de realizar todos os caprichos à nossa vontade, mas que devemos satisfazer todos aqueles desejos que tenham como fim a supressão da dor, a tranquilidade e a liberdade interior e que nos levem a um estado de *ataraxia* (serenidade da alma).

Tendo por base a concepção materialista da natureza exposta por Demócrito, defende que o Homem deve abdicar do medo dos deuses, do destino e da morte pois são um absurdo⁵³. Uma vez que alma é formada por átomos pequenos e subtis⁵⁴ que se dissipam depois da morte, não existe nada a temer com o fim da vida, evitando-se assim a intranquilidade e infelicidade.

O filósofo realçava a importância do corpo como fundamento da nossa existência, contrariando assim o pensamento platónico que considerava o corpo uma sepultura. Na perspectiva epicurista, o corpo devera ser aceite com todas as suas limitações pois é, de facto, a única *realidade que somos* e, portanto, é a correta *medida das coisas*. Porém, ao contrário do que sugeria o sofista Protágoras, esta *medida* não é simplesmente algo intelectual.

No jardim, Epicuro e os seus discípulos levavam uma vida bastante moderada, e nas suas formas de convivência, encontrava-se, claramente, a influência do carácter amável e generoso do seu fundador.

⁵² É frequente utilizar-se a palavra *Jardim* para designar a própria escola epicurista. Os seus discípulos incluíam mulheres e escravos, viviam em reclusão e praticavam uma alimentação frugal.

⁵³ Cf. M. G. NOVAK, *art. cit.*, p. 260-261.

⁵⁴ Cf. A. KENNY, *Nova História da Filosofia Ocidental - Filosofia Antiga*, ed. Gradiva, Lisboa, 2010, p. 113.

Apresentavam uma atitude silenciosa perante a política do seu tempo, negavam qualquer tipo de coisa que lhes pudesse desequilibrar o espírito, afastavam-se dos cultos religiosos populares⁵⁵, desprezavam o luxo e a atitude consumista.

Porém, Epicuro não é um ateu. A existência de deuses “é evidente, uma vez que a sua ideia existe, mecanicamente, em todos os Homens do mundo”⁵⁶. Para ele, as divindades são corporais, estão nos espaços etéreos⁵⁷ e não intervêm neste mundo, muito menos nos assuntos humanos. Ao viverem a felicidade no grau mais elevado, apresentam-se como modelos a imitar pelos terrestres sujeitos às leis implacáveis do acaso e da necessidade. Deste modo, a relação com os deuses era residual e impercetível, excetuando-se os sábios. Uma vez que estes viviam um equilíbrio que Epicuro, seguindo Demócrito, designara *ataraxia*, os deuses aceitavam a sua amizade.

Até ao dia da sua morte, Epicuro defendeu que o prazer, em qualquer situação, podia prevalecer sobre a dor. Isto comprova-se pela carta que ele escreveu ao seu amigo Idomeneu, pouco antes de morrer:

“Escrevo-te isto no dia bendito que é o último da minha vida. A estrangúria e a disenteria instalaram-se, com maior intensidade possível de dor. São compensadas pela alegria que tenho na recordação das nossas conversas passadas” (D. L. X. 22)

⁵⁸.

Depois disto, surgiram escolas epicuristas por todo o lado e, nomeadamente em Roma, constituiu-se uma comunidade bastante viva. O seu maior discípulo foi Lucrécio que, apesar de nada *sofrer* da parte deuses, foi bastante perseguido pelos Homens.

“Lucrécio não esgota a história do epicurismo romano. Parece mesmo que o epicurismo teórico, que o poeta se esforça por restaurar, cedeu pouco a pouco

⁵⁵ Cf. M. FATTAL, *Saint Paul face aux philosophes épicuriens et stoïciens*, ed. L'Harmattan, Paris, 2010, p. 26.

⁵⁶ L. JERPHAGNON, *op. cit.*, p. 95.

⁵⁷ Levam uma boa vida nos famosos «inter-mundos» (misteriosos interstícios que separam os mundos existentes) e conversam entre si, em grego (Cf. *Ibid.*, p. 95).

⁵⁸ A. KENNY, *op. cit.*, p. 114.

lugar a (um) epicurismo popular que invadia cada vez mais o pensamento romano”⁵⁹.

4.4.2. Estoicismo

A doutrina estóica expandiu-se desde o século IV a.C. até ao século II d.C. Durante seis séculos, os estóicos, à semelhança dos epicuristas, procuraram a tranquilidade, mas enveredaram por um caminho diferente.

O seu fundador foi Zenão de Cítio (334 - 262 a.C.)⁶⁰, nascido em Kiton, Chipre. No ano 313 a.C., foi viver para Atenas onde tomou contacto com o pensamento de Sócrates e Xenofonte⁶¹, o que fez com que se apaixonasse pela filosofia. Depois de alguns anos de estudo na Academia, fundou uma escola própria. Como não era cidadão ateniense, Zenão estava impossibilitado de comprar um terreno ou habitação onde pudesse ministrar as suas palestras e, por isso, reunia-se com os seus discípulos junto ao *Stoa Poikile*. É aqui que encontramos a origem da denominação “estóicos”, ou seja, são os filósofos da “*Estoa*”, do Pórtico de Poecilo⁶².

O seu ensino era sistemático e estava assente, principalmente, em três disciplinas: lógica, ética e física. “A lógica, diziam os seus discípulos, era o esqueleto da filosofia, a ética era a carne e a física, a alma (D. L. VII. 37).”⁶³

A ética estóica define a felicidade (*eudaimonia*) como princípio fundamental. A mais sublime manifestação da virtude é viver conforme a natureza. Isso enche o ser humano de felicidade. Esta conformidade é algo racional que faz coincidir com o *logos* da natureza e da vida. Porém, esta natureza, com que se estabelece uma identificação, é precisamente o universo inteiro, com a sua harmonia e plenitude.

⁵⁹ L. JERPHAGNON, *op. cit.*, p. 96.

⁶⁰ Cf. A. KENNY, *op. cit.*, p. 114.

⁶¹ Além destas houve outras doutrinas que influenciaram o seu pensamento: Heraclito, cínicos, peripatéticos e até, devido às suas viagens, a magia dos sacerdotes persas.

⁶² Cf. P. LÊVÊQUE, *op. cit.*, p. 117.

⁶³ A. KENNY, *op. cit.*, p. 115.

Neste ponto, encontramos uma importante diferença em relação à doutrina epicurista. O estoicismo não se limita a defender que o sentido da vida passa por aceitar, exclusivamente, as condições do mundo terreno, mas sugere uma identificação com um *logos* que está para além da natureza humana. A questão da felicidade extravasa os limites do próprio corpo.

Também em confronto com o pensamento de Epicuro, todos os estoicos consideravam que, uma vez que a sociedade é natural ao Homem, um bom ser humano é aquele que, desejando estar em harmonia com a Natureza, desempenharia um papel ativo na sociedade e cultivaria com empenho as virtudes sociais.

“A *Stoa* (...) anunciou um novo ideal, que impunha ao Homem deveres em relação ao seu próximo, mas ao mesmo tempo libertava-o de todos os vínculos físicos e nacionais, e dele fazia um ser puramente espiritual”⁶⁴.

Para os estóicos, viver em conformidade com a natureza correspondia a viver segundo a virtude. A sua doutrina moral mais popular e também mais criticada, era a que considerava que só a virtude era necessária e suficiente para alcançar a felicidade. “A virtude não era apenas o fim último e o bem supremo: era também o único bem genuíno”⁶⁵.

A virtude característica da filosofia estóica é a inteligência, que Sêneca designara *ratio perfecta*. As restantes qualidades humanas têm de se encaminhar para ela, uma vez que é hegemónica e domina e organiza todas as outras qualidades positivas.

Segundo o estoicismo, tudo procede do fogo e a ele retorna. Trata-se de um ciclo que se renova ininterruptamente. O fogo, por sua vez, é identificado com a divindade ou lei racional que dirige o mundo e com o qual o Homem sábio deve conformar-se. Desta forma, o estóico estabelece para si mesmo uma norma moral que o coage a agir em conformidade com a natureza e a razão, a dominar as suas paixões, a desejar a imperturbabilidade, a fraternidade universal conformando a sua vontade com a vontade do destino⁶⁶.

⁶⁴ M. POHLENZ, *La Stoa, – Storia di un movimento spirituale*, ed. Bompiani, Florença, 1978, p. 565.

⁶⁵ A. KENNY, *op.cit.*, p. 300.

⁶⁶ Cf. M. G. NOVAK, *art. cit.*, p. 260.

Para os estóicos, divindade é sinónimo de *logos*⁶⁷, razão universal impassível que dirige e governa o mundo sem se sujeitar à imperfeição humana. O *logos* estóico é um princípio psíquico e imanente que age no mundo de uma maneira teatral, como se de um dramaturgo se tratasse.

Esta doutrina filosófica difundiu-se, amplamente, por todo o Império Romano, tendo alcançado o seu maior esplendor no século I a.C. Sabendo que, ao longo dos vários séculos, foram ocorrendo evoluções consideráveis, distinguem-se três períodos. Primeiramente, o tempo dos fundadores: Zenão de Cítio, Cleante de Assos e Crisipo de Sole (280 – 210 a.C.). Esta nova filosofia elaborava respostas para as necessidades humanas como a cosmologia, a lógica, a ética e a física. No estoicismo médio, encontramos Panécio de Rodes (180 - 110 a.C.) e Possidónio de Apameia (135 - 50 a.C.): pouco a pouco, foram colocadas de lado as complicações cosmológicas. Por fim, surgem nomes como Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.), Epicteto (século I d.C.) e o imperador Marco Aurélio, um Estoicismo chamado “imperial”, platonizante e bastante influenciado pelas doutrinas cínicas, pretendendo ser uma espécie de guia espiritual para aqueles tempos conturbados⁶⁸.

⁶⁷ Cf. M. FATTAL, *op. cit.*, p. 32.

⁶⁸ Cf. L. JERPHAGNON, *op. cit.*, p. 95.

II. ALCANCE TEOLÓGICO DO TEXTO

Ao longo deste trabalho, deparamo-nos com várias interpretações desta passagem de Paulo por Atenas. Estamos, muito provavelmente, diante da passagem do livro dos Atos dos Apóstolos que deu origem a mais comentários e estudos exegéticos⁶⁹, o que ilustra bem a complexidade do estudo a que nos sujeitamos.

Uma vez que esta análise do relato de At 17, 16-31 tem como principal objetivo perceber a grande riqueza deste encontro inaugural entre a fé cristã e a filosofia grega, consideramos que está para além da delimitação metodológica deste trabalho tentar concluir se estamos diante “de um episódio histórico ou de uma dramatização do encontro e confronto entre o cristianismo e o mundo grego”⁷⁰.

Quer se trate de uma construção literária de Lucas, de um acontecimento histórico⁷¹, ou até das duas coisas em simultâneo, a verdade é que a profundidade evangélica e cultural deste texto assinala um momento emblemático do diálogo entre a fé e a cultura de um povo, o que faz dele um autêntico *discurso-modelo*⁷².

Conscientes desta pluralidade de perspetivas, neste Segundo Capítulo, optamos por adotar uma metodologia eclética que dê destaque às temáticas principais do texto em análise.

1. O culto do perecível

Não sabemos se fazia parte dos planos de Paulo evangelizar Atenas, um lugar tão difícil como o são todos os espaços marcados pela reflexão e pensamento. Quem chegasse a esta cidade, ouviria falar de política, de filosofia, de religião, de tudo e mais alguma coisa. Era

⁶⁹ Cf. F. F. BRUCE, *op. cit.*, p. 333.

⁷⁰ I. P. LAMELAS, *art. cit.*, pp. 98-99.

⁷¹ “El problema histórico es si el apóstol Pablo pudo haber pronunciado este discurso.” (M. DIBELIUS, “Pablo en el Areópago”, in AA.VV. *La investigación de los evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles en el siglo XX*, ed. Verbo Divino, Navarra, 1996, p. 332.) Para um maior aprofundamento desta questão, recomendamos a leitura de todo o capítulo dessa obra, pp. 297-353. Também é de ter em conta uma breve análise desse estudo presente em J. DUPONT, *Études sur les Actes des Apôtres*, ed. Cerf, Paris, 1967, p. 50-54.

⁷² Cf. CH. L’EPLATTENIER, *op. cit.*, p. 191.

ainda um grande centro cultural. Poderia Paulo ficar indiferente perante todo este ambiente? “Difícilmente, porque ele mesmo era um intelectual de Tarso, e faz umas quantas alusões a autores gregos”⁷³.

Antes de mais, é importante tentarmos perceber quais foram os sentimentos que assolaram o Apóstolo, ao chegar a Atenas. Lucas deixa bastante claro que Paulo não se deixou iludir⁷⁴ pela grandeza dos monumentos daquela urbe, dado que se tratava de uma cidade de ídolos: um *supermercado do sagrado* onde cada um poderia, diariamente, percorrer os seus corredores e escolher os deuses a quem era mais proveitoso prestar culto.

Enquanto esperava por Silas e Timóteo (ἐκδεχομένου αὐτοῦς), ao deparar-se com essa amálgama de deuses (v. 14), Paulo ficou revoltado (παρωξύνετο) porque era inconcebível para o seu espírito (πνεῦμα) conciliar as práticas politeístas com a sua fé cristã⁷⁵.

No entanto, esta “radical incompatibilidade”⁷⁶ presente no capítulo 17 não é uma temática nova, nos Atos dos Apóstolos. O episódio de Listra relata que Paulo e Barnabé ao perceberem que as multidões os consideravam deuses dignos de receber presentes e sacrifícios, ficaram cheios dos mesmos sentimentos de repulsa, rasgando as vestes como sinal de indignação⁷⁷ (cf. At 14, 8-18).

O autor pretendeu que a problemática de Listra ficasse esclarecida desde o princípio do relato de Atenas, fornecendo ao leitor um “enquadramento hermenêutico”⁷⁸ que o preparasse para compreender melhor o significado dos factos que descreve em seguida: a passagem de Paulo pelo centro intelectual da Grécia não se resume a um sentimento de revolta ou a uma pregação que, simplesmente, se fez ouvir na sinagoga. Pelo contrário, ecoou

⁷³ A. T. ROBERTSON, *Imágenes Verbales en el Nuevo Testamento - Los Hechos de los Apóstoles*, ed. Libros Clie, Barcelona, 1989, p. 292.

⁷⁴ Cf. *Ibid.*, p. 292.

⁷⁵ Cf. O. FLICHY, *op. cit.*, p. 246.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 246.

⁷⁷ Cf. Mt 26, 65

⁷⁸ O. FLICHY, *op. cit.*, p. 247.

na Ágora e, de seguida, no Areópago, lugares onde se reuniam os grandes detentores da sabedoria.

Quebrando um pouco o ritmo pormenorizado do início do relato, nos versículos 17 e 18, encontramos um conjunto de acontecimentos narrados de uma maneira mais rápida⁷⁹. No entanto, Lucas estabelece a ligação perfeita entre o estado de espírito de Paulo e as discussões (διελέγετο) que ele empreendeu com os judeus na sinagoga (ἐν τῇ συναγωγῇ τοῖς Ἰουδαίοις) e com aqueles que encontrava todos os dias na Ágora (καὶ ἐν τῇ ἀγορᾷ κατὰ πᾶσαν ἡμέραν⁸⁰). A referência direta a estes dois lugares resume perfeitamente os dois campos da atividade missionária paulina depois do Concílio de Jerusalém⁸¹.

Entre os vários ouvintes, encontravam-se “representantes típicos das duas correntes espirituais e humanísticas do ambiente grego contemporâneo de Paulo”⁸²: alguns filósofos epicuristas e estóicos (τῶν Ἐπικουρείων καὶ Στοϊκῶν φιλοσόφων).

No entanto, porque o apóstolo falou de Jesus e da ressurreição (ὅτι τὸν Ἰησοῦν καὶ τὴν ἀνάστασιν εὐηγγελίζετο), surgiram um conjunto de perguntas e reações (v. 18b) que são representativas destes dois grupos de filósofos⁸³.

Primeiramente, os epicuristas, cheios de desprezo, questionam-se: “Que quererá dizer este papagaio?”. Paulo é apelidado de σπερμολόγος, “recolhedor de sementes”, um pássaro semelhante a uma gralha. Este termo, “na gíria ateniense, soa como um insulto e desqualificação cultural: parasita, tagarela”⁸⁴. O apóstolo é visto simplesmente como mais um

⁷⁹ Cf. *Ibid.*, p. 247.

⁸⁰ Esta passagem é elucidativa da diferença entre o culto semanal realizado na sinagoga (cf. At 17,2) e o ritmo quotidiano daqueles que frequentavam a praça pública. A utilização desta expressão temporal demonstra igualmente o empenho que Paulo empreendeu durante vários dias para tentar converter os Atenienses dos cultos idolátricos (Cf. *Ibid.*, p. 247).

⁸¹ Cf. At 13

⁸² R. FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos*, p. 326.

⁸³ Cf. *Ibid.*, p. 326. Porém, há autores que defendem que não existe uma direta ligação entre as escolas filosóficas e as reações ao discurso de Paulo. Por exemplo: “La distinction de deux types de réaction n’étant pas explicitement aploquée aux deux groupes précédemment cités, l’indétermination qui en résulte peut viser simplement à renforcer le caractère anime des discussions suscitées par les propos de Paul” (O. FLICHY, *op. cit.*, pp. 248-249).

⁸⁴ R. FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos*, p. 326.

charlatão que utiliza um discurso sem sentido para tentar vender umas novidades que não passam de uma mistura de tolices com *slogans* culturais⁸⁵. Por outro lado, numa atitude menos ridicularizante, aparece a reação estoica que o compara a “um pregoeiro de deuses estrangeiros⁸⁶ (ζένων δαιμονίων⁸⁷ δοκεῖ καταγγελεὺς εἶναι)”.

A reação dos filósofos tem a sua génese numa interpretação politeísta pagã da pregação cristã de Paulo. Para eles, Jesus e a ressurreição eram duas novas divindades, um casal, como era habitual nos seus modelos religiosos⁸⁸.

Deste modo, constatamos que, anunciar a Boa-Nova num contexto cultural greco-romano não era uma missão fácil⁸⁹. Mas Paulo não foge às dificuldades! Não desiste depois de ter sido zombado! Em vez de se conformar com a indiferença de alguns, entusiasma-se com a curiosidade daqueles que o querem ouvir mais e o levam até ao Areópago⁹⁰ (ἐπιλαβόμενοι τε αὐτοῦ ἐπὶ τὸν Ἄρειον Πάγον ἤγαγον).

Os versículos 19-21 referem que a ida de Paulo ao Areópago fica a dever-se ao facto de os atenienses serem portadores de um desejo insaciável por novidades (τι καινότερον). No entanto, o estudo exegético do texto tem levantado a questão: será que o apóstolo foi levado ao Areópago simplesmente para satisfazer os curiosos⁹¹ ou para ser julgado?⁹² Segundo Daniel Marguerat, a linguagem utilizada pelo autor bíblico permite essas duas interpretações. A expressão “levaram-no” (ἐπιλαβόμενοι αὐτοῦ), interpretada num sentido

⁸⁵ Cf. *Ibid.*, p. 326.

⁸⁶ Apesar desta afirmação parecer menos dura do que a primeira, tem como pano de fundo uma acusação bastante grave: o anúncio de “divindades estrangeiras” foi a justificação pela qual mataram Sócrates em 399 a.C. (Cf. D. MARGUERAT, *op. cit.*, p. 155).

⁸⁷ Esta é a única passagem do Novo Testamento em que o termo δαιμόνιον é utilizado com o antigo sentido grego de divindade, boa ou má, não tendo o sentido de “demónios” (Cf. A. T. ROBERTSON, *op. cit.*, p. 296).

⁸⁸ Cf. R. FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos*, p. 327.

⁸⁹ Cf. O. FLICHY, *op. cit.*, p. 248.

⁹⁰ Cf. R. FABRIS, *Paolo - L'Apostolo Delle Genti*, ed. Paoline, Milano, 1997, p. 257.

⁹¹ Alguns intérpretes pensam que Paulo foi levado à colina para poder falar à vontade, sem o barulho da praça. Num lugar tranquilo poderia expor a sua doutrina ao auditório que o rodeava, e que devia ser constituído por uns 10 a 20 filósofos (Cf. A. WIKENHAUSER, *op. cit.*, p. 290).

⁹² Cf. D. MARGUERAT, *op. cit.*, p. 155.

violento, pode dar a entender que Paulo havia sido levado como prisioneiro⁹³, mas pelo contrário, também pode significar um gesto de proximidade⁹⁴.

Para se poder compreender mais fielmente o significado do termo neste contexto, é necessário percebermos para onde é que Paulo foi de facto levado! O Areópago poderia corresponder a um lugar, à colina de Ares, onde se encontrava o tribunal máximo da cidade; ou a uma assembleia, o Conselho dos Magistrados⁹⁵, que se reunia junto da *Stoa Basileios*, perto da Ágora, para falar dos assuntos diários.

O duplo sentido do termo coloca-nos perante um dilema, mas se tivermos em conta alguns pormenores que surgem ao longo do texto, compreendemos que o próprio Lucas nos proporciona a solução para esta importante problemática.

De facto, um estudo acurado permite encontrar alguns indícios que apontam para a ideia de uma “assembleia”. Por exemplo, no versículo 22a, aparece relatado que Paulo falou “no meio do Areópago”. Ora, no livro dos Atos dos Apóstolos, a expressão ἐν μέσῳ refere-se sempre a um grupo de pessoas.

At 1, 15. “Por aqueles dias, Pedro levantou-se no meio (ἐν μέσῳ) dos irmãos - encontravam-se reunidas cerca de cento e vinte pessoas - e disse (...)”.

At 2, 22. “Homens de Israel, escutai estas palavras: Jesus de Nazaré, Homem acreditado por Deus junto de vós, com milagres, prodígios e sinais que Deus realizou no meio (ἐν μέσῳ) de vós por seu intermédio, como vós próprios sabeis (...)”.

At 4, 7. “Mandaram comparecer os Apóstolos diante (ἐν μέσῳ) deles e perguntaram-lhes: ‘Com que poder ou em nome de quem fizestes isso?’”.

At 22, 21. “Havia já muito tempo que ninguém comia. Então Paulo colocou-se no meio (ἐν μέσῳ) deles e disse: ‘Meus amigos, devíeis ter-me escutado e não largar de Creta. Isso ter-nos-ia poupado estes riscos e estes prejuízos’”.

⁹³ A palavra ἐπιλαβόμενοι surge com este sentido em várias passagens do livro dos Atos dos Apóstolos: em At 16, 19 quando Paulo e Silas são agarrados e levados à presença dos magistrados; em At 18, 17, no relato do espancamento de Sóstenes diante do tribunal; em At 21, 30.33, ao arrastarem Paulo para fora do templo.

⁹⁴ Ver, por exemplo, At 9, 27 ou At 23, 19 onde a expressão acarreta um sentido positivo.

⁹⁵ Cf. R. FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos*, p. 327.

Esta ideia aparece reforçada na parte final do discurso do Areópago quando se lê que “Paulo saiu do meio deles” (ἐξῆλθεν ἐκ μέσου αὐτῶν). Por outro lado, o facto de não existir qualquer referência a uma sentença ou a uma absolvição faz colocar de lado a ideia de um julgamento⁹⁶. A mesma ideia também é defendida por Rinaldo Fabris:

“O contexto dos Atos e a linguagem de usada excluem que Paulo tenha sido levado perante o tribunal para responder por alguma incriminação precisa, por exemplo, propaganda religiosa ilícita. A intenção do autor dos Atos é a de predispor o cenário para o discurso solene de Paulo”⁹⁷.

De facto, a carga simbólica associada ao Areópago é suficiente para preparar o leitor para um momento único de confrontação entre o anúncio cristão e a cultura grega⁹⁸. Os ouvintes de Paulo não querem ficar pelo nível das “aparências” (δοκεῖ), desejam saber mais sobre esses ensinamentos que são novos para os seus ouvidos.

A repetição da palavra γινῶναι (vv. 19-20) e a expressão βουλόμεθα οὖν (v. 20) refletem muito bem que os atenienses não queriam ouvir Paulo só para *passar o tempo*, mas desejavam de facto compreender o conteúdo daquilo que tinham escutado.

O autor bíblico, depois de recorrer a um discurso direto (vv. 19-20) para referir, precisamente, as palavras utilizadas pelos ouvintes do Apóstolo, vai terminar a primeira parte do relato de Atenas com um comentário explicativo (v. 21) dirigido aos leitores⁹⁹, detetando-se, sublimemente, a utilização da ironia¹⁰⁰.

Poderemos afirmar que estamos diante de uma rica introdução ao discurso no Areópago! Sem dúvida, Lucas, ao apresenta-nos este quadro bíblico singular, incute-nos uma

⁹⁶ Cf. D. MARGUERAT, *op. cit.*, p. 155.

⁹⁷ R. FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos*, p. 327. Tudo leva a crer que no tempo de Paulo o conselho chamado Areópago não era muito mais do que um órgão académico (Cf. J. L. MCKENZIE, *Dicionário Bíblico*, ed. Paulus, São Paulo, 1983, p. 71).

⁹⁸ Cf. O. FLICHY, *op. cit.*, p. 251.

⁹⁹ Cf. *Ibid.*, p. 251.

¹⁰⁰ Cf. *Ibid.*, p. 252.

curiosidade semelhante àquela que fervilhava no espírito dos atenienses, deixando-nos expectantes para escutar o discurso de Paulo¹⁰¹.

2. O “Deus desconhecido”

Paulo percebeu que estava diante de um povo sedento de belos discursos e novidades e, em vez de manifestar a sua indignação perante os inúmeros ídolos adorados em Atenas (v. 16), decidiu aproveitar essa realidade para realizar uma *captatio benevolentiae*.

De pé (σταθεῖς), no meio do Areópago (v. 22), inicia o seu discurso, constatando que não está diante de uma assembleia qualquer¹⁰², mas perante os mais religiosos dos homens, em tudo¹⁰³!

Sabendo nós que o significado do termo δεισιδαιμον pode oscilar entre “religiosos” e “supersticiosos”, consideramos que não podemos fechar-nos numa interpretação que considere esta expressão de Paulo uma simples “ironia”¹⁰⁴. Pelo contrário, parece-nos mais sensato salientar a intenção positiva¹⁰⁵ do Apóstolo: ele pretendia deixar os ouvintes perplexos¹⁰⁶, conquistando a sua simpatia e benevolência¹⁰⁷.

Podemos dizer que estamos diante de um autêntico e original “piropo”¹⁰⁸ estratégico¹⁰⁹, colocado propositadamente no *exordio*¹¹⁰ do discurso, onde é pressuposto utilizar-se uma linguagem que arrecade a atenção do auditório.

Partindo da sua experiência pelas ruas da cidade e referindo-se aos inúmeros monumentos religiosos, o astucioso Paulo continua discretamente a elogiar a piedade dos

¹⁰¹ Cf. *Ibid.*, p. 253.

¹⁰² Como pano de fundo aparece um público mais vasto (Cf. R. FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos*, p. 330).

¹⁰³ “He starts by mentioning that what he has seen in their city has impressed him with the Athenians’ extraordinary religiosity (an impression made on many other people on antiquity, some of whom considered the Athenians to be the most religious of all human beings)” (F. F. BRUCE, *op. cit.*, p. 335).

¹⁰⁴ O. FLICHY, *op. cit.*, p. 254.

¹⁰⁵ Cf. D. MARGUERAT, *op. cit.*, p. 157.

¹⁰⁶ Cf. B. CORSANI, *art. cit.*, p. 528.

¹⁰⁷ Cf. R. FABRIS, *Paolo – L’Apostolo Delle Genti*, p. 258.

¹⁰⁸ J. T. MENDONÇA, “Quando o Novo Testamento cita os poetas (Act 17, 28). Um mapa para o presente”, p. 393.

¹⁰⁹ No entanto, é natural que o leitor contemporâneo, depois de ter lido o versículo 16, não fique insensível à sua conotação crítica (Cf. D. MARGUERAT, *op. cit.*, p. 157).

¹¹⁰ Segundo a retórica romana o exórdio tem como função preparar positivamente os ouvintes e permitir ao orador que insinue a sua visão sobre o assunto (Cf. *Ibid.*, p. 156).

atenienses¹¹¹ até ao momento em que refere que viu algo diferente (v. 23): um altar dirigido “ao Deus desconhecido” (Ἀγνώστῳ θεῷ)¹¹². É aqui que o Apóstolo alicerça o seu discurso e é realmente paradoxal a maneira como Paulo vai anunciar que o único Deus que os pode salvar, no meio de toda aquela amálgama de deuses, é precisamente “o deus que ignoram”¹¹³.

O Apóstolo encontrou neste culto perecível a possibilidade para anunciar o Deus verdadeiro. Mas porquê anunciar dessa maneira? Atenas era uma cidade tão cheia de anúncios, para quê perder tempo ali? São perguntas pertinentes, e sem lhes respondermos, torna-se difícil perceber o alcance mais profundo do texto.

Sabemos que toda aquela idolatria e sensualidade feriam a sua sensibilidade (cf. Ro 1, 18-22). “A superstição deste centro cultural deprimia Paulo”¹¹⁴, basta pensar que Atenas possuía mais imagens do que toda a Grécia¹¹⁵. Em cada entrada de uma rua ou de uma casa estava um deus protetor, ficando célebre a ideia de que ali era mais fácil encontrar um deus que uma pessoa.

No meio de todos aqueles monumentos sagrados (σεβάσματα), Paulo observou um altar¹¹⁶ a um “deus desconhecido”: seria provavelmente o cúmulo da idolatria! Não se tratava, propriamente, de uma confissão de ignorância de Deus ou de um dos deuses, mas uma prática religiosa para lidar com a obscura sensação de que o mundo e a vida eram, constantemente,

¹¹¹ Cf. O. FLICHY, *op. cit.*, p. 255.

¹¹² Esta referência tem mergulhado os diversos exegetas e historiadores num dilema: alguns atestam a presença na Grécia de altares “a deuses desconhecidos”, outros referem que não existem provas arqueológicas e literárias que comprovem a existência dessas inscrições (Cf. D. MARGUERAT, *op. cit.*, p. 157). No entanto, o geógrafo Pausânias refere-se a inscrições desse tipo em Atenas e Olímpia. Em Pérgamo, foi descoberto um fragmento de uma inscrição onde estaria essa frase e em Roma foi encontrado algo semelhante (Cf. J. L. MCKENZIE, *op. cit.*, p. 93).

¹¹³ L. S. NAVARRO, *op. cit.*, p. 254.

¹¹⁴ A. T. ROBERTSON, *op. cit.*, p. 293.

¹¹⁵ “Plínio dice que en la época de Nerón Atenas tenía más de 30.000 estatuas públicas, además de una cantidad incalculable en las casas. Petronio se burla de que era más fácil en Atenas encontrar a un dios que a un hombre” (A. T. ROBERTSON, *op. cit.*, p. 292).

¹¹⁶ É de ter em conta a opinião de José Tolentino Mendonça a respeito desta passagem: “Haveria mesmo um altar assim designado? As opiniões são múltiplas e comportam nuances curiosas, entre os que testemunham haver visto um altar exatamente assim (como Pausânias e Filóstrato), e os que viram de modo um pouco diverso (como Diógenes Laércio). O próprio São Jerónimo não crê numa literalidade material da evocação paulina (...). Isto leva-nos a dizer, sem grande temor, que o verdadeiro altar ao *Agnosto Thêo* que Paulo viu foi a literatura e o pensamento gregos (...)” (J. T. MENDONÇA, “Quando o Novo Testamento cita os poetas [Act 17, 28]. Um mapa para o presente”, pp. 394-395).

ameaçados por um poder fatal e indefinido¹¹⁷. Aquele altar era fruto do medo: uma forma de se protegerem da cólera de algum deus a quem não prestassem culto¹¹⁸.

É surpreendente, do ponto de vista da forma e do conteúdo, a maneira inteligentíssima como Paulo conseguiu aproveitar esta crença¹¹⁹ que o povo ateniense tinha num poder superior que não conhecia: “Pois bem! Aquele que venerais sem o conhecer (ἄγνοοῦντες) é esse que eu vos anuncio (καταγγέλλω)”¹²⁰.

Mais uma vez, fica comprovada a fantástica capacidade retórica de Paulo. Servindo-se de uma “coincidência inédita”¹²¹, aguça a curiosidade do auditório (e do leitor contemporâneo) com uma mestria peculiar. É interessante perceber que, para ele, cada palavra é importante: o seu discurso não enferma de pobreza linguística! Para o anúncio da Boa-Nova não serve qualquer termo, é necessário escolher a expressão mais indicada em cada contexto.

Odile Flichy espelha isso, bastante bem, quando analisa este versículo 23. Reparemos que, no texto original, o redator bíblico não recorre ao verbo γινώσκω, mas ao verbo ἄγνοέω, mais precisamente, quando utiliza o adjetivo verbal ἄγνοστος. Ora, é verdade que a diferença semântica entre estes dois verbos é mínima, mas ela não deixa de existir: o seu significado remete-nos para além do “desconhecimento” de Deus, levando-nos até ao âmbito da ignorância e do erro¹²².

Do mesmo modo, quando olhamos para a palavra καταγγέλλω, percebemos a sublime intenção teológica de Paulo. Ele não ia debitar umas simples informações que saciassem os atenienses: não se resumia a um mero “dar a conhecer” alguma coisa, mas tratava-se de um autêntico “anúncio” que devia ser entendido e acolhido!¹²³

¹¹⁷ B. CORSANI, *art. cit.*, p. 526.

¹¹⁸ Cf. D. MARGUERAT, *op. cit.*, p. 157.

¹¹⁹ Apesar de a maior parte dos historiados e exegetas considerarem que Paulo adaptou a expressão “aos deuses desconhecidos” e a empregou no singular, tendo em conta aquele contexto religioso, não se pode colocar totalmente de parte a possibilidade de existir tal crença e consequentemente a hipótese dele ter visto um altar precisamente com esta dedicação (Cf. F. F. BRUCE, *op. cit.*, p. 335).

¹²⁰ Em termos retóricos, o versículo 23c corresponde à *propositio* (Cf. O. FLICHY, *op. cit.*, p. 255).

¹²¹ *Ibid.*, p. 256.

¹²² Cf. *Ibid.*, p. 257.

¹²³ Cf. *Ibid.*

É nesta linha de pensamento que Paulo termina esta primeira parte do discurso: depois de primeiramente ter conseguido captar a atenção do auditório, tendo agora a oportunidade para deixar transparecer que o seu objetivo “anunciador” não mudou desde a sua chegada a Atenas, pode começar a “descrever-lhes este Deus ausente das suas listas, como um Deus verdadeiro e supremo”¹²⁴.

3. O Deus Único - Criador

Paulo prometeu mostrar aos atenienses “alguma coisa nova” (v. 23) e começa a fazê-lo, imediatamente, quando propõe a noção de um Deus¹²⁵ que é criador do mundo. O Apóstolo fá-lo prudentemente, tendo em vista prepará-los para a proposição principal: este é o único Deus! Maior que todos os tempos, criador do Homem e digno de toda a adoração.

Não é um deus que sirva para isto ou um deus que sirva para aquilo, tal como os 30.000 deuses dos atenienses¹²⁶, mas é o único Deus que fez o mundo e todas as coisas que nele existem (καὶ πάντα τὰ ἐν αὐτῷ).

Deste modo, ao analisarmos a primeira proposição da *probatio*, percebemos que Deus assume o papel de sujeito dominante (o versículo 24 abre precisamente com a expressão ὁ θεός) e, ao mesmo tempo, encontramos uma forte afirmação do credo bíblico no Deus criador¹²⁷.

Atos dos Apóstolos 17, 24a	Isaías 42, 5
“O Deus que criou o mundo (τὸν κόσμον ¹²⁸) e tudo quanto nele se encontra”	“Eis o que diz o SENHOR Deus, que criou os céus e os estendeu, que consolidou a terra (τὴν γῆς) com a sua vegetação, que deu a vida aos seus habitantes, e o alento aos que andam por ela.”

¹²⁴ A. T. ROBERTSON, *op. cit.*, p. 300.

¹²⁵ Cf. B. CORSANI, *art. cit.*, p. 528.

¹²⁶ Cf. A. T. ROBERTSON, *op. cit.*, p. 300.

¹²⁷ Cf. D. MARGUERAT, *op. cit.*, p. 158.

¹²⁸ Devemos ter em conta que este termo é portador do antigo sentido grego da ordenada disposição de todo o universo (Cf. A. T. ROBERTSON, *op. cit.*, p. 300).

No entanto, não nos é possível afirmar que se trata de uma “citação, mas de uma reminiscência livre”¹²⁹ que exprime duas intenções de Paulo: em primeiro lugar, o intuito de fundamentar biblicamente o seu anúncio, utilizando uma linguagem compreensível ao pensamento grego¹³⁰, e, por outro lado, distanciar-se claramente de algum conceito que afirmasse eternidade da matéria¹³¹.

Não podemos esquecer que, no auditório, estavam os filósofos epicuristas e estóicos, bastante sensíveis àquilo que Paulo acabava de afirmar.

“A ideia de um Deus cósmico que está na origem do universo, a ideia de um Deus-princípio que governa e ordena o mundo a partir da sua totalidade para garantir a sua coesão e a sua harmonia, a ideia de um Deus totalmente livre que não depende de alguma causa que lhe seja superior (...) enfim, a ideia de um Deus que é a fonte de vida e da respiração de todas as coisas, são ideias tipicamente estoicas que qualquer estóico admitiria sem hesitar e a que todo o cristão não pode deixar de se juntar”¹³².

De facto, o Apóstolo dos Gentios sabia, perfeitamente, que o deus cósmico grego e o Deus cósmico judaico-cristão tinham em comum bastantes aspetos e decidiu aproveitar várias vezes essas semelhanças para construir *pontes de diálogo* com o auditório. É precisamente por isso que, nas duas proposições seguintes, ele vai refutar a ideia de um deus que habite, circunscritamente, em santuários (ναοῖς) construídos por mãos humanas¹³³ (v. 24b) e que tenha a necessidade de ser servido (θεραπεύεται) por elas (v. 25a).

Por um lado, distancia-se totalmente dos cultos populares centrados nos sacrifícios oferecidos às divindades. Mas, ao falar-lhes de um Deus que é totalmente independente, Paulo continua próximo dos filósofos gregos. Na verdade, tanto para os estoicos como para os

¹²⁹ B. CORSANI, *art. cit.*, p. 529).

¹³⁰ R. FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos*, p. 331.

¹³¹ Cf. A. T. ROBERTSON, *op. cit.*, p. 300.

¹³² M. FATTAL, *op. cit.*, p. 55.

¹³³ R. FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos*, p. 331.

epicuristas, as divindades não tinham necessidade do Homem para existir, elas eram portadoras da *autarkeia* e da liberdade¹³⁴.

“Zenão de Cítio, fundador da escola estóica, já no seu tempo afirmou que um templo contruído por homens não é próprio para ser morada da divindade. De igual modo pensam outros filósofos, como Diógenes de Sínope, Posidônio, Séneca, Epicteto. Porém, as suas atitudes não são coerentes. Para si mesmos, rejeitam eles (‘os sábios’) os templos de pedra e os sacrifícios cruentos, estando convencidos de que a justa adoração da divindade consiste numa vida pura e virtuosa; para o resto do povo, pelo contrário, consideram legítimas ambas as coisas, e, além disso, aprovam também o culto oficial do estado aos deuses”¹³⁵.

Não era intenção de Paulo provar-lhes a existência de Deus, isso já eles aceitavam indiscutivelmente, mas mostrar-lhes a verdadeira natureza de Deus¹³⁶ que se pode encontrar na criação, mas não se pode encerrar nas obras e vontades humanas.

É interessante ver como esta temática faz eco de At 7,48-50, quando Estevão (citando Is 66, 1-2) afirma que Deus não habita em construções feitas por mãos humanas, pois, tendo Ele criado todas as coisas, nenhuma delas se pode tornar sua morada¹³⁷:

“O Altíssimo não habita em casas erguidas pela mão do homem, como diz o profeta:

*«O Céu é o meu trono
e a Terra, estrado dos meus pés.
Que casa me haveis de construir, diz o Senhor,
e qual será o lugar do meu repouso?
Não foi a minha mão que fez todas as coisas?»*”

Os termos utilizados por Paulo não são frutos de um mero acaso. Ele fez questão de usar expressões claramente bíblicas! Reparemos, por exemplo, que a quarta proposição desta

¹³⁴ Cf. M. FATTAL, *op. cit.*, p. 57.

¹³⁵ A. WIKENHAUSER, *op. cit.*, p. 295.

¹³⁶ Cf. *Ibid.*, p. 294.

¹³⁷ Cf. R. FABRIS, *Paolo - L'Apostolo Delle Genti*, p. 260.

argumentação (v. 25b) nos remete para o relato da criação¹³⁸: Deus é que deu a vida e a respiração (ζωὴν καὶ πνοήν) a todos os seres humanos.

É desta forma que o Apóstolo consegue estabelecer um paralelo entre a ideia filosófica de um deus-Logos, que é o princípio (*archê*), e a Palavra (*dabar*¹³⁹) criadora, do Livro dos Génesis.

Ter a capacidade de encontrar os pontos em comum entre o deus estóico que deu o “sopro” (*pneuma*) a todas as coisas e o Deus criador cujo hálito¹⁴⁰ pairava sobre as águas, a fim de moldar o mundo, não era tarefa para qualquer um! Paulo, graças à sua formação grega e judaica, consegue fazê-lo. Pegando em pormenores que poderiam parecer irrelevantes, ele fala do Deus bíblico com uma linguagem perfeitamente compreensível para o seu auditório. Por exemplo, para se referir a essa “respiração”, no versículo 25, utiliza um termo que é comum aos cristãos e aos estóicos: πνοήν¹⁴¹.

Mas também devemos ter em conta que a ideia de um Deus que *ex nihilo* fez surgir alguma coisa completamente nova¹⁴², ultrapassa a noção dos filósofos gregos que acreditavam numa transformação ou numa espécie de moldagem de uma matéria pré-existente e eterna¹⁴³. Contudo, parece que Paulo, tendo em vista uma aproximação entre a filosofia e o cristianismo, evita as questões não consensuais¹⁴⁴.

“O que Paulo afirma sobre o conhecimento de Deus, porém, não é diferente do que escreve na sua Carta aos Romanos. O Deus que criou o universo e tudo o que ele contém, é o Senhor do céu e da terra. A criação torna-se, portanto, como afirma o apóstolo em Rm 1,20, um endereço possível do qual partir para buscar o «eterno poder e a divindade» de Deus. A diferença entre Romanos e At 17 é fundamentalmente de estilo: enquanto que, na sua carta, Paulo está a dirigir-se a

¹³⁸ “(...) então o SENHOR Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o homem transformou-se num ser vivo” (Gn 2, 7).

¹³⁹ Em hebraico também pode significar “coisa” ou “acontecimento” (Cf. M. FATTAL, *op. cit.*, 2010, p. 56).

¹⁴⁰ *Ruâh* na Bíblia hebraica; *pneuma* na tradução dos LXX.

¹⁴¹ Cf. M. FATTAL, *op. cit.*, p. 60.

¹⁴² *Bara* em hebraico; *ktizein* em grego.

¹⁴³ Cf. M. FATTAL, *op. cit.*, p. 61.

¹⁴⁴ Na Epístola aos Hebreus encontramos uma mudança de “estratégia” de anúncio. Em vez de procurar ser consensual e diplomático, demonstrando os pontos convergentes, Paulo insistirá nas diferenças radicais entre a filosofia e o cristianismo que anuncia um Deus crucificado (Cf. *Ibid.*, p. 63).

cristãos, capazes de colher a típica gramática cristã, no discurso de Atenas Paulo esforça-se por conseguir uma pregação mais transversal e adaptada a um público heterogêneo. O conteúdo da sua teologia é idêntico, a forma, porém, tem de ser estrategicamente distinta”¹⁴⁵.

O empenho oratório de Paulo tinha de ser minucioso, porque qualquer palavra *desculturalizada* poderia comprometer todo o discurso. Foi precisamente por isso que o Apóstolo se serviu de muitos conceitos filosóficos e recorreu a várias técnicas linguísticas¹⁴⁶: tudo era essencial para conseguir anunciar aos atenienses o Deus único que não necessita de nada, mas dá tudo¹⁴⁷.

Posto isto, a partir do versículo 26, verificamos que o Apóstolo manifestou uma maior insistência nas questões antropológicas¹⁴⁸. “O criador de todas as coisas em geral é o criador da raça humana em particular”¹⁴⁹, que teve a sua origem através de um só homem (ἐποίησέν τε ἐξ ἑνὸς πάν ἔθνος ἄνθρωπων).

Perante esta afirmação, não nos passa despercebida a referência à tradição bíblica adâmica que nos apresenta a unidade do género humano, tendo por base a descendência de um só homem¹⁵⁰. De maneira sublime, Paulo dizia-lhes que todos os Homens são do mesmo sangue, estando esta ideia próxima da concepção estoica¹⁵¹ que concebia a unidade do género humano originada em deus¹⁵².

No entanto, apesar de a fraternidade universal ser uma característica do pensamento filosófico¹⁵³, também sabemos que, entre os povos pagãos da antiguidade, estava bastante

¹⁴⁵ J. T. MENDONÇA, “Quando o Novo Testamento cita os poetas (Act 17, 28). Um mapa para o presente”, p. 395.

¹⁴⁶ A língua portuguesa não nos permite assimilar todos os recursos sintáticos utilizados por Paulo, nomeadamente as assonâncias. Para isso é necessário recorrer ao texto original, em língua grega, onde por exemplo no versículo 25 encontramos juntas as expressões ζῶην e πνοήν (Cf. M. DIBELIUS, *art. cit.*, p. 319).

¹⁴⁷ *Ibid.*, p.319.

¹⁴⁸ CF. R. FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos*, 1991.

¹⁴⁹ F. F. BRUCE, *op. cit.*, p. 337.

¹⁵⁰ Não está aqui em causa “suposta” tensão entre esta concepção bíblica e algumas teorias científicas contemporâneas. Os estudos exegéticos têm permitido à Teologia apresentar uma visão mais profunda do texto, que é completamente conciliável com os paradigmas científicos. Para um aprofundamento do tema recomendamos a leitura de A. COUTO, *Pentateuco – Caminho da Vida Agraciada*, ed. Universidade Católica, Lisboa, 2005, pp. 207-263.

¹⁵¹ Cf. CH. L’EPLATTENIER, *op. cit.*, p. 193.

¹⁵² Cf. M. FATTAL, *op. cit.*, p. 65.

¹⁵³ Cf. L. S. NAVARRO, *op. cit.*, p. 254.

difundida a ideia de que cada povo tinha uma origem particular, sendo por essa mesma razão que cada qual devia adorar os seus próprios deuses¹⁵⁴. Mas Paulo queria deixar clara a unidade e a universalidade do gênero humano. Ao contrário do que alguns atenienses pensavam, eles não pertenciam a uma categoria mais elevada que os bárbaros: não existem raças superiores nem inferiores¹⁵⁵, todos os seres humanos que habitam sobre a face da terra (παντὸς προσώπου τῆς γῆς) tiveram a mesma origem.

“Esta postura contrapõe-se ao exclusivismo grego, que tratava as outras raças como bárbaras, e à soberba dos judeus, que tratavam as outras nações como pagãs (...). Aqui o cosmopolitismo de Paulo supera os judeus e gregos, proclamando o único Deus como Criador de toda a raça dos homens”¹⁵⁶.

No meio de todas essas falsas concepções judaicas e helénicas, o Apóstolo queria dizer que raça há só uma, a humana, a qual é portadora do fôlego divino da vida. Para que isso fosse evidente, Paulo utilizou a fórmula ἐξ ἑνὸς (“de um só”), porque poderia ser compreendida pelos gregos (de um único princípio) e pelos judeus (de um primeiro homem)¹⁵⁷.

Sendo esta ambivalência semântica frequente ao longo de todo o discurso, aparece novamente confirmada na segunda parte do versículo 26, onde encontramos dois conceitos que, segundo Daniel Marguerat¹⁵⁸, podem ser alvo de uma interpretação histórica de tipo judeu ou de uma interpretação natural de tipo grego: “a sequência dos tempos (καιρὸς)”¹⁵⁹ corresponderia à história da salvação (leitura semita) ou seria uma simples alusão às estações

¹⁵⁴ Cf. A. WIKENHAUSER, *op. cit.*, p. 298.

¹⁵⁵ Cf. F. F. BRUCE, *op. cit.*, p. 337.

¹⁵⁶ A. T. ROBERTSON, *op. cit.*, p. 17.

¹⁵⁷ Cf. D. MARGUERAT, *op. cit.*, p. 159.

¹⁵⁸ Cf. *Ibid.*, p. 159.

¹⁵⁹ Na opinião de Bruno Corsani: “Si discute se «l'ordine dei tempi» sai l'alternarsi ordinato delle stagioni, oppure il tempo assegnato a ogni nazione per la sua ascesa, la sua prosperità e la sua decadenza. La mia preferenza va alla prima ipotesi, perché la seconda implicherebbe una nozione deterministica della storia, come quella che si riscontra nella concezione apocalittica (...). Il fatto di trovare Dio sembrerebbe non avere più nessun effetto sulla loro storia. Tuttavia non vogliamo soffermarci troppo sulle singole espressioni di questo versetto: ciò che conta è prendere atto che per il suo autore tutto quello che Dio ha fatto era orientato a favorire la ricerca di Dio e l'incontro di Dio. Questa è la tesi teologica fondamentale di questa sezione.” (B. CORSANI, *art. cit.*, p. 530).

do ano¹⁶⁰ (leitura grega). Do mesmo modo, “os limites (ὁροθεσία) para a sua habitação” poderia ser uma referência aos territórios destinados às nações ou aos espaços terrestres onde era possível o ser humano habitar.

É de facto admirável a maneira como Paulo apresenta, sabiamente, vários temas e formulações com uma vasta amplitude cultural. Apesar de parecer evidente que o contexto do discurso privilegia uma interpretação helénica, não se pode colocar de parte a compreensão judaica¹⁶¹. Por exemplo, ele não cita diretamente nenhuma passagem da Sagrada Escritura, mas qualquer pessoa familiarizada com os textos bíblicos consegue “ler como em filigrana as variações temáticas sobre os textos sagrados”¹⁶².

Sem pretender negar a liberdade do agir humano, o Apóstolo apresenta-lhes as manifestações do poder divino na história cosmológica e antropológica¹⁶³. Anuncia-lhes um Deus que, ao criar a humanidade, inscreveu no coração de cada Homem o desejo de O procurar (ψηλαφήσειαν αὐτὸν) e a possibilidade de O encontrar (εὑροῖεν) no mundo por Ele criado e na história do próprio ser humano. Como afirma Rinaldo Fabris:

“Mundo e história humana são as duas estradas que o homem percorre na sua pesquisa e reflexão para dar um sentido e fundamento à sua existência. O autor do Atos diz que é possível um desfecho positivo desta constante busca da humanidade. Mas nesta busca o Homem move-se como um cego que procura a saída num quarto escuro: às apalpadelas. A dupla verbal «procurar/encontrar» é uma reminiscência da linguagem bíblica que dá cor e tom particulares ao tema da «busca» (cf. Sab 13, 6). Não se trata da pesquisa intelectual ou especulativa, mas de uma pesquisa que coincide com a opção da fidelidade, da dedicação e da conversão a Deus seguindo a revelação histórica (Sl 14, 2; Jer 29, 12-14; Is 55, 6-9)”¹⁶⁴.

¹⁶⁰ Segundo Dibelius, na filosofia daquele período, as estações desempenhavam geralmente uma prova da existência de Deus. Para um estudo exegético mais profundo sobre o versículo 26 aconselhamos a leitura de M. DIBELIUS, *art. cit.*, pp. 299-309. Veja-se também o pequeno discurso de Listra, nomeadamente At 14, 17, onde se pode encontrar a mesma ideia.

¹⁶¹ Cf. D. MARGUERAT, *op. cit.*, pp. 159-160.

¹⁶² Cf. R. FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos*, p. 333.

¹⁶³ Cf. A. T. ROBERTSON, *op. cit.*, p. 301.

¹⁶⁴ R. FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos*, p. 333.

É aqui que se encontra toda a força da segunda parte da pregação que deixa o auditório completamente perplexo à espera que o Apóstolo lhes fale mais sobre esse Deus próximo¹⁶⁵ que não está “longe de cada um de nós”¹⁶⁶ (v. 27b).

Para confirmar com autoridade esta sua argumentação, Paulo vai servir-se de duas referências “familiares” aos ouvintes de Paulo. Como poderemos confirmar no quadro seguinte, em primeiro lugar (vv. 27-28a) o autor bíblico inspirou-se nos escritos do poeta Epiménedes¹⁶⁷ de Creta (séc. VI a.C.).

Atos dos Apóstolos 17, 28a	Poema de Epiménedes
“É nele, realmente, que vivemos, nos movemos e existimos”	“tu vives e permaneces para sempre porque em ti nos movemos e temos o nosso ser”

Ao dizer isto, o Apóstolo demonstra de uma maneira sublime a intimidade existente entre o Homem e o Deus que lhe oferece a vida física, espiritual e intelectual¹⁶⁸.

Por outro lado, a frase “pois nós somos também da sua estirpe” (v. 28b), é a citação do versículo V¹⁶⁹ de um poema dedicado a Zeus, presente na obra «Fenómenos» do poeta Aratos¹⁷⁰, originário da Cilícia¹⁷¹.

¹⁶⁵ Cf. O. FLICHY, *op. cit.*, p. 265.

¹⁶⁶ “Deus não está longe de nós, porque nós estamos totalmente nele, por ele envolvidos em todas as nossas dimensões existenciais” (R. FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos*, p. 334).

¹⁶⁷ Cf. J. C. NEVES, “Diálogo Cultural em São Paulo”, in *Itinerarium*, LV, nº 193 (2009), p. 74.

¹⁶⁸ Cf. J. FITZMYER, *op. cit.*, pp. 282-283.

¹⁶⁹ Cf. J. T. MENDONÇA, “Quando o Novo Testamento cita os poetas (Act 17, 28). Um mapa para o presente”, p. 396.

¹⁷⁰ “Aratos de Soloi, viveu mais ou menos entre 310 e 240 a.C. na Cilícia, Ásia Menor, numa região do litoral sudeste da Turquia de hoje, em frente à ilha de Chipre. Paulo, que nasceu em Tarso, também vem dessa região. Provém de família nobre, estudou em Atenas, ali sendo profundamente influenciado pela filosofia estóica. Naquela época, isso compreendia também o estudo das ciências naturais. Os estudos que Aratos fez sobre “constelações e fenómenos meteorológicos” tornaram-no famoso. “*Phainómena*” é o título da sua obra principal, que em mais de mil versos descreve fenómenos celestes em maravilhosa poesia. A esse homem devemos nada mais nada menos do que a obra-padrão da Antiguidade para a astronomia e meteorologia. Físico e poeta, pensador e escritor. Nessa sua obra encontraram a citação de Paulo” (K. KUSCHEL, “Narrar Deus. Meu caminho como teólogo com a literatura”, in *Cadernos de Teologia Pública*, VIII, nº 61 [2011] p. 21). Também Cleantes, filósofo estóico que viveu entre 300-220 a.C., empreendeu palavras muito semelhantes no seu Hino a Zeus (Cf. A. T. ROBERTSON, *op. cit.*, p. 303). Marguerat diz-nos que esses versos de Aratos eram frequentemente citados na Antiguidade. (Cf. D. MARGUERAT, *op. cit.*, p.161).

¹⁷¹ J. C. NEVES, *art. cit.*, p. 74.

Ao servir-se destas alusões, Paulo abre-nos, verdadeiramente, uma porta para outra dimensão interessante do diálogo cultural: a relação entre a teologia e a literatura. De facto, estamos diante da “primeira e única vez que o Novo Testamento usa a palavra *poetas*”¹⁷² “e que os cita diretamente”¹⁷³. Questionando-se sobre estes versículos, diz-nos José Tolentino Mendonça:

“Porquê esta opção de alargar a esfera do seu discurso a um domínio extra-teológico? Certamente não se trata de uma deriva ornamental, mas de uma escolha consciente que podemos resumir assim: o apóstolo avizinha-se da poesia pagã para tornar credível o seu discurso religioso cristão. (...) a literatura liberta a teologia do perigo da auto-referencialidade e reforça a sua credibilidade na prática do encontro com outros saberes e mundividências”¹⁷⁴.

Deste modo, a literatura pagã é apresentada como um autêntico *locus theologicus*: um caminho que pode levar até à descoberta de Deus, mesmo que seja um trilho imperfeito e lento (ψηλαφήσειαν). No entanto, temos de ter em conta que o Apóstolo não pretendeu nem empreendeu um diálogo cultural no sentido contemporâneo: uma “espuma cultural”¹⁷⁵. “O que São Paulo fazia era evangelização. Não pretendia o diálogo pelo diálogo, pretendia anunciar Cristo”¹⁷⁶.

É verdade que, em vez de citar o poeta Aratos, ele poderia ter feito referência a Gn 1, 27 - “Deus criou o ser humano à sua imagem” - mas tinha consciência que os textos bíblicos não permitiriam àquele auditório uma *pré-compreensão* da mensagem evangélica, tal como acontecia quando o anúncio era feito aos judeus. Era essencial recorrer a uma linguagem que fosse compreensível por aqueles ouvintes sem que essa adaptação linguística e temática colocasse em causa a sua originalidade comunicativa e o seu carácter crítico¹⁷⁷.

¹⁷² K. KUSCHEL, *art. cit.*, p. 21.

¹⁷³ J. T. MENDONÇA, “Quando o Novo Testamento cita os poetas (Act 17, 28). Um mapa para o presente”, p. 392.

¹⁷⁴ *Ibid.*, p. 396.

¹⁷⁵ A. PEREIRA, “Paulo e Platão – O bem e a Salvação dos Homens”, in *Itinerarium*, LV, nº 193 (2009), p. 55.

¹⁷⁶ J. C. NEVES, *art. cit.*, p. 75.

¹⁷⁷ Cf. CH. L’EPLATTENIER, *op. cit.*, p. 194.

Paulo nunca deixou de olhar para a meta do seu discurso! Se tivermos em conta os pormenores, percebemos que, por várias vezes, uma só expressão agradava aos atenienses e ao mesmo tempo também lhes servia de repreensão. Por exemplo, a simples referência aos poetas (v. 28b) tem um alcance duplo. Por um lado, era um argumento de autoridade que demonstrava a cultura de Paulo¹⁷⁸, por outro, sabendo ele que entre a elite grega já existiam várias críticas às formas exageradas das representações divinas originadas e apoiadas por alguns filósofos e poetas, aproveitou a profundidade semântica dessa palavra para chamar à atenção da diferença existente entre o Deus que criou (ποιήσας) e os criadores de deuses que são os poetas (ποιητῶν)¹⁷⁹.

Não existem razões para pensar que Paulo agiu inconscientemente quando proferiu estas palavras. Pelo contrário, ele estava familiarizado com a literatura grega e sabia, perfeitamente, que as ideias que citava não tinham sido escritas a respeito do Deus bíblico¹⁸⁰, nem era intenção dele assumi-las como suas, mas, acima de tudo, utilizá-las para provar aos gregos que já os seus sábios e poetas tinham expressado uma visão espiritual de Deus que rejeitava a idolatria¹⁸¹. É nesta linha de pensamento que Alfred Wikenhauser se baseia para defender que:

“As palavras citadas falam, no seu sentido original, do parentesco natural do Homem com Deus, conforme a doutrina estoica; no entanto, a intenção do orador, é utiliza-las para expressar a igualdade entre o Homem e Deus, baseada no facto de um e Outro possuírem a vida e, certamente, a vida espiritual”¹⁸².

Ou seja, se o ser criado é da raça (γένος) do Criador, deduz-se que, sendo aquele um ser vivo, então “Deus por sua vez não pode deixar de ser no mínimo uma realidade viva, espiritual”¹⁸³. Ao longo do discurso, isto aparece claramente: se os Homens estão intimamente

¹⁷⁸ Cf. O. FLICHY, *op. cit.*, p. 268.

¹⁷⁹ Cf. CH. L'ÉPLATTENIER, *op. cit.*, 1992, p. 194.

¹⁸⁰ Cf. A. T. ROBERTSON, *op. cit.*, p. 303.

¹⁸¹ Cf. A. WIKENHAUSER, *op. cit.*, p. 305.

¹⁸² *Ibid.*, pp. 305-306.

¹⁸³ *Ibid.*, p. 306.

ligados à “verdadeira natureza de Deus”¹⁸⁴ (v.29), então não tem sentido pensar que a divindade (θεῖον¹⁸⁵) seja comparável a qualquer tipo de matéria inerte (ouro, prata, pedra)¹⁸⁶.

Ao afirmar isto, o autor bíblico faz-nos recordar a problemática inicial desta perícopes do livro dos Atos dos Apóstolos: os cultos idolátricos¹⁸⁷. Do mesmo modo que não é concebível acreditar que Deus está encerrado dentro de templos contruídos por mãos humanas (vv. 24-25), também é inaceitável defender que Aquele que criou e sustenta o Homem possa estar encarcerado numa imagem. Assim sendo, essas diversas representações artísticas (χαράγματι τέχνης) consistem numa tentativa ingénua, desajeitada e falhada para tentar aprisionar Deus, tendo em vista conseguir garantir a sua proximidade e disponibilidade¹⁸⁸.

É importante termos em conta que Paulo percebeu quais eram as verdadeiras razões que estavam na raiz daquela idolatria e foi por isso que ele não se limitou a preocupar-se com a mera produção artística que representava uma realidade divina¹⁸⁹, mas centra a problemática na ação de adorar a imagem de um deus-fixo, em vez de adorar o verdadeiro Deus.

Deste modo, o leitor percebe que todo o rigor argumentativo de Paulo foi essencial para que o Apóstolo pudesse dizer diretamente aos atenienses que qualquer tipo de sincretismo idolátrico¹⁹⁰ é completamente incompatível com a verdadeira natureza de um Ser pessoal, vivente e livre¹⁹¹ que lhes manifestou a sua magnanimidade ao tolerar aquelas práticas. O Deus que eles desconhecem não é algo material e inerte, mas é um Alguém relacional que jamais poderia ser acrescentado aos seus *catálogos de divindades*.

¹⁸⁴ F. F. BRUCE, *op. cit.*, p. 339.

¹⁸⁵ “Sólo en este pasaje de la Biblia griega se lee el término «la divindade» (la naturaleza divina), término de uso corriente en la filosofía griega y empleado también con cierta frecuencia por Filón y por Flavio Josefo. Pero el orador no lo entiende en sentido panteísta, sino (como lo hizo ya en el v. 23) se acomoda a la mentalidade de su auditorio” (A. WIKENHAUSER, *op.cit.*, p. 306).

¹⁸⁶ Cf. *Ibid.*, p. 306.

¹⁸⁷ Na linha daquilo que foi dito anteriormente, Daniel Marguerat afirma: “La pensée grecque sur ce point est ambivalente: les philosophes grecs savent condamner les représentations humaines du divin. Plutarque fait écho à la position ferme de Zénon, fondateur du Stoïcisme, estimant qu’aucun temple et aucune statue ne sont dignes de Dieu; mais les mêmes stoiciens toléraient les représentations divines, qu’ils estimaient bonnes pour la religion populaire” (D. MARGUERAT, *op. cit.*, p. 162).

¹⁸⁸ Cf. B. CORSANI, *art. cit.*, p. 531.

¹⁸⁹ Cf. M. FATTAL, *op. cit.*, p. 56.

¹⁹⁰ Cf. O. FLICHY, *op. cit.*, p. 270.

¹⁹¹ Cf. B. CORSANI, *art. cit.*, p. 531.

4. O Ressuscitado

Até ao versículo 29, Paulo optou por realizar um discurso culturalmente adaptado aos atenienses, falando-lhes da verdadeira natureza de Deus e da forma correta de lhe prestar culto. No entanto, enquanto o fazia, também estava consciente de que as suas palavras não poderiam ficar-se por aí. De facto, a ambiguidade de certas questões poderia fazer com que eles não conseguissem perceber, totalmente, aquilo que o apóstolo lhes acabava de anunciar, podendo isto resultar na confirmação de algumas das suas convicções religiosas, nomeadamente as de carácter estóico¹⁹².

É por isso que, neste momento, Paulo faz questão de dissipar qualquer tipo de mal-entendido. O Deus que os Homens têm a possibilidade de conhecer não é abstrato ou filosoficamente impassível¹⁹³: é o Deus que ressuscitou Jesus Cristo dos mortos, o Deus que julgará o mundo através d'Ele, o Deus que agora os convida ao arrependimento (μετανοεῖν).

Ou seja, esta parte final do discurso é essencial para percebermos o pleno sentido das palavras de Paulo e para evitarmos a criação de ideias erradas! Já reparamos que esta perícope está repleta de uma linguagem filosófica que fica longe do tradicional método de anúncio da mensagem evangélica. No entanto, apesar de não estarmos diante de uma imagem convencional do Apóstolo, Lucas não nos relata uma mudança tal que chegasse ao ponto de esquecer o elemento essencial do *Kerygma*¹⁹⁴.

Por outras palavras, poderemos dizer que, a partir do versículo 30, não voltamos a encontrar o registo “emocional”¹⁹⁵ com que Paulo tentou cativar a simpatia dos atenienses, mas deparamo-nos com uma verdadeira rutura temporal e temática (μὲν οὖν) que marca o início da *peroratio*.

¹⁹² Cf. *Ibid.*, p. 532.

¹⁹³ Cf. *Ibid.*

¹⁹⁴ Cf. *Ibid.*, p. 533.

¹⁹⁵ O. FLICHY, *op. cit.*, p. 270.

Quebrando a linha argumentativa que tinha aplicado até aqui¹⁹⁶, Paulo volta a abordar o tema da ignorância que havia exposto no *exórdio* (v. 23), não passando despercebido o trocadilho empreendido quando ele considerou que, aqueles que mais buscavam a sabedoria (v.19), eram paradoxalmente ignorantes¹⁹⁷!

Contudo, o texto refere que Deus “fecha os olhos”¹⁹⁸ (ὑπεριδὼν) a esses tempos de ignorância (χρόνους τῆς ἀγνοίας) e institui o tempo presente (νῦν) como o tempo da conversão para todas as pessoas, em todo o lugar (ἄνθρωποις πάντα πανταχοῦ), tratando-se, portanto, de um apelo universal que se enquadra perfeitamente na orientação geral do livro dos Atos: com a ressurreição de Jesus, inaugura-se a era da salvação universal (cf. At 1, 8; 10, 28.34-35)¹⁹⁹.

Paulo é o transmissor do anúncio de Deus: “todos têm de se arrepender”! Para o dizer, ele utiliza a palavra μετανοεῖν²⁰⁰, um termo que também não é estranho à obra lucana e aos restantes Evangelhos Sinópticos: João Batista, Pedro e o próprio Jesus também empregaram essa palavra com a intenção de apelar a uma mudança radical de vida²⁰¹.

Nesta linha, temos de ter em atenção que não estamos diante de palavras descontextualizadas, mas trata-se de uma “advertência solene”²⁰² que é, em primeiro lugar, dirigida aos atenienses, isto é, se eles queriam conhecer o Deus verdadeiro, tinham de deixar os antigos hábitos idolátricos, “romper com o passado”²⁰³ e voltar-se radicalmente²⁰⁴ para a novidade que procuravam e na qual, inconscientemente, já acreditavam.

¹⁹⁶ Cf. D. MARGUERAT, *op. cit.*, p. 162.

¹⁹⁷ “A tradição bíblica sapiencial já havia estigmatizado as aberrações idolátricas como ignorância (Sb 13, 1; 14, 22; Jr 10, 25; Sl 79, 6). Os pagãos, para os autores cristãos da primeira Igreja, são «aqueles que não conhecem a Deus» (1Ts 4, 5; Ef 4, 18; 1Pd 1, 14)” (R. FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos*, pp. 334-335).

¹⁹⁸ D. MARGUERAT, *op. cit.*, p. 162.

¹⁹⁹ Cf. *Ibid.*, p. 162.

²⁰⁰ Algumas análises etimológicas poderiam permitir que se interpretasse a expressão μετανοεῖν simplesmente com um sentido intelectual, mas na realidade, no contexto bíblico, trata-se de algo mais: uma autêntica conversão existencial, uma verdadeira mudança do próprio rumo (Cf. B. CORSANI, *art. cit.*, p. 532).

²⁰¹ A. T. ROBERTSON, *op. cit.*, p. 304.

²⁰² Cf. O. FLICHY, *op. cit.*, p. 270.

²⁰³ J. FITZMYER, *op. cit.*, p. 285.

²⁰⁴ Cf. O. FLICHY, *op. cit.*, p. 271.

Deste modo, parece-nos lógico que Paulo, não querendo correr o risco de deixar os seus ouvintes hesitantes e carregados de dúvidas, sinta a exigência de concluir o seu discurso argumentativo com um determinante apelo à conversão, aliás, ele próprio é um homem convertido, um homem transformado pelo encontro com Cristo Ressuscitado no caminho de Damasco, sendo precisamente d'Ele que o Apóstolo lhes falou em seguida. Porém, temos de ter em conta que o nome de “Jesus” nunca aparece diretamente referido neste discurso de Atenas²⁰⁵.

Apesar de poder parecer estranho, não se trata de um caso inédito. De modo semelhante, ao longo do discurso de Estêvão (cf. At 7, 1-53), não encontramos mencionado o Seu nome uma única vez, nem mesmo quando o primeiro mártir da Igreja fala de Jesus diante dos juízes já no fim desse momento²⁰⁶, quando se referiu às perseguições de que eram vítimas os profetas (v. 52): “Qual foi o profeta que os vossos pais não tenham perseguido? Mataram os que predisseram a vinda do Justo, a quem traístes e assassinastes, vós, que recebestes a Lei pelo ministério dos anjos, mas não a guardastes!”

Curiosamente, no discurso do Areópago, a única referência feita a respeito de Jesus também só aparece na parte final (v. 31), quando o Apóstolo afirma que Deus “fixou um dia em que julgará o universo com justiça, por intermédio de um Homem (ἐν ἀνδρί), que designou, oferecendo a todos um motivo de crédito, com o facto de o ter ressuscitado de entre os mortos”.

Com esta última afirmação, somos diretamente remetidos para a conceção de um Deus justo que, um dia (ἡμέραν), virá para julgar os vivos e os mortos. Ao mesmo tempo, percebemos a existência de uma *ponte teológica* que nos une ao discurso de Pedro em Cesareia²⁰⁷, uma vez que, em todo o livro dos Atos dos Apóstolos, só nestes dois casos é que

²⁰⁵ “Taire de nom de Jésus permet de rester concentré sur le Dieu unique, tout en évitant le malentendu de propager d’autres divinités (v. 18)” (D. MARGUERAT, *op. cit.*, p.163).

²⁰⁶ Cf. J. DUPONT, *Nouvelles Études sur les Actes des Apôtres*, ed. Cerf, Paris, 1984, p. 404.

²⁰⁷ Cf. J. DUPONT, *Nouvelles Études sur les Actes des Apôtres*, p. 405.

o ofício de Juiz é atribuído a Jesus (At 10, 42). Trata-se de uma prerrogativa divina: Deus, ao ressuscitar Jesus, estabeleceu-O como Juiz soberano²⁰⁸.

Ora, o versículo 31, ao iniciar com a conjunção causal “pois” (καθότι), prepara a apresentação da razão pela qual os atenienses se devem deixar convencer²⁰⁹: a ressurreição! Paulo estava consciente de que havia chegado o “momento decisivo do seu discurso”²¹⁰ e isso percebe-se pela preocupação que teve em se exprimir com a maior clareza e verdade possíveis. A não ser a Boa-Nova da ressurreição de Jesus, que é precisamente algo de que os atenienses nunca tinham ouvido falar²¹¹, que outro argumento poderia ele utilizar para os convencer?²¹²

Confrontando-os com a instituição de um dia²¹³ em que Deus virá como juiz do mundo (οἰκουμένην), Paulo apresenta-lhes a vontade divina e a possível desgraça para aqueles que não a realizarem. Contudo, salienta logo de seguida que o julgamento será realizado com justiça (ἐν δικαιοσύνῃ), isto é, conforme a perspectiva universal de Lucas²¹⁴, apresenta-nos a vinda do reino de Deus como fonte de esperança universal.

Neste contexto, é importante termos em conta que a firmeza teológica de Paulo não o impediu de proporcionar aos seus ouvintes um momento de transição suficientemente hábil. De facto, a imagem de um julgamento universal, sustentado pela figura de um juiz justo, era uma temática familiar a um auditório ateniense²¹⁵: “perante estóicos, um estóico não diria melhor”²¹⁶.

²⁰⁸ Também encontramos este tema retratado no livro dos Salmos, nomeadamente em Sal 9,9 “E assim julgará o mundo com justiça, governará as nações com equidade”; Sal 98, 9a “Diante do SENHOR, que vem julgar a terra”.

²⁰⁹ Cf. O. FLICHY, *op. cit.*, p. 272.

²¹⁰ *Ibid.*, p. 272.

²¹¹ “Los griegos creían que las almas de los muertos seguían viviendo, pelo no tenían la concepción de la resurrección del cuerpo” (A. T. ROBERTSON, *op. cit.*, p. 305).

²¹² Cf. O. FLICHY, *op. cit.*, p. 272.

²¹³ Tal como em todos escritos judeo-cristãos de carácter apocalítico, neste caso também não se refere qual será esse “dia” (Cf. J. FITZMYER, *op. cit.*, p. 285).

²¹⁴ Segundo Daniel Marguerat, na teologia de Lucas, a ressurreição de Jesus apresenta uma dimensão salvífica universal (Cf. D. MARGUERAT, *op. cit.*, p. 163).

²¹⁵ Cf. O. FLICHY, *op. cit.*, p. 273.

²¹⁶ J. ROSA, “Cultura clássica e cristianismo nascente, Continuidade ou ruptura”, in *Communio*, XV (1998/6), p. 505.

Assim, ao não referir o nome de Jesus, mas designando a sua função, Paulo, por um lado, retifica a confusão que se havia instalado no pensamento dos atenienses (Jesus não é uma divindade entre outras) e, por outro, referindo a Sua natureza mortal²¹⁷, tenta evitar os equívocos relacionados com a ressurreição: ao contrário do que eles pensavam, não se tratava do nome de mais uma divindade suplementar, *a deusa Ressurreição*, mas do nome do ato pelo qual Deus ressuscitou de entre os mortos²¹⁸ (ἀναστήσας αὐτὸν ἐκ νεκρῶν) um Homem que experimentou a própria morte²¹⁹.

Paulo está convencido de que a ressurreição de Jesus é a prova suficiente que constitui para “todos um motivo de crédito” (πίστιν²²⁰ παρασχὼν πᾶσιν). O facto destas palavras se encontrarem na parte central do versículo 31 e o carácter retórico da fórmula utilizada demonstram, claramente, o esforço que o apóstolo empreendeu para fazer chegar aos seus ouvintes uma mensagem impensável: “é precisamente porque Deus ressuscitou Jesus que os Atenienses podem, com toda a confiança, baseados no testemunho de Paulo, encontrar-se com Ele”²²¹.

Neste contexto, ao olharmos para o início do episódio, quando Paulo é acusado de anunciar “Jesus e a Ressurreição” (v. 18), percebemos que os versículos 30 e 31 constituem uma chave de leitura para todo o discurso. Só sob este ponto de vista se torna claro que a intenção de Paulo nunca foi cingir-se a uma linguagem genericamente religiosa, mas, na verdade, o seu único objetivo era preparar os atenienses para compreenderem uma linguagem *confessional*²²².

²¹⁷ Fá-lo quando salienta a Sua condição Humana (ἄνθρωπος).

²¹⁸ Cf. O. FLICHY, *op. cit.*, p. 273.

²¹⁹ “Si Jésus est choisi comme étant celui que réaliserait le jugement dernier, c'est parce qu'il a réussi à vaincre la mort. Cette résurrection de Jésus qui est affirmée à nouveau la fin du texte et qui lui a été octroyée par Dieu va en quelque sorte garantir la foi en sa mission de juge et de sauveur. C'est parce qu'il va ressusciter d'entre les morts que Jésus est le seul à pouvoir réaliser véritablement la justice divine” (M. FATTAL, *op. cit.*, p. 98).

²²⁰ Segundo Jacques Dupont, esta expressão não pode ser interpretada e traduzida como “fé”, mas como “prova”. O autor do discurso tê-la-ia empregado para conseguir uma bela aliteração - três palavras começadas pela letra π (Cf. J. DUPONT, *Nouvelles Études sur les Actes des Apôtres*, p. 40).

²²¹ O. FLICHY, *op. cit.*, p. 274.

²²² Cf. B. CORSANI, *art. cit.*, p. 532.

Deste modo, conseguimos compreender que estamos perante um autêntico discurso missionário cristão²²³, ou por outras palavras: o Apóstolo não fez um simples exercício de apologética, mas de teologia fundamental enraizada na racionalidade da fé e na revelação²²⁴.

“Existe uma coisa, porém, que Paulo não menciona expressamente: a cruz. Provavelmente, porque tanto a cruz como a ressurreição eram ideias potencialmente estranhas para transmitir a um público cético, pelo que era mais aconselhável centrar-se apenas numa delas. Assim sendo, a ressurreição era a escolha óbvia, uma vez que a cruz sem a ressurreição fazia pouco sentido. Paulo não tencionava, pois, minimizar o valor da cruz. Tratava-se apenas de uma escolha estratégica quanto à quantidade de informação que os seus ouvintes conseguiriam assimilar de uma só vez”²²⁵.

5. A dupla reação do auditório

A reação dos ouvintes ao discurso de Paulo dá-se logo depois de ele lhes ter falado da ressurreição de Jesus (v.32), o que não é de estranhar, pois já percebemos que se trata da temática fundamental deste discurso e a principal razão da *indignação* no Areópago. De facto, devemos ter em conta que não era nada fácil para um grego aceitar a possibilidade de alguém poder ressuscitar dos mortos (*ἀνάστασιν νεκρῶν*), tal como salienta Rinaldo Fabris:

“O verdadeiro escândalo ou crise para os intelectuais gregos não é motivado por uma linguagem obscura ou estranha, mas pela recusa do facto novo e diferente, a ressurreição. Para a antropologia grega, a realidade material e física do Homem, o corpo, não tem nenhuma relação com o mundo divino, e a dissolução do composto humano é irreversível”²²⁶.

De facto, desde os tempos de Ésquilo (525–479 a.C.), o pensamento grego rejeitava a ideia da ressurreição, e, mesmo entre os judeus, apenas alguns sustentavam essa ideia

²²³ Cf. CH. L'EPLATTENIER, *op. Cit.*, p. 195.

²²⁴ Cf. J. C. CARVALHO, “Eixos maiores da teologia paulina”, p. 68.

²²⁵ P. WALKER, *op. cit.*, p. 113.

²²⁶ R. FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos*, p. 335.

absurda. A “imortalidade da alma” teria sido um conceito facilmente admissível, mas a “ressurreição” soava a algo simplesmente ridículo²²⁷.

Paulo estava consciente de que corria o risco de não ser compreendido e foi por isso que fez questão de transmitir essa mensagem de maneira inequívoca²²⁸. Mas, nesta fase final do estudo exegético do texto coloca-se uma questão importantíssima: como é que podemos avaliar o resultado desta missão junto dos Atenienses?

Antes de mais, é necessário termos em conta que, no auditório, surgiram duas reações opostas: alguns riram-se e fizeram troça (ἐχλεύαζον), considerando que as palavras de Paulo não tinham qualquer sentido²²⁹; outros demonstraram a intenção de o voltar escutar sobre o mesmo assunto (ἀκουσόμεθά σου περὶ τούτου καὶ πάλιν)²³⁰.

Estamos, efetivamente, diante de dois tipos de reação que não são iguais! Por um lado, encontramos uma atitude escarnecedora e acética²³¹ que refere o fiasco da *estratégia consensual* de Paulo, comprovado pela ausência dos efeitos desejados²³². Por outro, tal como havia acontecido no discurso que o apóstolo tinha proferido na sinagoga de Antioquia da Pisídia²³³, houve alguns atenienses que não ficaram indiferentes à sua pregação, e “esta é precisamente a informação essencial para o leitor: aceitar o sucesso do trabalho empreendido por Paulo em condições difíceis”²³⁴.

O versículo 34, ao referir que alguns atenienses se juntaram a Paulo para professar a fé em Jesus ressuscitado, demonstra, claramente, que estamos perante um discurso com um desfecho positivo. A referência onomástica de dois convertidos permite-nos tirar mais

²²⁷ Cf. P. WALKER, *op. cit.*, p. 116.

²²⁸ Cf. O. FLICHY, *op. cit.*, p. 274.

²²⁹ “Nada de extraño, pues, que los oyentes no supiesen imaginar la resurrección de los muertos más como revivir de un cadáver, que naturalmente, no es lo que Pablo menciona” (A. WIKENHAUSER, *op. cit.*, p. 309).

²³⁰ De facto, não encontramos neste excerto um sentido irónico mas pelo contrário uma dimensão positiva. A oposição οἱ μὲν ... οἱ δὲ ἰνδιχα claramente que estamos diante de um grupo com uma opinião diferente daqueles que “começaram a troçar” (Cf. D. MARGUERAT, *op. cit.*, p. 164).

²³¹ Cf. L. S. NAVARRO, *op. cit.*, p. 255.

²³² Cf. M. FATTAL, *op. cit.*, p. 98.

²³³ “À saída, pediram-lhe que falasse do mesmo assunto no sábado seguinte” (At 13, 42).

²³⁴ O. FLICHY, *op. cit.*, p. 275. De facto não nos podemos esquecer que “Le discours d’Athènes représente la première tentative chrétienne d’exprimer la foi biblique au Dieu créatur dans la catégories d’une culture non biblique” (D. MARGUERAT, *op. cit.*, p. 167).

algumas conclusões interessantes: a conversão de “Dionísio, o areopagita” (Διονύσιος ὁ Ἀρεοπαγίτης) apresenta-nos o sinal de que o Apóstolo conseguiu que a sua mensagem chegasse a uma elite social²³⁵ que, habitualmente, estava presente naquele ilustre lugar²³⁶. De igual modo, é de ter em conta a presença feminina, através da menção de uma mulher chamada Dâmaris (γυνὴ ὀνόματι Δάμαρις), a qual, na opinião de Rinaldo Fabris, poderia ser da família de Dioniso, “se é que não era sua esposa”²³⁷.

Para além destes, o narrador acrescenta que se converteram “outros com eles” (ἄλλοι σὺν αὐτοῖς) deixando a lista em aberto, o que sugere que poderiam ter sido citados outros nomes ilustres. Aliás, a probabilidade de ter existido desde logo uma pequena comunidade cristã dentro daquela cidade cheia de ídolos é “muito maior do que aquela que se tem pensado até aqui”²³⁸.

“Daí em diante a cidade grega nunca mais aparecerá nas narrações do cristianismo primitivo, mas no entanto, é muito provável que Paulo, antes de partir, tenha tomado o cuidado de fundar e pôr em andamento uma comunidade local, construída com estes primeiros convertidos, comunidade que ficou no anonimato e na discrição”²³⁹.

Portanto, nada leva a crer que o Apóstolo se tenha arrependido de ter pregado em Atenas ou que tivesse sentido que o seu “trabalho” havia sido totalmente infrutífero, sendo bastante redutor tentar encontrar em 1Cor 2, 1-2²⁴⁰ uma “justificação” para o facto de Paulo nunca mais ter agido de maneira semelhante e apenas querer anunciar “Jesus Cristo, e este,

²³⁵ Cf. P. BOSSUYT – J. RADERMAKERS, “Rencontre de l'incroyant et inculturation, Paul à Athènes”, in *Nouvelle Revue Théologique*, n° 117 (1995), p. 37. Lucas refere dois nomes, o primeiro parece ser alusivo à aristocracia ateniense. A propósito de Dionísio também consideramos importante ter em conta a opinião de A. T. ROBERTSON, *op. cit.*, p. 306: “Uno de los jueces de la Corte del Areópago. Ésta no era poca victoria por sí misma. Era uno de este consejo de doce jueces que sirvió entre otras cosas para hacer famosa a Atenas. Eusebio dice que vino posteriormente a ser obispo de la Iglesia en Atenas, y que murió mártir”.

²³⁶ Cf. O. FLICHY, *op. cit.*, p. 275. Para D. MARGUERAT, *op. cit.*, p.164: “Sa conversion confirme la qualité du discours de Paul”.

²³⁷ R. FABRIS, *Paolo - L'Apostolo Delle Genti*, p. 262.

²³⁸ O. FLICHY, *op. cit.*, p. 276. Também A. T. ROBERTSON, *op. cit.*, p. 306, defende que: “Y había «otros» con ellos, un grupo lo suficientemente grande como para mantener el fuego ardiendo en Atenas”.

²³⁹ E. DAHLER, *op. cit.*, p. 17.

²⁴⁰ “Eu mesmo, quando fui ter convosco, irmãos, não me apresentei com o prestígio da linguagem ou da sabedoria, para vos anunciar o mistério de Deus. Julguei não dever saber outra coisa entre vós a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado.”

crucificado”! Aliás, mesmo aqueles que defendem que as conversões foram muitas poucas²⁴¹, não podem sustentar que isso é uma razão para nunca mais se evangelizar por meio de um discurso culturalmente adaptado, porque, se assim fosse, também teríamos de dizer que o “insucesso” do discurso de Antioquia da Pisídia²⁴² (cf. At 13, 16-41) comprova que a História da Salvação e as Escrituras nunca mais deveriam ser utilizadas na transmissão da Boa-Nova.

No meio de tantas análises contemporâneas, não podemos correr o risco de avaliar o sucesso de um missionário apenas pelo número de conversões. Para Paulo, isso não era crucial, bem pelo contrário, aquilo que lhe importava era anunciar Jesus, e neste discurso de Atenas, o que nos deve prender a atenção é que Paulo fez de tudo para mostrar que Cristo era a diferença no meio de tanta indiferença²⁴³. Isso vale por si só! Claro que, numa interpretação numérica, o mais natural é pensarmos que o ideal era ele ter conseguido converter todo o auditório, porém não nos podemos esquecer que tanto neste caso, como no de Antioquia da Pisídia, e em tantos outros, “nada é automático e a liberdade das consciências desempenha completamente o seu papel”²⁴⁴. Assim sendo, vejamos, por exemplo, 1Cor 9, 22, quando ele escreve: “Fiz-me fraco com os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para salvar *alguns* a qualquer custo”. Paulo não era um homem iludido, tinha a perfeita noção das dificuldades, mas não desistia porque, para ele, evangelizar é uma obrigação que se lhe impõe. É nesta linha que José Carlos Carvalho afirma:

"Paulo (...) não perde tempo em Atenas, apenas faz o que lhe compete enquanto crente - dar razões credíveis da sua fé, tornar a fé um crível disponível. E até é um trabalho útil e salutar, pois (...) Lucas recorda com satisfação como alguns aproveitaram desse trabalho teológico de Paulo (...) convertendo-se e queimando²⁴⁵ toda a literatura da bruxaria, da magia e outros deuses."²⁴⁶

²⁴¹ Cf. R. FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos*, p. 335: “O definhado grupo que segue Paulo é a prova que em Atenas não surge uma comunidade da qual se conserve a lembrança na tradição conhecida por Lucas”.

²⁴² Cf. O. FLICHY, *op. cit.*, p. 275.

²⁴³ Cf. J. C. CARVALHO, “Eixos maiores da teologia paulina”, p. 70.

²⁴⁴ E. DAHLER, *op. cit.*, p. 17.

²⁴⁵ Cf. At 19, 18-19.

²⁴⁶ J. C. CARVALHO, “Eixos maiores da teologia paulina”, p. 70.

Assim, dando o *tom* que *afinará* o Terceiro Capítulo desta dissertação, apraz-nos dizer que, jamais, poderemos considerar como um fracasso²⁴⁷ qualquer discurso que tenha levado, nem que seja um só Homem, a acreditar (ἐπίστευσαν) em Jesus Cristo! No Areópago, Paulo conseguiu-o de maneira sublime.

²⁴⁷ Cf. A. T. ROBERTSON, *op. cit.*, p. 306.

III. UM DESAFIO PARA OS EVANGELIZADORES

O relato da passagem de Paulo por Atenas não é uma relíquia literária que se deva colocar numa redoma de vidro para ser simplesmente admirada e protegida. Não é uma narrativa histórica para arrumarmos na prateleira e da qual só nos podemos servir quando queremos compreender melhor alguma coisa arcaica. Este excerto do Livro dos Atos dos Apóstolos, tal como todo o texto bíblico²⁴⁸, rompe com todas as barreiras histórico-temporais e fala para nós, podemos até afirmar que fala de nós! O trabalho que estamos a realizar não é arqueologia, não é uma chave de leitura para o passado, mas uma *password* que nos permite aceder à essência do presente.

Deste modo, depois de termos apresentado uma contextualização e um estudo exegético deste relato bíblico, consideramos que é oportuno e legítimo, neste terceiro capítulo, olhar para ele como um desafio pastoral para os nossos dias.

Em Atenas, o Apóstolo deparou-se com uma sociedade pré-cristã, da qual faziam parte pessoas com bastante cultura. Quase 2000 anos depois, neste tempo chamado de pós-modernidade²⁴⁹, encontramos uma sociedade em grande parte pós-cristã e que é considerada a *geração mais bem (in)formada de sempre*. Paradoxalmente, apesar de estarmos numa posição oposta (pré/pós), acabamos por nos sentir muito próximos da situação de Paulo²⁵⁰.

²⁴⁸ “A Bíblia representa (...) uma ponte estável e possível para o diálogo com este nosso tempo” (J. T. MENDONÇA, “A mediação cultural - Um novo contexto para a transmissão religiosa?”, in *Communio*, XXIII [2006/4], p. 439).

²⁴⁹ “A pós-modernidade não é apenas um rótulo classificatório com conotações ligeiramente pejorativas, mas um conceito elevadamente controverso com inimigos e aderentes, que aparentemente envolve um programa estético, político, filosófico e sociológico totalmente diferente por parte dos seus simpatizantes. O prefixo *pós* é um instrumento terminológico comum na linguagem histórica, e é muitas vezes um meio neutral e conveniente de indicar a posição no tempo de certos acontecimentos ao relacioná-los com um evento importante anterior. O facto de um fenómeno ser considerado em termos da sua posterioridade em relação a um outro fenómeno não sugere de modo algum inferioridade. O que o prefixo *pós* implica é, contrastivamente, uma continuidade e uma rutura simultâneas, não querendo com isto retirar à pós-modernidade a capacidade de produzir visões novas, verdadeiramente testáveis e debatíveis” (E. DUQUE, “A Identidade na pós-modernidade: um conceito histórico-hipotético”, in *Cadernos do Noroeste*, nº 21 [2003/1-2], p. 40).

²⁵⁰ Cf. K. KUSCHEL, *art. cit.*, p. 20.

Portanto, tendo como tela de fundo o texto de At 17, 16-34, realizaremos uma modesta análise do mundo hodierno (baseando-nos principalmente nos países ocidentais de tradição cristã) e apresentaremos algumas propostas pastorais para esta “nova época da história humana”²⁵¹.

Neste tempo em que tudo muda a um ritmo extremamente rápido, podemos ser evangelizadores ao jeito de Paulo? Até que ponto é necessário (co)respondermos com ações apropriadas e meios aptos²⁵² às exigências da nova cultura²⁵³? Será que ainda precisamos de Homens familiarizados com a Palavra de Deus²⁵⁴? Percebemos que o Apóstolo nos estimula a ser protagonistas de um novo modo de estar²⁵⁵ e testemunhas de que a missão evangelizadora não é um projeto de realização pessoal, mas constitui a maneira de ser da Igreja²⁵⁶?

Eis algumas das questões que irão acompanhar-nos ao longo das próximas páginas. Não pretendemos que seja um tratado de sociologia ou um receituário milagroso, mas uma leitura inquietante do discurso de Paulo no Areópago da contemporaneidade, uma reflexão e uma exortação que é, em primeiro lugar, destinada a quem redigiu estas páginas! Evangelizar é a missão fundamental de todos os fiéis cristãos. Assumimos isso, desde já, como uma missão que nos compete, e deixá-lo-emos bastante claro através da linguagem que empreenderemos em seguida. Na verdade, a evangelização não é um ofício só do Papa, dos Bispos ou dos Presbíteros, mas é um dever fundamental de todo povo de Deus²⁵⁷ que, ao ser evangelizado, torna-se ele mesmo evangelizador²⁵⁸, ou no dizer do Papa Francisco: “em

²⁵¹ CONCILIIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Constitutio pastoralis de Ecclesia in mundo huius temporis Gaudium et Spes*, nº 54.

²⁵² Cf. CONCILIIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Decretum de activitate missionali ecclesiae Ad Gentes*, nº 6.

²⁵³ “Ao falarmos, hoje, da cultura, não pensamos propriamente em «cultura clássica». A palavra «cultura» é uma palavra polissémica (onde cabe de tudo um pouco), distinguindo-se do conceito de *civilização*, enquanto infraestrutura no contexto de uma dada sociedade; designa as diversas maneiras de nos comportarmos com o nosso corpo (higiene, hábitos alimentares, vestuário), com a natureza e com os outros e também com o mundo superior (forças impessoais, anjos, deuses ou Deus). Uma cultura caracteriza-se pela opção por este ou aquele comportamento. A cultura não é uma língua, mas constrói-se sobre o modelo desta. Herda-se das gerações passadas, mas integra, em si, um projeto, continuamente renovável” (C. REIMÃO, “O presente da Cultura e o futuro do Cristianismo”, in *Brotéria*, nº 168 (2008), p. 466).

²⁵⁴ Cf. FRANCISCUS PP., *Adhortatio Apostolica post-synodalis Evangelii Gaudium*, nº 175.

²⁵⁵ Cf. R. OSÓRIO, “Nova Evangelização na galáxia digital”, in *Communio*, XVIII (2001/3), p. 350.

²⁵⁶ Cf. PAULUS PP. VI, *Adhortatio Apostolica post-synodalis Evangelii Nuntiandi*, nº 14.

²⁵⁷ Cf. *Ad Gentes*, nº 35.

²⁵⁸ Cf. J. DUQUE, “Actualidade da evangelização das culturas”, in *Igreja e Missão*, nº 201-202 (2006), p. 109.

virtude do Batismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário”²⁵⁹.

1. Religiosidade XXI - “A cidade repleta de ídolos” (At 17, 16b)

O Homem pós-moderno vive virado para si²⁶⁰, para as suas emoções, para a sua autonomia de pensamento e escolha. Reconhecer a autoridade de um testemunho está fora de questão. Exige-se que tudo seja crivado pelo tribunal da experiência pessoal²⁶¹, ou seja, “o que antes era considerado como algo absoluto e indiscutível de geração em geração vai agora sendo questionado e relativizado”²⁶².

Vivemos numa ditadura livre do relativismo, em que o indivíduo moderno, não se querendo deixar afetar pela vida social, apresenta-se muito próximo dos antigos estóicos: caindo no isolamento idolátrico de si mesmo²⁶³, acaba por criar um deus à sua medida, um ídolo que tem como fim último a exaltação do seu ego. Ora, “num horizonte deste tipo, em que o Homem vem ocupar o lugar central, centralizando em si toda a forma de existência, Deus torna-se uma hipótese inútil e um concorrente não só a evitar, mas a eliminar”²⁶⁴.

No entanto, esta sociedade narcisista, “laicista, individualista e hedonista, envergonhada do seu passado e disposta a erradicar do espaço público e cultural a tradição cristã”²⁶⁵, acaba por prestar culto a outras inúmeras divindades, não às da Grécia antiga, mas a ídolos modernos! Não se praticam os cultos do antigo mundo greco-romano, evocados em At

²⁵⁹ FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, nº 120.

²⁶⁰ “Essa fixação do indivíduo em si mesmo, enquanto sujeito real e limitado, resultou em certa «ideologia» cultural de autoconstrução do indivíduo. Cada um faz-se a si mesmo e existe apenas para isso: para se autoconstruir. Caso contrário, não será ninguém. O sentido, como horizonte de fascínio de cada um, é a construção da sua própria existência, como modo limitado de ser quotidianamente. Não há sentido que lhe seja exterior, porque os sentidos exteriores são vistos como ameaça para a autoconstrução individual” (J. DUQUE, “Novos ídolos – desafios de sempre”, in *Theologica*, nº 47 [2012/1], p. 65)

²⁶¹ Cf. T. MESSIAS, “Espiritualidade cristã e identidade crente nas culturas juvenis”, in *Communio*, XXIX (2012/1), pp.114-115.

²⁶² E. DUQUE, “A Identidade na pós-modernidade: um conceito histórico-hipotético”, p. 46.

²⁶³ J. DUQUE, “Novos ídolos – desafios de sempre”, in *Theologica*, nº 47 (2012/1), p. 65.

²⁶⁴ R. FISICHELLA, *A Nova Evangelização – Um desafio para sair da indiferença*, ed. Paulus, Lisboa, 2012, p. 38.

²⁶⁵ M. F. FERREIRA, “Do Átrio aos Gentios – Uma Igreja tão católica como una”, in *Communio*, XXIX, (2012/4), p. 466.

17, 16-21, nem se fazem reverências diante das estátuas, como os povos primitivos, mas presta-se culto a outro vasto conjunto de ídolos: desportivos, televisivos, político-económicos, culturais, sexuais, estéticos²⁶⁶, etc...

Neste contexto, urge que respondamos com bastante clareza à seguinte inquietação: afinal, para um evangelizador como Paulo e para cada um de nós, o que é um ídolo? Qual é o verdadeiro significado desta palavra que até dá nome a um dos mais famosos *talent-shows* televisivos portugueses?

Segundo Timothy Keller, “é qualquer coisa mais importante para nós do que Deus, qualquer coisa que absorve o nosso coração e a nossa imaginação mais do que Deus, qualquer coisa da qual tentamos obter aquilo que só Deus nos pode dar”²⁶⁷.

Diante de tal definição, só podemos afirmar: tanta idolatria no século XXI! Quantas vezes o lugar de Deus é facilmente ocupado pelo culto idolátrico do ego e da prosperidade material! Quantas vezes os batizados trocam o encontro comunitário com Deus por uma simples ida a uma catedral desportiva ou por uma manhã de compras no centro comercial!

Eis o despotismo da indiferença, um dos principais desafios para o evangelizador contemporâneo. Na verdade, a sua maior problemática já não assenta no confronto direto com o ateísmo²⁶⁸, já não se trata da negação de Deus, mas do Seu desconhecimento! Podemos até dizer que vivemos uma situação bastante análoga àquela com que Paulo se deparou em Atenas²⁶⁹: Deus tornou-se “verdadeiramente o grande Desconhecido”²⁷⁰.

²⁶⁶ “Podemos não nos ajoelhar fisicamente frente à estátua de Afrodite, mas muitas jovens mulheres de hoje caem em depressão e em distúrbios alimentares devido a uma preocupação obsessiva com a sua imagem física. Podemos não queimar incenso a Ártemis, mas quando o dinheiro e a carreira são elevados a proporções cósmicas, fazemos uma espécie de «sacrifício das crianças», negligenciando a família e a comunidade para alcançar um posto mais elevado na empresa, e para ganhar mais dinheiro e prestígio” (T. KELLER, *Falsos Deuses*, ed. Paulinas, Prior Velho, 2009, p. 12).

²⁶⁷ *Ibid.*, pp. 19-20.

²⁶⁸ Já não existe o ateísmo militante de outros tempos (Cf. J. C. CARVALHO, “Escutar, comunicar e testemunhar Cristo”, in *Humanística e Teologia*, XXXIV [2013/2], p. 188).

²⁶⁹ “Os nossos dias são outra vez dias de uma cultura neo-helenista, politeísta em termos religiosos e em termos éticos” (J. C. CARVALHO, “O anúncio do Evangelho na pós-modernidade: uma contextualização de 2 Tim 3,10-17”, in *Humanística e Teologia*, XXII (2001/2), p. 278).

²⁷⁰ BENEDICTUS PP. XVI, “Viagem Apostólica à França”, *Encontro com o mundo da cultura no Collège des Bernardins*.

Por outro lado, apesar das nossas cidades já não estarem cheias de altares e imagens de divindades mitológicas, também são muitos os homens e mulheres que se deparam com uma angustiante procura de um sentido espiritual²⁷¹ para a sua existência, uma necessidade de vida interior, um desejo de aprender novas formas e meios de concentração e de oração²⁷². E neste sentido, as soluções são muitas.

Curiosamente, falar de espiritualidades na sociedade contemporânea faz-nos pensar no número de deuses atenienses... mas neste caso não são 30.000, mas verdadeiramente incontáveis! Encontramo-nos num mundo marcado pela revelação de inúmeros segredos n’O *Código da Vinci*, a idolatração dos horóscopos, o constante surgimento de Seitas (Novos Movimentos Religiosos), o fascínio pela *New Age*²⁷³, uma época de “sacralização descontrolada”²⁷⁴ que também acaba por *levar na onda* alguns daqueles cristãos que infelizmente são portadores do *síndrome de ignorância religiosa*.

“Vivemos num tempo que diz ter muito respeito por Cristo, mas desprezo pela Igreja, pela hierarquia, pelo Papa e os Apóstolos. Muitos até que se dizem cristãos, estão fascinados com Jesus, a figura de Jesus, o túmulo de Jesus, o casamento e os filhos de Jesus. Mas não querem ter nada a ver com a doutrina de Jesus, a divindade de Jesus, a salvação de Jesus”²⁷⁵.

Portanto, já percebemos que a dinâmica secular não provocou uma total perda do interesse por Deus, pelo sagrado, pelo mistério, mas levou a uma mudança no ponto de referência religioso. Se, anteriormente, as pessoas se apoiavam, maioritariamente, em credos instituídos e religiões estruturadas, hoje, buscam mais facilmente a relação com o transcendente no quotidiano, no secular, no profano.

²⁷¹ “«Espiritualidade» é (...) atualmente um termo usado de modo abrangente para designar, sobretudo, uma dimensão pessoal de abertura radical e global, implicando as várias dimensões da pessoa, a uma realidade outra, pressentida, experimentada ou conhecida como fundamento e sentido para a vida, difícil de definir” (T. MESSIAS, *art. cit.*, p. 118).

²⁷² Cf. IOANNES PAULUS PP. II, *Litterae Encyclicae Redemptoris Missio*, n° 38.

²⁷³ A este propósito, consideramos interessante a obra de T. O. GONÇALVES, *À espera de uma “nova era” (new age) – Os percursos alternativos da religiosidade*, ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2007.

²⁷⁴ J. DUQUE, “Actualidade da evangelização das culturas”, p. 120.

²⁷⁵ J. C. NEVES, *art. cit.*, p. 76.

“Não é Deus que desaparece da sociedade nem é o mistério profundo do Homem e do mundo que se ausenta da experiência humana. Antes se altera e amplia o quadro de referência em que é feita a busca de sentido, a crença, a descoberta de Deus”²⁷⁶.

Nesta linha, incomodemo-nos, mas não estranhemos inocentemente o facto de o Evangelho ser visto por muita gente como mais uma simples proposta, entre outras, que chega ao “grande mercado de bens, de mercadorias, de modas, de salvação”²⁷⁷. Por isso mesmo, neste tempo da religiosidade do consumo²⁷⁸, um evangelizador tem de se destacar pela diferença: ele não vende Deus, dá-O a conhecer, dá-O gratuitamente para saciar a sede de todos²⁷⁹ os que vivem perto ou longe d’Ele, todos que O amam ou O negam, e de modo especial a todos os que vivem atormentados com medo, subjugados a facilitismos cegos, guiados pela lógica da prevenção esotérica, que os leva a acender velas protetoras da ira divina: aquelas pessoas que “tacteando”, procuram na escuridão longínqua um Deus que, na verdade, está bastante próximo de cada um (cf. At 17, 27).

Sem nos ser possível realizar uma análise mais exaustiva da situação religiosa contemporânea, pois isso extravasaria o âmbito desta dissertação, consideramos que já apresentámos dados suficientes que nos permitam afirmar que se, por um lado este novo *kairós* está repleto de ambiguidades sócio-religiosas, por outro está lotado de oportunidades, autênticos areópagos²⁸⁰ onde é possível mostrar o rosto do Deus desconhecido²⁸¹.

“Devemos descobrir, na religiosidade dos nossos povos, o autêntico substrato religioso, que em muitos casos é cristão e católico. Não em todos: existem religiosidades não cristãs. Mas é necessário ir ao seu encontro, ao núcleo. Não

²⁷⁶ T. MESSIAS, *art. cit.*, p. 117.

²⁷⁷ “Apesar de muitos e variados deuses cada um escolhe o seu panteão *à la carte*, ou mesmo o que apenas lhe apraz desse panteão” (J. C. CARVALHO, “O anúncio do Evangelho na pós-modernidade: uma contextualização de 2 Tim 3,10-17”, p. 267).

²⁷⁸ J. DUQUE, “Actualidade da evangelização das culturas”, p. 120.

²⁷⁹ Cf. FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, n° 89.

²⁸⁰ Cf. IOANNES PAULUS PP. II, *Redemptoris Missio*, n° 38.

²⁸¹ Cf. T. HALÍK, *Paciência com Deus*, ed. Paulinas, Prior Velho, 2013, p. 168.

podemos desconhecer nem desprezar esta experiência de Deus que, embora às vezes esteja dispersa ou misturada, pede para ser descoberta e não construída. Nela encontram-se os *semina Verbi* lançados pelo Espírito do Senhor. Não é bom fazer avaliações apressadas e genéricas, como por exemplo: ‘Esta é apenas uma expressão de religiosidade natural’. Não, não se pode dizer isto! A partir dali podemos encetar o diálogo evangelizador, como fez Jesus com a Samaritana e, indubitavelmente, com muitas outras pessoas para além da Galileia. E para o diálogo evangelizador é necessário ter a consciência da própria identidade cristã, mas também a empatia com as outras pessoas”²⁸².

Ou seja, ao constataremos os “inúmeros sinais da sede de Deus”²⁸³ nas pessoas com quem nos cruzamos no dia a dia, temos de nos sentir estimulados a dar-lhes de beber a água viva (cf. Jo 4, 14), por meio de uma evangelização enraizada na novidade do Evangelho e que é fonte de alegria para todos: Jesus Ressuscitou²⁸⁴. Tal como Paulo tomou como ponto de partida a experiência espiritual dos atenienses, servindo-se de algo em que eles já acreditavam, para lhes anunciar o Deus desconhecido, também nós havemos de encontrar os aspetos positivos da religiosidade própria deste século XXI para anunciar o Deus próximo que liberta a humanidade da indiferença insípida e da sujeição medrosa aos ídolos²⁸⁵.

Certamente, surgirão momentos em que sentiremos a mesma indignação interior que assolou o espírito do Apóstolo, quando se deparou com toda aquela religiosidade (cf. At 17, 16), mas, tal como ele, é necessário que não fiquemos eternamente obcecados nessa revolta, mas consigamos ver os ensejos mais profundos que existem nas diversas expressões de fé. Neste contexto consideramos que, por exemplo, um bom ponto de partida²⁸⁶ para a evangelização dos já batizados, encontra-se precisamente na valorização da piedade

²⁸² FRANCISCUS PP., “Discursos”, *Discurso aos participantes no Congresso Internacional de Pastoral nas grandes cidades*.

²⁸³ FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, n° 86.

²⁸⁴ “Tenemos que hablar con gran confianza tanto de la vida eterna como de la resurrección de la carne. Esta es nuestra alegría (...), la alegría del evangelio, que nadie nos quita. Esta es la alegría que debemos anunciar en la nueva evangelización” (J. RATZINGER, *Ser cristiano en la era neopagana*, ed. Encuentro, Madrid, 2008, p. 189).

²⁸⁵ Cf. FRANCISCUS PP., *Litterae Encyclicae Lumen Fidei*, n° 13.

²⁸⁶ Cf. FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, n° 69.

popular²⁸⁷, a qual pode servir de trampolim impulsionador para uma vivência autêntica da fé em Jesus Cristo²⁸⁸.

Assim sendo, nesta época “dramática e fascinante”²⁸⁹, aqueles que são portadores e dadores da novidade de Deus devem ser profundamente sensíveis à história religiosa de cada pessoa, não podendo esquecer-se que a evangelização hodierna é “plenamente compreensível no horizonte das coisas velhas”²⁹⁰.

2. Lugares de proximidade - “De pé, no meio do Areópago” (At 17, 22a)

Pode parecer estranho, mas ainda encontramos pessoas que pensam que a missão evangelizadora é uma coisa distante da nossa realidade europeia e que só é necessária em África ou na Ásia... Porém, a verdade é que o anúncio do Evangelho também tem de ser feito em Braga, em Lamego, em Vila da Ponte, em nossa casa, no meio desta “apostasia silenciosa”²⁹¹, onde os próprios batizados vivem como se Deus não existisse!

Não podemos ficar satisfeitos com uma evangelização protagonizada por alguns discípulos missionários em países longínquos, nem é permitido que nos contentemos quando a nossa pregação da Boa-Nova apenas se faz ouvir em espaços tipicamente tradicionais. É necessário bem mais que isso: torna-se imperativo que se desencadeie em cada um de nós um êxodo evangelizador que tenha como destino os vários lugares onde se encontram os Homens do nosso tempo²⁹².

²⁸⁷ “As expressões de piedade popular têm muito que nos ensinar e, para quem as sabe ler, são um *lugar teológico* a que devemos prestar atenção particularmente na hora de pensar a nova evangelização” (FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, n° 126).

²⁸⁸ Cf. M. FALCÃO, “As linguagens na transmissão da fé”, in *Communio*, XVII (2001/4), p. 313.

²⁸⁹ IOANNES PAULUS PP. II, *Redemptoris Missio*, n° 38.

²⁹⁰ IOANNES PAULUS PP. II, *Adhortatio apostolica post-synodalis Ecclesia in Europa*, n° 106.

²⁹¹ Cf. *Ibid.*, n° 9.

²⁹² M. F. FERREIRA, *art. cit.*, p. 473.

Não podemos contentar-nos com uma pastoral de manutenção que desperdice as inúmeras oportunidades de anunciar Jesus Cristo no tempo presente²⁹³, bem pelo contrário, urge fixar o olhar “na criatividade e na coragem que Paulo teve para pronunciar o seu discurso em Atenas”²⁹⁴. Ele sabia que anunciar Jesus no Areópago não seria uma tarefa fácil, mas teve a audácia de ir até lá, aproveitar aquele momento único e vislumbrar muito mais do que as dificuldades daquele lugar.

Também hoje, é necessário que sejamos corajosos e criativos²⁹⁵! Não podemos continuar encerrados no nosso reduto à espera que as pessoas vão até à igreja paroquial para ouvir falar do Ressuscitado²⁹⁶. Temos de ser nós a sair, a ir até às mais variadas periferias²⁹⁷, procurando fazer com que a mensagem evangélica também chegue àqueles que andam afastados e, dentro dos possíveis, só depois de compreender quais são as alegrias e tristezas de cada um deles.

É desafiante ver como Paulo foi um desinstalado e um perito na proximidade: não se acomodou a viver serenamente numa comunidade onde fosse admirado, mas arriscou ir, percorrer inúmeros quilómetros, passar por várias privações e até, quando estava longe fisicamente, fazia questão de continuar esta sua praxis missionária, tornando-se próximo através de diversas cartas. Portanto, o Apóstolo dos Gentios sempre privilegiou uma pastoral da proximidade. Mesmo quando não lhe era possível estar num lugar, em determinada situação, optava por utilizar a melhor metodologia comunicativa daquela época para tentar colmatar a sua ausência física e fazer sentir a sua presença, estima e esperança, a par das suas advertências.

²⁹³ J. SANZ, “Evangelización de los nuevos areópagos”, in *Scripta Theologica*, nº 44 (2012), p. 702.

²⁹⁴ Cf. FRANCISCUS PP., *Discurso aos participantes no Congresso Internacional de Pastoral nas grandes cidades*.

²⁹⁵ “Em cada tempo e configuração social, deve brotar (...) uma forma original de viver (...) no mundo, desde a inesgotável criatividade de Deus” (T. MESSIAS, *art. cit.*, p. 128).

²⁹⁶ “Permanecer isolados dentro das nossas igrejas pode dar-nos alguma consolação, mas tornaria vão o Pentecostes. É tempo de escancarar as portas e voltar a anunciar a ressurreição de Cristo da qual somos testemunhas” (R. FISICHELLA, *op. cit.*, p. 73).

²⁹⁷ Cf. FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, nº 30.

Por isso, se na contemporaneidade, queremos ser evangelizadores ao jeito de Paulo, temos, obviamente, de utilizar os meios de comunicação que temos ao nosso dispor - nomeadamente os digitais - para fazer com que a Boa-Nova de Jesus chegue até àqueles com quem nos é impossível ter um contacto mais próximo.

As potencialidades dos novos meios comunicativos são imensas e, se nós as soubermos aproveitar, podemos fazer com que os valores gravados nas páginas da Sagrada Escritura cheguem até às imensas pessoas que se servem deles, e que estão neles! Na verdade, mais do que simples meios, eles também são em si mesmos um “*lugar* de encontro e de testemunho da fé”²⁹⁸, são autênticas *mediapolis*!

“O primeiro Areópago dos tempos modernos é o mundo das comunicações, que está a unificar a humanidade, transformando-a como se costuma dizer na «aldeia global». Os meios de comunicação social alcançaram tamanha importância que são para muitos o principal instrumento de informação e formação, de guia e inspiração dos comportamentos individuais, familiares e sociais... A própria evangelização da cultura moderna depende, em grande parte, da sua influência... É necessário integrar a mensagem nesta «nova cultura», criada pelas modernas comunicações”²⁹⁹.

Nesta linha, já o Concílio Vaticano II no Decreto *Inter Mirifica*, alertava: “A Igreja Católica, fundada por Jesus Cristo para levar a salvação a todos os homens, e por consequência, ungida pela necessidade de evangelizar, considera parte da sua missão anunciar a mensagem da salvação, com a ajuda, também, dos meios de comunicação social”³⁰⁰ e no mesmo texto, instituiu a celebração anual do Dia Mundial das Comunicações Sociais³⁰¹.

Compreendemos, assim, que a promoção dos novos meios comunicativos como forma de evangelização não se trata de uma novidade irreverente, mas é a própria Igreja, que nos

²⁹⁸ R. OSÓRIO, *art. cit.*, p. 351.

²⁹⁹ IOANNES PAULUS PP. II, *Redemptoris Missio*, n° 37.

³⁰⁰ CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Decretum de instrumentis communicationis socialis Inter Mirifica*, n° 3.

³⁰¹ Cf. *Ibid.*, n° 18. O Dia Mundial das Comunicações Sociais, desde 1996, tem sido celebrado no domingo anterior à festa de Pentecostes.

seus diversos documentos e na voz dos Papas³⁰²: constata a enorme influência deles, alerta para as diversas condicionantes desta *aldeia global*, e aconselha a que se encarem as atuais tecnologias comunicativas como novas oportunidades³⁰³ para levar a Boa-Nova de Jesus a todos, independentemente da sua fé, nacionalidade ou condição social³⁰⁴. De facto, nesta missão, não existem pessoas que possam ser dispensadas, nem lugares a ser evitados! Inspirados pelo exemplo de Paulo no Areópago, somos desafiados a “ir ao terreno dos interlocutores”³⁰⁵, seja real ou virtual, e a saber utilizar com sentido evangelizador as técnicas que estão ao nosso alcance.

“Nos primeiros tempos da Igreja, os Apóstolos e os seus discípulos levaram a Boa-Nova de Jesus ao mundo greco-romano: como então a evangelização, para ser frutuosa, requereu uma atenta compreensão da cultura e dos costumes daqueles povos pagãos com o intuito de tocar as suas mentes e corações, assim agora o anúncio de Cristo no mundo das novas tecnologias supõe um conhecimento profundo das mesmas para se chegar a uma sua conveniente utilização”³⁰⁶.

Portanto, um discípulo missionário ao utilizar os novos meios de comunicação precisa de estar consciente das suas vantagens e perigos, de saber muito bem como é que pensam as pessoas que se servem deles e, perante isto, encontrará a maneira mais assertiva de anunciar a Verdade sem a desvirtuar. Quem assim o fizer, conseguirá que estas ferramentas, quase sem limites³⁰⁷, sejam uma mais-valia. Mas quem não o souber fazer corre o risco de cair num

³⁰² Para uma análise mais alargada desta temática aconselhamos a consulta de: M. ALONSO, *Un nuevo areópago para la evangelización: Síntesis del magisterio pontificio sobre los medios de comunicación social*, ed. CEU, Madrid, 2008.

³⁰³ FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, n° 87.

³⁰⁴ “A Igreja é chamada a exercer uma «diaconia da cultura» no atual «continente digital». Com o Evangelho nas mãos e no coração, é preciso reafirmar que é tempo também de continuar a preparar caminhos que conduzam à Palavra de Deus, não descurando uma atenção particular por quem se encontra em condição de busca, mas antes procurando mantê-la desperta como primeiro passo para a evangelização. Efetivamente, uma pastoral no mundo digital é chamada a ter em conta também aqueles que não acreditam, caíram no desânimo e cultivam no coração desejos de absoluto e de verdades não caducas, dado que os novos meios permitem entrar em contacto com crentes de todas as religiões, com não-crentes e pessoas de todas as culturas” (BENEDICTUS PP. XVI, “Mensagens”, *XLIV Dia Mundial das Comunicações Sociais*).

³⁰⁵ J. ROSA, “Cultura clássica e cristianismo nascente, Continuidade ou ruptura”, p. 504.

³⁰⁶ BENEDICTUS PP. XVI, “Mensagens”, *XLIII Dia Mundial das Comunicações Sociais*.

³⁰⁷ Cf. R. OSÓRIO, *art. cit.*, p. 350.

propagandismo redutor ou num espetáculo vazio que nunca converterá verdadeiramente ninguém.

Ora, nestes tempos em que o *Homo technologicus* coincide com o Homem espiritual³⁰⁸, o relato de At 17, 16-34 apresenta-se como um autêntico modelo que não conseguimos deixar de lado, pois, à semelhança do que aconteceu com Paulo em Atenas, também nós hoje “somos convidados, ou compelidos, a subir aos atuais Areópagos da adventícia *oikouméne* planetária. E aí de quem ficar calado”³⁰⁹.

Impõe-se que estejamos *online* neste Areópago digital mundial, sem que isso nos faça perder a consciência de que o virtual não substitui o real! Na verdade, sempre que possível, o clique deve levar ao toque³¹⁰, à proximidade física, à reunião comunitária, porque acima de tudo, o Deus que anunciamos não está distante, mas “inacreditavelmente próximo de nós”³¹¹, é n’Ele que “vivemos, nos movemos e existimos” (At 17, 28a).

3. INculturação da Fé - “*Aquele que venerais sem o conhecer é esse que eu vos anuncio*” (At 17, 23b)

Quando nos debruçamos sobre o discurso de Paulo no Areópago, somos automaticamente remetidos para uma reflexão teológico-pastoral sobre a importância da inculturação. Aliás, trata-se de uma questão tão central na vida da Igreja, que podemos dizer que foi esse o assunto principal do seu primeiro concílio, no ano 50, em Jerusalém (cf. At 15, 6-29). Aí, ficou estabelecido que a fé em Jesus Cristo não está dependente de nenhuma cultura, e Paulo, na sua *praxis missionária*, demonstrou muito bem como se devia fazer a aplicação concreta dessa decisão.

³⁰⁸ Cf. A. SPADARO, *Ciberteologia – Pensar o Cristianismo na era da Internet*, ed. Paulinas, Prior Velho, 2013, p. 29.

³⁰⁹ J. ROSA, “Abertura das Jornadas”, in AA.VV., *Da fé na comunicação à comunicação da Fé*, ed. Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2005, p. 24.

³¹⁰ Cf. A. AGUIAR, *Um Padre na Aldeia Global – Evangelização e o desafio das novas tecnologias*, ed. Paulinas, Prior Velho, 2014, pp. 85-112.

³¹¹ T. HALÍK, *op. cit.*, p. 168.

No entanto, o verdadeiro fundamento da inculturação não está em Paulo nem em nenhum concílio eclesial, mas na *kenose* de Deus: “O Verbo fez-se homem” (Jo 1, 14). Jesus Cristo foi o primeiro agente e modelo da inculturação! Assumiu, verdadeiramente, a natureza humana com tudo aquilo que isso implicava: ser membro de um povo com hábitos e costumes, língua e religião, uma cultura humana concreta³¹². O Verbo de Deus arrogou a realidade e anunciou a Boa-Nova a partir de dentro dessa mentalidade, valores e tradições.

Nesta linha, o mistério da Encarnação apresenta-se como um imperativo³¹³ para todos os tempos. Também hoje, por fidelidade ao Verbo Encarnado, é necessário que o evangelizador não caia numa “vaidosa sacralização da própria cultura”³¹⁴, mas que seja um *pontífice*, um construtor de pontes³¹⁵ entre os Homens que procuram respostas para as suas inquietações e o Deus que vem ao seu encontro.

A inculturação do *querigma* bíblico³¹⁶ na sociedade contemporânea tem de estar alicerçada num diálogo claro, fundamentado e humilde, onde sobressaia a disponibilidade para aprender com a beleza da diversidade e complementaridade das várias culturas e a vontade de ensinar o caminho para a Fonte que sacia o *quaerere Deum*, existente no coração da humanidade³¹⁷: “Aquele que venerais sem o conhecer é esse que eu vos anuncio” (At 17, 23b). Como dizia João Paulo II:

“Pela inculturação, a Igreja encarna o Evangelho nas diversas culturas e simultaneamente introduz os povos com as suas culturas na sua própria comunidade, transmitindo-lhes os seus próprios valores, assumindo o que de bom nelas existe, e renovando-as a partir de dentro. Por sua vez, a Igreja, com a

³¹² Cf. A. V. PINTO, “A Igreja hoje - O diálogo inter-cultural”, in *Brotéria*, nº 173 (2011), p. 42.

³¹³ Cf. R. OSÓRIO, *art. cit.*, p. 349.

³¹⁴ FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, nº 117.

³¹⁵ “Mas é indispensável ter presente que para haver diálogo, haver ponte útil e segura, por onde se possa transitar, é indispensável que as duas margens estejam firmes. Dialogar, é certo, mas também, sem rejeitar o princípio da tolerância, muitas vezes ter a lucidez e a coragem de dizer «não!», a coragem de ir contra a corrente, de praticar uma saudável contra-cultura ou cultura alternativa” (A. V. PINTO, *art. cit.*, p. 42).

³¹⁶ Para uma abordagem mais aprofundada da temática da Inculturação nos textos bíblicos, aconselhamos a leitura de: C. SANTE, “A Inculturação na Bíblia”, in *Igreja e Missão*, nº 180 (1999), pp. 39-57.

³¹⁷ J. SANZ, *art. cit.*, p. 703.

inculturação, torna-se um sinal mais transparente daquilo que realmente ela é, e um instrumento mais apto para a missão”³¹⁸.

Neste sentido, toda a inculturação tem de pressupor uma inteligente e original ligação do Evangelho com uma cultura³¹⁹, com o modo de viver e de pensar de um determinado conjunto de pessoas, e isto não tem nada a ver com impor normas doutrinárias, nem é sinónimo de desleixo espiritual ou manipulação emocional. Para que o trabalho evangelizador dê bom fruto, é necessário que a semente e a terra estejam em harmonia. Não se podem esquecer as exigências da semente, nem desvalorizar a potencialidade do terreno: “trata-se de manter um diálogo pastoral sem relativismos, que não negocia a própria identidade cristã, mas que deseja alcançar o coração do próximo, dos outros que são diferentes de nós, e ali semear o Evangelho”³²⁰.

Há necessidade de diálogo³²¹! Nenhum evangelizador pode descansar, prazenteiramente, à sombra de um monólogo. Não é plausível que, simplesmente, se anuncie que Cristo ressuscitado é a resposta para as pessoas de hoje sem que, primeiramente, se tenha percebido quais são as suas perguntas neste momento! Antes de se dizer o que quer que seja, o primeiro passo para uma evangelização fecunda acenta no escutar e compreender o modo de pensar das pessoas que estão diante de nós, fazer como Paulo em Atenas: ele assumiu a experiência humana do seu auditório e alicerçou o seu anúncio naquela realidade concreta.

Na verdade, um discurso “desincarnado da vida real quotidiana”³²² não diz nada a ninguém! Cada momento da história, cada contexto social e cultural têm características novas, levantam novos desafios, exigindo-se por isso que um discípulo-missionário (co-)responda

³¹⁸ IOANNES PAULUS PP. II, *Redemptoris Missio*, nº 52.

³¹⁹ “O Evangelho, e consequentemente a evangelização, não se identificam por certo com a cultura, e são independentes em relação a todas as culturas. E no entanto, o reino que o Evangelho anuncia é vivido por homens profundamente ligados a uma determinada cultura, e a edificação do reino não pode deixar de servir-se de elementos da civilização e das culturas humanas. O Evangelho e a evangelização independentes em relação às culturas, não são necessariamente incompatíveis com elas, mas suscetíveis de as impregnar a todas sem se escravizar a nenhuma delas. (PAULUS PP. VI, *Evangelii Nuntiandi*, nº 20)

³²⁰ FRANCISCUS PP., *Discurso aos participantes no Congresso Internacional de Pastoral nas grandes cidades*.

³²¹ “Um diálogo é muito mais do que a comunicação de uma verdade” (FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, nº 142).

³²² J. DUQUE, “Actualidade da evangelização das culturas”, p. 122.

com uma nova evangelização³²³. Nova, porque é um processo sempre novo³²⁴, interminável, que exige novas maneiras de se realizar.

Torna-se necessário tomar consciência de que a maneira como se comunicava qualquer coisa há uns anos atrás, já não é totalmente percebida hoje. A linguagem não é imutável, e isto também se aplica à forma como se evangeliza. O conteúdo do anúncio é sempre o mesmo, mas o modo como se realiza tem de estar de acordo com cada tempo e com cada lugar, necessitando de reformulações. Neste sentido, Paulo VI reconhecia que:

“Este problema do «como evangelizar» apresenta-se sempre atual, porque as maneiras de o fazer variam em conformidade com as diversas circunstâncias de tempo, de lugar e de cultura, e lançam, por isso mesmo, um desafio em certo modo à nossa capacidade de descobrir e de adaptar”³²⁵.

Portanto, não se pode simplesmente pegar em *receitas* do século passado e tentar aplicá-las hoje³²⁶. Necessitamos de “uma nova inculturação da fé”³²⁷. Para anunciar o mandamento sempre novo: “novo modo, nova Anunciação, nova missão coração a coração”³²⁸.

³²³ Este termo foi utilizado pela primeira vez por João Paulo II no dia 9 de Março de 1983, na XIX Assembleia Geral da CELAM realizada em Port-au-Prince, no Haiti. Aí o Papa apelou a um compromisso “não de reevangelização, mas sim de uma Nova Evangelização. Nova no seu ardor, nos seus métodos e expressões” (IOANNES PAULUS PP. II, “Viagem Apostólica à América Central”, *Discurso na XIX Assembleia Geral da CELAM*).

Também é fundamental destacar o discurso do Papa, a propósito da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Santo Domingo, na República Dominicana: “A nova evangelização não consiste num «novo evangelho», que surgiria sempre de nós mesmos, da nossa cultura ou da nossa análise, sobre as necessidades do homem. Por isso, não seria “evangelho” mas pura invenção humana, e a salvação não se encontraria nele. Nem mesmo consiste em retirar do Evangelho tudo aquilo que parece dificilmente assimilável. Não é a cultura a medida do Evangelho, mas Jesus Cristo é a medida de toda a cultura e de toda obra humana. Não, a nova evangelização não nasce do desejo de «agradar aos homens» ou de «procurar o seu favor» (cf. Gl 1, 10), mas da responsabilidade pelo dom que Deus nos fez em Cristo, pelo qual temos acesso à verdade sobre Deus e sobre o homem, e à possibilidade da vida verdadeira. A nova evangelização tem, como ponto de partida, a certeza de que em Cristo há uma “riqueza insondável” (Ef 3, 8), que não extingue nenhuma cultura de qualquer época, e à qual nós homens sempre poderemos recorrer para enriquecer-nos” (IOANNES PAULUS PP. II, “Discursos”, *Discurso inaugural da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*).

Por sua vez, Bento XVI, no dia 21 de Setembro de 2010, através da Carta Apostólica em forma de Motu Proprio *Ubicumque et Semper*, criou um novo Pontifício Conselho, destinado à Promoção da Nova Evangelização.

³²⁴ Cf. J. DUQUE, “Actualidade da evangelização das culturas”, p. 115.

³²⁵ PAULUS PP. VI, *Evangelii Nuntiandi*, n° 40

³²⁶ Cf. R. FISICHELLA, *op. cit.*, p. 64.

³²⁷ S. WIEDENHOFER, “Igreja e Europa na teologia de Joseph Ratzinger”, in *Communio*, XXVI, (2009/4), p. 490.

³²⁸ A. COUTO, “Paulo, modelo de evangelizador”, in *Theologica*, XLIII (2008/2), p. 372.

Obviamente, não se trata de uma modernice proposta por alguma pastoral contemporânea menos séria, mas é uma exigência do “Bom Pastor” (cf. Jo 10, 1-21) que foi percebida e assumida desde os tempos da Igreja primitiva, não é difícil contatar isso, basta que olhemos com um pouco de atenção para a forma como aqueles discípulos transmitiram a mensagem evangélica.

Não foi por acaso, que se escreveram quatro evangelhos, cada um com características próprias, de acordo com a cultura do evangelista e dos ouvintes. Não foi por acaso, que não se utilizou a língua de Jesus no Novo Testamento, mas, em vez disso, o grego *koinê*. O *querigma* cristão nunca ficou fechado numa determinada cultura ou eternamente preso a uma metodologia, e isso ficou bastante claro quando o Apóstolo de Tarso, no coração do helenismo, se serviu da retórica grega³²⁹ para anunciar o Homem “ressuscitado de entre os mortos” (At 17, 31). A este propósito, o Papa Bento XVI defende que:

“O discurso do Areópago, mencionado nos Atos dos Apóstolos, é modelo do modo como traduzir o Evangelho em cultura grega, de como fazer com que os gregos compreendam que este Deus dos cristãos, dos judeus, não é um Deus alheio à sua cultura, mas o Deus desconhecido por eles esperado, a verdadeira resposta às mais profundas interrogações da sua cultura”³³⁰.

É certo que o termo “inculturação” não é muito antigo, mas já podemos perceber que, a nível prático, este “processo de encontro e comparação com as culturas é uma experiência que a Igreja viveu desde os começos da pregação do Evangelho”³³¹. No entanto, promover essa unidade da fé na diversidade das culturas nunca foi uma tarefa marcada por facilitismos, nem o será neste tempo de “crise da linguagem religiosa”³³² em que sentimos a necessidade de uma nova evangelização. Diz-nos Rino Fisichella:

³²⁹ “Nos filósofos da antiga Grécia, os primeiros pensadores cristãos encontraram o suporte necessário para explicar o mistério da fé e com aquelas categorias e linguagens plasmaram a verdade do Evangelho” (R. FISICHELLA, *op. cit.*, p. 43).

³³⁰ BENEDICTUS PP. XVI, “Audiência geral”, *São Paulo (2): A vida de São Paulo antes e depois de Damasco*.

³³¹ IOANNES PAULUS PP. II, *Litterae Encyclicae Fides et Ratio*, nº 70.

³³² J. T. MENDONÇA, “A mediação cultural - Um novo contexto para a transmissão religiosa?”, p. 439.

“Uma nova linguagem, que se faça entender pelos Homens de hoje, é uma exigência de que não podemos prescindir, sobretudo para a linguagem religiosa que está conotada por uma tal especificidade que muitas vezes é incompreensível. Abrir a «gaiola da linguagem», para favorecer uma comunicação mais eficaz e fecunda, é um compromisso concreto para que a evangelização seja realmente «nova»”³³³.

No entanto, devemos ter em conta que esta nova linguagem deve estar profundamente enraizada nos ensinamentos da Igreja e numa fidelidade à fé. A inculturação não dispensa o evangelizador da dimensão profética, não o isenta da tarefa de denunciar certos comportamentos e códigos semióticos³³⁴ com os quais a Boa-Nova de Jesus não é compatível.

Não se pode falsear o Evangelho, promovendo uma pseudo-inculturação que sirva, ilusoriamente, de porta de entrada, mas que não proporciona um caminho para ser trilhado todos os dias. Sem fundamentalismos, detenhamo-nos várias vezes diante de Paulo em Atenas, e vejamos que, no seu horizonte evangelizador, não esteve o moralismo ou o relativismo, mas a verdade.

“O anúncio do Evangelho nas diversas culturas, ao exigir de cada um dos destinatários a adesão da fé, não os impede de conservar a própria identidade cultural, (...) fazendo com que aquilo que nelas está implícito se desenvolva até à sua explanação plena na verdade”³³⁵

Por conseguinte, podemos afirmar que toda evangelização, realize-se ela onde for e com quem quer que seja, implica sempre uma inculturação, isto é, a proclamação da Boa-Nova tem de ser sempre realizada a “partir de dentro”³³⁶, promovendo aquilo que há de bom em cada ser humano e em cada comunidade! Se queremos ser cooperadores da Verdade, temos obrigatoriamente de perceber isto: o anúncio do Evangelho não pode demonizar este mundo

³³³ R. FISICHELLA, *op. cit.*, p. 97.

³³⁴ Cf. J. DUQUE, “Actualidade da evangelização das culturas”, p. 114.

³³⁵ IOANNES PAULUS PP. II, *Fides et Ratio*, nº 71.

³³⁶ PAULUS PP. VI, *Evangelii Nuntiandi*, nº18.

contemporâneo que anseia, diariamente, por uma encarnação da mensagem cristã, mas tem de encontrar nele os “pontos de reencontro, porque os há”³³⁷.

4. Evangelização da Cultura - “*Como também o disseram alguns dos vossos poetas*” (At 17, 28b)

A par da sempre necessária inculturação do Evangelho, surge como indispensável uma evangelização do *mundo da cultura*. Na verdade, nesta época em que vivemos o drama da rutura entre o Evangelho e a cultura³³⁸, um evangelizador deve promover a riqueza de um diálogo aberto e sério com os diversos agentes culturais: da arte à literatura, das ciências humanas às ciências exatas, etc. Respirando este dinamismo, evitar-se-á a asfixia provocada pelo encerramento da Boa-Nova dentro de uma espécie de museu fechado ao público³³⁹.

Com certeza, um encontro entre a fé e a razão permitirá que se desenvolva “um novo discurso sobre a credibilidade, uma apologética original que ajude a criar predisposições para que o Evangelho seja escutado por todos”³⁴⁰. Por outras palavras, sabendo nós que “a fé não tem medo da razão”³⁴¹ e que “desde o início Paulo e a Igreja nunca se eximem à chamada pastoral da inteligência”³⁴², temos de conseguir contemplar através do Areópago de Atenas quais são os ambientes doutos onde o Evangelho deve ser proclamado hoje³⁴³.

Aliás, já em 1982, quando o Papa João Paulo II criou o Pontifício Conselho para a Cultura, alertou para a necessidade de elevar o “registo evangélico ao nível cultural e do pensamento”³⁴⁴ pois “a síntese entre cultura e fé não é só uma exigência da cultura, mas

³³⁷ J. C. CARVALHO, “O anúncio do Evangelho na pós-modernidade: uma contextualização de 2 Tim 3,10-17”, p. 275.

³³⁸ Cf. PAULUS PP. VI, *Evangelii Nuntiandi*, nº 20.

³³⁹ Cf. M. F. FERREIRA, *art. cit.*, p. 474.

³⁴⁰ FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, nº 132.

³⁴¹ FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, nº 242. Para um estudo mais acurado desta temática sugerimos a leitura de: IOANNES PAULUS PP. II, *Fides et Ratio*.

³⁴² J. C. CARVALHO, “Eixos maiores da teologia paulina”, p. 70.

³⁴³ IOANNES PAULUS PP. II, *Redemptoris Missio*, nº 37.

³⁴⁴ J. C. CARVALHO, “Eixos maiores da teologia paulina”, p. 70.

também da fé... Uma fé que não se torna cultura é uma fé não plenamente acolhida, não totalmente pensada, não fielmente vivida”³⁴⁵.

É precisamente por isso, que não nos podemos dispensar de um constante diálogo com o mundo científico³⁴⁶. Felizmente, este é um caminho que já tem vindo a ser percorrido há algum tempo, mas, mesmo assim, ainda existe na nossa sociedade uma grande onda de ignorância sobre este assunto, sendo vulgar encontrar pessoas, algumas delas com responsabilidades pastorais, que acreditam na existência de uma guerra aberta entre a ciência e a fé. Portanto, convém que, no processo hodierno de evangelização, se deem a conhecer, no mínimo, alguns dos frutos desse diálogo: ciência e fé não são opostas, não se sobrepõem, não se confundem, mas completam-se.

A verdade é que, muito provavelmente, no lugar dos filósofos estóicos e epicuristas estão hoje os cientistas³⁴⁷ e, consequentemente, se queremos adotar a metodologia paulina, somos desafiados a estabelecer com eles um relacionamento inteligente e sério que, certamente, lhes permitirá vislumbrar o dedo de Deus nas descobertas científicas e nos fará compreender que uma utilização responsável das técnicas modernas pode promover o bem-estar do Homem e de toda a criação.

“A fé ilumina também a matéria, confia na sua ordem, sabe que nela se abre um caminho cada vez mais amplo de harmonia e compreensão. Deste modo, o olhar da ciência tira benefício da fé: esta convida o cientista a permanecer aberto à realidade, em toda a sua riqueza inesgotável. A fé desperta o sentido crítico, enquanto impede a pesquisa de se deter satisfeita, nas suas fórmulas e ajuda-a a compreender que a natureza sempre as ultrapassa. Convidando a maravilhar-se diante do mistério da criação, a fé alarga os horizontes da razão para iluminar melhor o mundo que se abre aos estudos da ciência”³⁴⁸.

³⁴⁵ IOANNES PAULUS PP. II, *Epistula qua pontificium consilium pro hominum cultura instituitur*.

³⁴⁶ Cf. FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, n° 242.

³⁴⁷ Para um adentramento mais concreto, nesta questão, aconselhamos a leitura de: M. M. JORGE, “Serão os cientistas os filósofos do nosso tempo? Uma reflexão acerca da «terceira cultura»”, in *Brotéria*, n° 145 (1997), pp. 583- 602.

³⁴⁸ FRANCISCUS PP., *Lumen Fidei*, n° 34.

Se estivermos conscientes disto, abrir-se-ão diante de nós uma imensidão de portas onde é possível entrar e aplicar a “estratégia relacional engendrada por Paulo”³⁴⁹, em Atenas. Liberdade, justiça, igualdade, desemprego, ecologia... são alguns dos assuntos que inquietam os grandes pensadores do momento e nos quais um evangelizador pode encontrar oportunidades excepcionais!

“Existem muitos outros Areópagos do mundo moderno, para os quais se deve orientar a atividade missionária dos povos. Por exemplo, o empenhamento pela paz, o desenvolvimento e a libertação dos povos, sobretudo o das minorias; a promoção da mulher e da criança; a proteção da natureza, são outros tantos setores a serem iluminados pela luz do Evangelho”³⁵⁰.

Olhemos para a maneira como o Papa Francisco tem sabido fazer um autêntico discernimento desses sinais dos tempos, procurando, sempre à luz do Evangelho, reconhecer os problemas da contemporaneidade e propor caminhos novos tão desejados por crentes e não-crentes.

No entanto, abordar certas problemáticas do mundo de hoje exige uma grande coragem, pois o anúncio da verdade evangélica pode abalar o poderio de certas personalidades e instituições. Foi precisamente isso que aconteceu quando o Papa escreveu a sua segunda Carta Encíclica, *Laudato Si'*, na qual alertou para a necessidade de cuidar da nossa casa comum e onde afirmou, sem rodeios, que “há demasiados interesses particulares, e, com muita facilidade, o interesse económico chega a prevalecer sobre o bem comum e manipular a informação para não ver afetados os seus projetos”³⁵¹.

Perante isto, é interessante constatar-mos que, sem ficar refém de nenhum sistema político, económico ou social³⁵², o Papa Francisco acaba por fazer o mesmo que o apóstolo Paulo: pega na realidade concreta com que se depara e anuncia a grandeza do Deus que é criador do mundo e de “tudo quanto nele se encontra” (At 17, 24).

³⁴⁹ J. T. MENDONÇA, “Quando o Novo Testamento cita os poetas (Act 17,28). Um mapa para o presente”, p. 393.

³⁵⁰ IOANNES PAULUS PP. II, *Redemptoris Missio*, nº 37.

³⁵¹ FRANCISCUS PP., *Litterae Encyclicae Laudato Si'*, nº 54.

³⁵² Cf. B. HÄRING, *Dinamismo da Igreja num mundo novo*, ed. Perpétuo Socorro, Porto, 1969, p. 105.

Eis um exemplo tão simples e ao mesmo tempo tão eficaz, diante do qual temos de nos mentalizar, que não é impossível evangelizar este mundo sujeito a rápidas mutações culturais³⁵³. Basta que olhemos para ele “com a intenção de dar uma resposta significativa aos grandes desafios que ele põe”³⁵⁴.

O mesmo se pode dizer a respeito da evangelização dos mais jovens: não é um caminho intrilhável. É necessário dedicar-lhes tempo, fazer o esforço por descobrir os pontos de encontro, escutá-los e procurar falar-lhes numa linguagem que lhes permita encontrar “respostas para as suas preocupações, necessidades, problemas e feridas”³⁵⁵. O anúncio do Evangelho a esta faixa etária terá de estar alicerçado numa sadia relação de proximidade quotidiana e numa inserção credível nos ambientes escolares e universitários³⁵⁶, pois não podemos esquecer que “o mundo da educação é um campo privilegiado para promover a inculturação do Evangelho”³⁵⁷.

A História da Igreja está marcada por imensos homens e mulheres que souberam ver isso, encontrando aí o seu púlpito. Desde logo, Paulo no Areópago, passando por Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Cardeal John Newman, Edith Stein, e muitos outros que “compreenderam que o Amor a Deus está vincado no Amor à ciência, à reflexão científica e à Academia”³⁵⁸.

Portanto, também nos dias de hoje, não podemos ficar-nos por minimalismos pietistas. É-nos exigido um elevar da fasquia³⁵⁹, uma adequada e refletida formação que nos permita evangelizar com uma boa fundamentação, tanto os mais simples como os mais

³⁵³ “Não vivemos mais no tempo da cristandade. Hoje já não somos os únicos que produzem cultura, nem os primeiros, nem os mais ouvidos. Por conseguinte, temos necessidade de uma mudança de mentalidade pastoral, mas não de uma «pastoral relativista»” (FRANCISCUS PP., *Discurso aos participantes no Congresso Internacional de Pastoral nas grandes cidades*).

³⁵⁴ R. FISICHELLA, *op. cit.*, p. 10.

³⁵⁵ FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, n° 105.

³⁵⁶ “A necessidade de Deus é cada vez mais emergente nos contextos académicos” (P. R. MOURÃO, “Repensar a Pastoral Universitária em Portugal”, in *Brotéria*, n° 173 (2011), p. 59).

³⁵⁷ IOANNES PAULUS PP. II, *Adhortatio Apostolica post-synodalis Ecclesia in America*, n° 71.

³⁵⁸ P. R. MOURÃO, *art. cit.*, p. 61.

³⁵⁹ “Mantém-se então a tarefa de contribuir para cimentar a fundamentação da própria racionalidade e criticidade da razão teológica depois de a modernidade a ter negado. Por isso, a teologia começou por ter de apresentar a fé cristã como um saber crítico, racional, sistematizado e lógico, ou seja, como uma instância racional, crítica e veritativa” (J. C. CARVALHO, “Escutar, comunicar e testemunhar Cristo”, p. 194).

eruditos. Isto é muito mais do que uma simples adenda, é um imperativo: se queremos ser autênticos discípulos missionários nestes tempos em que crescem algumas derivações fundamentalistas, temos de estar firmemente enraizados n'Aquele em quem acreditamos e intelectualmente preparados para dialogar com os representantes das mais diversas áreas do mundo da cultura.

5. Testemunho sem cálculos – “Concordaram com ele e abraçaram a fé” (At 17, 34a)

A nossa sociedade está a ser abalada por uma crise de esperança. Vivemos num tempo em que somos bombardeados, constantemente, com histórias desastrosas que nas entrelinhas nos apregoam o absolutismo do desespero e, pouco a pouco, nos fazem sentir que por vezes o melhor é desistir. No entanto, se também nós cedermos ao pessimismo e nos tornarmos sócios da lamúria permanente, condenaremos o futuro à esterilidade³⁶⁰.

É óbvio que um evangelizador, só por o ser, não deixa de se sentir afetado por tudo aquilo que o rodeia, mas isso não pode servir como desculpa para que ele deixe sufocar o fervor missionário e alimente o sentimento derrotista. Isso seria um verdadeiro paradoxo! Não são os discípulos de Jesus os anunciadores da Boa-Nova da esperança?

“A esperança de que somos portadores tem algo de extraordinariamente grandioso, porque permite olhar para o presente, apesar das dificuldades, com um olhar carregado de confiança e de serenidade”³⁶¹.

Certamente, o Evangelho que anunciamos continuará a ser visto por muitos como uma notícia escandalosa, mas o Papa Francisco alerta: “Não deixemos que nos roubem a esperança!”³⁶². A nós, compete-nos anunciar com alegria o Ressuscitado, tentando fazê-lo de modo inteligível para aqueles com quem contactamos e estando conscientes de que a sua

³⁶⁰ Cf. FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, n° 85.

³⁶¹ R. FISICHELLA, *op. cit.*, p. 58.

³⁶² FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, n° 86.

conversão não depende totalmente de nós³⁶³. De facto, é indispensável que a mensagem anunciada encontre um coração disponível para a acolher e, se é que nos pode tranquilizar em alguma coisa, recordemos que o próprio Jesus, “a partir da cruz não converteu mais do que um dos dois ladrões”³⁶⁴.

Perante isto, temos de conseguir ver quão ridículo é agitar a bandeira do “antigamente é que era bom” sem se ter uma noção mínima da História do Cristianismo, desde o seu início. É muito fácil tentar justificar o desencanto dos evangelizadores hodiernos comparando o tempo presente com alguns momentos áureos do passado, mas isso é tendencioso e falacioso.

Na verdade, ao contemplarmos a missão evangelizadora de Jesus, dos Apóstolos, e de tantos homens e mulheres ao longo dos séculos, percebemos que nem sempre foi fácil anunciar o Reino de Deus, sendo totalmente descabido esquecer esses momentos apenas para enfatizar as dificuldades sentidas nos nossos dias. Haja uma visão de conjunto!

Eis-nos aqui, no hoje, num tempo novo, numa conjuntura que deve ser encarada com prudência, realismo e ânimo. Sabemos que não vivemos um cristianismo de multidões, e se quando olhamos para os números dos sacramentos realizados ficamos com essa percepção, rapidamente tomamos consciência que não passa de uma ilusão, pois no que toca à percentagem de prática religiosa as contas são outras. Portanto, não negamos que tenham havido tempos em que a fé cristã era vivida e celebrada, em Portugal, pela maioria da população, mas também já constatamos que as dificuldades com que nos deparamos hoje não são as primeiras que aparecem na nossa História, nem justificam saudosismos chorosos.

Um evangelizador contemporâneo necessita de ser portador de uma ousadia que lhe permita encontrar a cura para as feridas do tempo presente à luz das páginas da Sagrada Escritura: sentir a crise dos refugiados na fuga da Família de Nazaré para o Egito (cf. Mt 2, 13-23), ver nas lágrimas dos que sofrem a senda das Bem-Aventuranças (cf. Mt 5, 1-12) e,

³⁶³ Certas culturas, situações, idades, etc., podem condicionar negativamente a maneira como uma pessoa recebe uma mensagem, inclusive a do Evangelho (Cf. J. M. VELASCO, *A transmissão da Fé na sociedade contemporânea*, ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2005, p. 112).

³⁶⁴ *Ibid.*, pp. 125.

entre muitas outras situações, ser remetido para o discurso de Paulo no Areópago de Atenas, quando for tentado a colaborar com uma pastoral quatro estações (Batismo, Primeira Comunhão, Crisma e Matrimónio).

Neste contexto, reparemos que o Apóstolo dos Gentios não disse aos gregos que se deviam batizar ou crismar, mas que tinham de se arrepender (cf. At 17, 30). Meditando nesta passagem, os evangelizadores de hoje têm de aprender que evangelização não é sacramentalização, mas é um caminho de conversão que não se identifica com a aplicação de alguns facilitismos irresponsáveis que publicitam Jesus Cristo como se fosse uma espécie de dono de um supermercado de sacramentos sempre com promoções.

Um discípulo missionário não pode praticar esse tipo de pastoral de mínimos que se contenta com uma evangelização até determinado ponto. Bem pelo contrário, tem de perceber que a sua missão está muito para além de possibilitar que alguém tenha a Cédula Cristã com os quatro carimbos festivos. Ser evangelizador é um modo de ser que só se realiza plenamente quando um evangelizado sentir a necessidade de se constituir em evangelizador³⁶⁵.

Assim sendo, o facto de vivermos num tempo diferente, em que grande parte das pessoas exige que tudo, incluindo Deus, seja *light*³⁶⁶, não é razão para que se diga, de modo conformado, que “hoje é mais difícil”³⁶⁷ e que, por isso, não adianta gastar energias a pregar uma Boa-Nova que ninguém irá ouvir ou propor um compromisso que jamais alguém aceitará³⁶⁸.

Olhemos mais uma vez para o apóstolo Paulo. Se ele não sofreu de acédia missionária, mas enfrentou as dificuldades próprias do seu tempo, também nós havemos de ser portadores de uma audácia inquietante que nos faça desejar “falar com todos, ainda que saibamos que nem todos querem dialogar connosco. Fomos convidados a bater em todas as portas, ainda

³⁶⁵ Cf. A. COUTO, “Coração ad gentes na igreja da cidade”, in *Igreja e Missão*, nº 209 (2008), p. 328.

³⁶⁶ R. OSÓRIO, *art. cit.*, p. 348.

³⁶⁷ FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, nº 263.

³⁶⁸ “Algumas pessoas não se dedicam à missão porque creem que nada pode mudar e assim, segundo elas, é inútil esforçar-se” (*Ibid.*, nº 275).

que saibamos que muitas permanecem encerradas”³⁶⁹. A este propósito o Papa Francisco afirma:

“Se deixarmos que as dúvidas e os medos sufoquem toda a ousadia, é possível que em vez de sermos criativos, nos deixemos simplesmente ficar cómodos sem provocar qualquer avanço e, neste caso, não seremos participantes dos processos históricos com a nossa cooperação, mas simplesmente espectadores de uma estagnação estéril da Igreja”³⁷⁰.

Não podemos ser escravos do medo! É verdade que nem sempre um evangelizador obtém os resultados esperados, mas a evangelização não é uma questão de multidões, “é algo de muito mais profundo, que escapa a toda e qualquer medida”³⁷¹. Mesmo que os números importassem, bastaria fixar a enormidade do número um: uma (só) ovelha reencontrada, um (só) pecador que se converte (cf. Lc 15, 1-7).

Um anunciador de Jesus não se pode calar (cf. At 4, 20) apenas porque receia que não vai conseguir converter muita gente. Se assim fosse, consciente das exigências do auditório, Paulo nem tinha ido ao areópago. Mas ele foi, não porque estava à espera de fama³⁷², de aplausos ou de reconhecimentos, mas porque a sua experiência do Ressuscitado o impelia ao testemunho³⁷³, fosse em que lugar fosse e independentemente dos resultados.

Eis a trave mestra da evangelização: a vivência coerente daquilo em que se acredita! Não basta evangelizar com palavras, é preciso fazê-lo com a vida e isso fica bastante claro quando olhamos para o início do cristianismo e percebemos que o testemunho (o martírio, μαρτυρία) consistiu precisamente na forma mais eficaz de anunciar a ressurreição de Jesus.

Na verdade, como afirmava o Papa Paulo VI, os Homens, de ontem e de hoje, escutam mais as testemunhas do que os mestres, e se escutam os mestres é porque eles nas ações do

³⁶⁹ R. FISICHELLA, *op. cit.*, p. 53.

³⁷⁰ FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, n° 129.

³⁷¹ *Ibid.*, n° 279.

³⁷² Cf. J. C. CARVALHO, “O primeiro anúncio num itinerário de Fé”, in *Igreja e Missão*, n° 189 (2002), p. 27.

³⁷³ Cf. R. FISICHELLA, *op. cit.*, p. 117.

dia-a-dia testemunham³⁷⁴ a sua relação próxima com o Mestre. Por isso, se também nós desejamos testemunhar Jesus não podemos relegá-lo ao tempo passado, com expressões do género «ele fez isto» ou «ele disse aquilo». Jesus, porque ressuscitou, é nosso contemporâneo³⁷⁵, está connosco: não fez, faz; não disse, diz!

Evangelizar é testemunhar que Jesus está vivo, é anunciar com a totalidade da nossa vida a boa notícia destinada a todos os lugares e a todas as pessoas. Foi isso que o apóstolo Paulo fez e é por essa razão que ele “constitui um paradigma de primeira ordem, do qual todos nós temos sempre muito a aprender”³⁷⁶. Recordemos que foi ele o grande protagonista daquele abanão que possibilitou à Igreja primitiva concluir que a Boa-Nova não é exclusiva de ninguém, mas é universal, é católica: todos têm direito a ela.

Paulo ensina-nos que um evangelizador verdadeiramente novo, como aqueles que necessitamos hoje, não pode fazer seleção de elites, mas tem de ser testemunha do Ressuscitado diante de todos, incluindo daqueles que não acreditam, dos indiferentes e dos crentes que necessitam de fortalecer constantemente a sua fé.

“O anúncio do Evangelho, que é anúncio do Diferente ao diferente, não pode deixar de dialogar com o mundo e a cultura contemporânea na sua pluriformidade histórica concreta, se não quer correr o risco de se exilar num recanto, num grupo ou num passado. Isto supõe o diálogo, não o confronto arrogante ou a cruzada serôdia e ridícula, com todos os grupos humanos, também com o mundo do agnosticismo, da descrença, dito secular, com esse mundo dito da paganidade, porque esse também é mundo de Deus, e mundo sério”³⁷⁷.

Não nos faltam oportunidades para evangelizar. Basta que saíamos dos conformismos cheios de pó e tenhamos aquele ardor missionário que impele a procurar quem, como, quando e onde... a procurar os novos areópagos - físicos, digitais, sociais, religiosos - onde deve ecoar a Boa-Nova. Podemos testemunhar através do *Facebook*, na família, por meio da arte (*via*

³⁷⁴ Cf. PAULUS PP. VI, *Evangelii Nuntiandi*, n° 41

³⁷⁵ Cf. A. COUTO, “Coração ad gentes na igreja da cidade”, p. 323.

³⁷⁶ BENEDICTUS PP. XVI, *São Paulo (1): O ambiente religioso-cultural*

³⁷⁷ J. C. CARVALHO, “O anúncio do Evangelho na pós-modernidade: uma contextualização de 2 Tim 3,10-17”, p. 281.

pulchritudinis), do diálogo inter-religioso e que não seja desprezado o importante anúncio através da liturgia³⁷⁸, que é o lugar onde a evangelização encontra “o seu espaço vital para que tenha pleno significado o anúncio que é realizado”³⁷⁹.

O hoje é o tempo das oportunidades e o tempo da responsabilidade³⁸⁰, é o tempo que clama por uma evangelização insculturada, totalmente radicada no testemunho³⁸¹, tal como afirma o Papa Francisco:

“Aqui está a chave! Mediante o testemunho, podemos incidir sobre os núcleos mais profundos, onde nasce a cultura. A Igreja semeia o pequeno grão de mostarda através do testemunho, mas fá-lo no próprio cerne das culturas”³⁸².

Portanto, o testemunho das comunidades cristãs e de cada cristão no coração desta sociedade pós-moderna é o meio por excelência para a evangelização. Sim, é possível viver o Evangelho no mundo hodierno e é necessário comunicá-lo de modo acessível e integral³⁸³ nestes “tempos de ignorância” (At 17, 30).

Não se pode ficar indiferente ao discurso de Paulo no Areópago. Quanta proximidade entre a Grécia (50 d.C.) e Portugal (2016 d.C.)! Como é inquietante constatar que também hoje, para grande parte dos nossos contemporâneos, “Deus é um deus desconhecido e estranho”³⁸⁴.

³⁷⁸ “Do batismo ao funeral, todos se dão conta da potencialidade que têm em si para comunicar uma mensagem que de outra forma não seria audível. Quantos «indiferentes» à religião participam nestas celebrações e quantas pessoas muitas vezes à procura de uma genuína espiritualidade estão presentes!” (R. FISICHELLA, *op. cit.*, p. 78).

³⁷⁹ *Ibid.*, p. 77.

³⁸⁰ Cf. J. RATZINGER, “A Europa na crise das culturas”, in *Communio*, XXII (2005/2), p. 227.

³⁸¹ “Entre os outros sinais da nossa geração cansada de palavras salientam-se a disponibilidade para as grandes causas extremas da humanidade, a simpatia pela coerência de vida, e o reconhecimento dos testemunhos encarnados – em carne e osso – pois estes falam por si mesmos e mostram como, afinal, ainda existe gente que vive feliz dando a vida por um ideal, no caso cristão por uma Pessoa e pelo Seu Evangelho. Em nosso entendimento, será provavelmente esta atualmente uma das últimas formas, e segundo a grande tradição da Igreja a mais eloquente porque a mais verdadeira objetivamente, de anunciar o Evangelho, pois os nossos contemporâneos percebem muito rapidamente se existe ou não um hiato entre o ideal e o real, se falta ou se vê um testemunho de vida, a assunção daquilo que se professa não só com os lábios. Esta será uma das pontes privilegiadas de Deus para a sedução de Deus e para Deus, isto é, para que Deus fale” (J. C. CARVALHO, “O anúncio do Evangelho na pós-modernidade: uma contextualização de 2 Tim 3,10-17”, pp. 277-278).

³⁸² FRANCISCUS PP., *Discurso aos participantes no Congresso Internacional de Pastoral nas grandes cidades*.

³⁸³ Cf. G. ROCHA, *Ao Serviço da Fé na sociedade plural*, ed. Principia, Estoril, 2007, p. 77.

³⁸⁴ T. HALÍK, *op. cit.*, p. 170.

O tomar consciência desta surpreendente semelhança do hoje com a cena de At 17, 16-34, deve impulsionar-nos a ser evangelizadores como Paulo: sensíveis a cada realidade humana, fiéis à verdade, sem medo dos resultados, sempre disponíveis para mostrar o rosto de Deus... porque “quem, como Paulo, foi encontrado por Cristo e vive de Cristo a tempo inteiro, tem também de dar testemunho de Cristo a tempo inteiro”³⁸⁵. Não podemos ficar acomodados a ver o tempo passar, “é agora que nos é dado viver, é agora a hora de Deus... é agora a nossa hora”³⁸⁶.

³⁸⁵ A. COUTO, “Paulo, modelo de evangelizador”, p. 355.

³⁸⁶ A. V. PINTO, *art. cit.*, p. 44.

CONCLUSÃO

Como foi bom ter enveredado por um caminho que se revelou tão belo e edificante! Depois de vários meses a percorrer os trilhos exegético-pastorais da passagem de Paulo por Atenas, gravada nas páginas do livro dos Atos dos Apóstolos, eis que chegamos ao termo desta dissertação.

Sentimo-nos com as expectativas extravasadas pela constante descoberta da riqueza literária e doutrinal deste texto e concluímos, desde já, que a preciosidade desta perícopa está muito longe de ficar aprisionada nos limites do nosso estudo. Bem pelo contrário, são mais as portas que ficam abertas do que aquelas que consideramos fechadas!

At 17, 16-34 é um relato formidável, um arquétipo com particularidades únicas no mundo bíblico e com uma potencialidade tal, que nos permitiu recorrer a inúmeros conhecimentos adquiridos, no curso, ao longo de vários anos: da Filosofia ao Grego Bíblico, da História da Igreja à Sociologia, da Teologia Sistemática à Fundamental, foram muitas as áreas em que pudemos tocar e que enriqueceram esta investigação. No entanto, conscientes daquilo que ficou à margem deste trabalho, importa que olhemos para ele numa breve e simples retrospectiva que exponha as traves mestras daquilo que lhe dá corpo e nos aponte novos rumos.

Paulo, sabendo aproveitar “a natural curiosidade dos atenienses e o seu apetite incontido por novidades”³⁸⁷, ensina-nos a evangelizar, tendo como ponto de partida o conhecimento do terreno onde queremos colocar a semente, mostra-nos que, quanto mais profundamente compreendermos aqueles que nos rodeiam, melhor conseguiremos ser compreendidos.

Ao chegar a Atenas, o Apóstolo percebeu que tinha de anunciar de maneira diferente porque “os judeus e os gregos situavam-se em níveis diferentes em relação à adesão ao

³⁸⁷ J. ROSA, “Cultura clássica e cristianismo nascente, Continuidade ou ruptura”, p. 505.

projeto de Deus”³⁸⁸. Se a realidade não era a mesma, a maneira de comunicar o Evangelho também não podia ser igual, constituindo-se isto num paradigma³⁸⁹ e desafio para os evangelizadores contemporâneos.

Não é necessário muito para percebermos que o mundo tem mudado a um ritmo extremamente rápido. Esbarramos com isso todos os dias no nosso país, na nossa aldeia, na nossa própria casa!

As causas desta *mu(n)dança*³⁹⁰ são amplas e complexas, mas podemos dizer que são o resultado de um duplo movimento: por um lado, é o próprio Homem que, através do seu pensamento e do modo como se vê a si e ao mundo, dá origem a novos modos de conhecimento e, conseqüentemente, à transformação da realidade social, religiosa, científica, tecnológica, etc; por outro lado, tais alterações acabam por produzir impactos no mesmo Ser Humano, proporcionando-lhe mais uma oportunidade de auto-compreensão que o levará a uma constante *metanoia* no modo de pensar e agir³⁹¹.

Tais transformações, rápidas e constantes, exigem que estejamos muito atentos, não podendo fugir delas ou escondê-las debaixo do tapete, enquanto fingimos que não nos apercebemos de nada. A nossa realidade alterou-se, os paradigmas que regem a nossa sociedade mudaram e, até nós próprios, estamos diferentes. As mutações sucedem-se à nossa volta e acontecem também em nós!

Vivemos numa conjuntura cada vez mais plural, onde existe uma grande multiplicidade de expressões religiosas e culturais, “onde o evangelho é mais uma mensagem no meio de muitas, onde está novamente a saldo como no tempo de Paulo”³⁹², mas isso não são razões para desanimar. Tal como aconteceu ao longo de toda a História da Igreja³⁹³, também hoje os cristãos são portadores de todas as ferramentas necessárias para estabelecer a

³⁸⁸ G. ROCHA, *op. cit.*, p. 89.

³⁸⁹ Cf. T. HALÍK, *op. cit.*, p. 169.

³⁹⁰ A este propósito consideramos oportuno ler: J. TEIXEIRA, *Sempre em Mundaça*, ed. Aletheia, Lisboa, 2016.

³⁹¹ Cf. T. MESSIAS, *art. cit.*, p. 113.

³⁹² J. C. CARVALHO, “Escutar, comunicar e testemunhar Cristo”, in *H*, (2013/2), p. 188.

³⁹³ A. SCOLA, “Il cristianesimo in dialogo con il mondo moderno”, in *Cadophocw*, nº4 (2010), p. 48.

perfeita relação entre a identidade cristã e a diferença religiosa, entre a unidade da fé e a pluralidade cultural.

Se nos limitarmos a sacralizar o passado, acabaremos por profanar o presente! O contexto socio-religioso de hoje, iluminado pela beleza do ontem e impulsionado para o amanhã, deve ser encarado como o campo onde é necessário dar as razões da nossa esperança (cf. 1Pd 3, 15), na certeza de que “é preciso permanecermos fiéis ao fundamento e por isso capazes de construir algo que seja coerente com ele, mas à altura de ser recebido e compreendido por um Homem diferente do passado”³⁹⁴. Na verdade, “se os cristãos, desde as suas origens, acolheram as culturas judaica e grega e abraçaram, ao longo da sua história e em diferentes povos e culturas, todos os géneros de comunicação, não há razões para que hoje se contentem como meros zeladores do passado, entrando no futuro às arrecuas”³⁹⁵.

De facto, nesta realidade conjuntural em que Deus já “não é negado, mas desconhecido”³⁹⁶, torna-se urgente encontrar novos modos de pregar o Evangelho imutável: é-nos exigida a “capacidade de olhar para a contemporaneidade na sua transformada relação com Deus, a fim de encontrar em formas adequadas a possibilidade de (...) fazer entender o Evangelho”³⁹⁷. Necessitamos de um novo impulso missionário, nestes tempos em que Deus também se revela àqueles que tacteando, O procuram de maneira imprecisa e incerta, não se escondendo de quantos O buscam com coração sincero³⁹⁸!

Por outro lado, humanamente falando, pode parecer desmotivador pensar que, por vezes, vamos anunciar a multidões para conseguir converter o coração de apenas uns poucos. No entanto, uma das razões pelas quais consideramos espantoso que Paulo tenha dado ao mundo o discurso de Atenas³⁹⁹ é precisamente porque nos faz ver que as dificuldades não podem congelar-nos, os receios não podem impedir-nos de ir aos areópagos hodiernos e

³⁹⁴ R. FISICHELLA, *op. cit.*, p. 64.

³⁹⁵ R. OSÓRIO, *art. cit.*, p. 350.

³⁹⁶ R. FISICHELLA, *op. cit.*, p. 70.

³⁹⁷ *Ibid.*, p. 13.

³⁹⁸ Cf. FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, n° 263.

³⁹⁹ A. T. ROBERTSON, *op. cit.*, p. 306.

testemunhar Jesus Ressuscitado! Na verdade, a alegria de ser discípulo-missionário não assenta na contabilização percentual do sucesso ou eficácia do anúncio, pois “não é essa a economia do Evangelho”⁴⁰⁰. Ela extravasa os nossos cálculos.

Para concluir, consideramos que um evangelizador ao jeito de Paulo, nos dias de hoje, deve ser uma espécie de técnico informático que ajuda as pessoas a pôr a sua vida a *funcionar* corretamente, ensinando-as a *reiniciar* a caminhada em direção a Deus e *instalando-lhes* no coração o único *antivírus* que lhes dá a capacidade de estarem protegidas do *malware* idólatra e do *spam* supersticioso.

Porém, tendo em conta toda a *pirataria* espiritual – que vende o falso como se fosse verdadeiro – e a constante mudança das *tecnologias* sociológicas, sabemos que não é uma tarefa fácil! Exige-se ao portador da Boa-Nova de Jesus uma séria preparação que lhe permita resolver as falhas existentes no *software* dos homens e mulheres de hoje, mas tendo sempre a consciência de que nem os melhores *profissionais* conseguirão instalar o que quer que seja na vida de alguém que não tem a vontade de eliminar a palavra-passe que o encerra no seu mundo egocêntrico⁴⁰¹. Mesmo perante isto, não podemos desistir! Devemos ser *técnicos* da esperança e temos de dialogar com a realidade que nos rodeia, sem medo⁴⁰² de receber o apelido de ridículos ou o temor de sermos zombados como fizeram os atenienses a Paulo, o “maior evangelizador de todos os tempos”⁴⁰³.

Com este trabalho, quisemos pintar um desafio para este intervalo de tempo que é o “já, mas ainda não”... e, utilizando as mesmas cores do Concílio Vaticano II, percebemos que evangelizar como o Apóstolo dos Gentios implica um diálogo com o mundo em que vivemos,

⁴⁰⁰ B. CORSANI, *art. cit.*, p. 534.

⁴⁰¹ “Um meio inadequado pode tornar impossível que a Palavra ressoe numa pessoa, cuja situação, cultura, idade, etc., condicionem a receção de todas as mensagens que lhe são dirigidas, inclusive a do Evangelho” (J. M. VELASCO, *op. cit.*, p. 112).

⁴⁰² Cf. FRANCISCUS PP., *Discurso aos participantes no Congresso Internacional de Pastoral nas grandes cidades*.

⁴⁰³ BENEDICTUS PP. XVI, “Homilias”, *Santa Missa para a Nova Evangelização* (16 de Outubro de 2011).

pede que assumamos as dores e as esperanças dos homens e mulheres de hoje⁴⁰⁴, exige originalidade e fidelidade.

Não foi simples mergulhar neste texto bíblico e apresentar orientações pastorais concretas, mas, acima de tudo, ficam algumas inquietações! O importante é não ficarmos parados, mas percebermos que a evangelização é uma ação teândrica, na qual se impõe que colaboremos com o DEuS-CONHECIDO para dar respostas às inquietações cruciantes do Homem contemporâneo.

⁴⁰⁴ Cf. *Gaudium et Spes*, nº 1.

BIBLIOGRAFIA

Edições da Sagrada Escritura e instrumentos de apoio

A Bíblia de Jerusalém, ed. Paulinas, São Paulo, 1985.

Bíblia Sagrada, ed. Difusora Bíblica, Fátima, 2008.

MCKENZIE, John L., *Dicionário Bíblico*, ed. Paulus, São Paulo, 1983.

NESTLÉ, Eberhard – ALAND, Kurt, *Novum Testamentum Graecae*, ed. Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart, 1995.

Novo Testamento Interlinear. Grego-Português, ed. Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo, 2004.

Tradução Ecuménica da Bíblia, ed. Loyola, São Paulo, 1995.

PEREIRA, Isidro, *Dicionário Grego – Português e Português – Grego*, ed. Livraria Apostolado da Imprensa, Braga, 1998.

PIKAZA, Xabier, *Diccionario de la Biblia*, ed. Verbo Divino, Navarra, 2007.

Obras e artigos

AGUIAR, Américo, *Um Padre na Aldeia Global – Evangelização e o desafio das novas tecnologias*, ed. Paulinas, Prior Velho, 2014.

ALONSO, Manuel Faria Bru, *Un nuevo areópago para la evangelización: Síntesis del magisterio pontificio sobre los medios de comunicación social*, ed. CEU, Madrid, 2008.

BARBAGLIO, Giuseppe, *Pablo de Tarso y los orígenes cristianos*, ed. Sígueme, Salamanca, 1997.

BECHER, Jurgén, *Pablo - El Apostol de los paganos*, ed. Sígueme, Salamanca, 1996.

BORNKAMM, Gunther, *Pablo de Tarso*, ed. Sígueme, Salamanca, 1997.

BOSSUYT, P. – RADERMAKERS, J., “Rencontre de l’incroyant et inculturation, Paul à Athènes”, in *Nouvelle Revue Théologique*, nº 117 (1995), pp. 19-43.

BRUCE, Frederick Fyvie, *The International Commentary on the New Testament - The Book of the Acts revised*, ed. William B. Eedmans, Michigan, 1988.

CARVALHO, José Carlos, “O primeiro anúncio num itinerário de Fé”, in *Igreja e Missão*, nº 189 (2002), pp. 23-50.

_____, “Escutar, comunicar e testemunhar Cristo”, in *Humanística e Teologia*, XXXIV (2013/2), pp. 187-197.

_____, “Eixos maiores da teologia paulina”, in *Humanística e Teologia*, XXX (2009/1), pp. 57-109.

_____, “O anúncio do Evangelho na pós-modernidade: uma contextualização de 2 Tim 3,10-17”, in *Humanística e Teologia*, XXII (2001/2), pp. 261-286.

CORSANI, Bruno, “Il Discorso di Paolo Agli Ateniesi”, in AA.Vv., *Vangeli Sinottici e Atti degli Apostoli*, ed. Elle Di Ci, Torino, 1994, pp. 525-534.

COUTO, António, “Do Sínodo dos Bispos aos caminhos da fé da Igreja em Portugal”, in *Humanística e Teologia*, XXXIV (2013/1), pp. 105-112.

_____, “Paulo, modelo de evangelizador”, in *Theologica*, XLIII (2008/2), pp. 317-373.

_____, “Coração ad gentes na igreja da cidade”, in *Igreja e Missão*, nº 209 (2008), pp. 315-330.

- _____, *Pentateuco – Caminho da Vida Agraciada*, ed. Universidade Católica, Lisboa, 2005.
- DAHLER, Étienne, *Os Lugares da Bíblia*, ed. São Paulo, Sacavém, 1996.
- DIBELIUS, Martin, “Pablo en el Areópago”, in AA.Vv., *La investigación de los evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles en el siglo XX*, ed. Verbo Divino, Navarra, 1996, pp. 297-353.
- DUQUE, João, “Actualidade da evangelização das culturas”, in *Igreja e Missão*, nº 201-202 (2006), pp. 105-124
- _____, “Novos ídolos – desafios de sempre”, in *Theologica*, nº 47 (2012/1), pp. 61-69.
- DUQUE, Eduardo, “A Identidade na pós-modernidade: um conceito histórico-hipotético”, in *Cadernos do Noroeste*, nº 21 (2003/1-2), pp. 39-51.
- _____, *Os jovens e a religião na sociedade actual: comportamento, crenças, atitudes e valores no distrito de Braga*, ed. Instituto Português da Juventude, Braga, 2007.
- DUNN, James, *A nova perspectiva sobre Paulo*, ed. Academia Cristã, Santo André, 2011.
- DUPONT, Jacques, *Études sur les Actes des Apôtres*, ed. Cerf, Paris, 1967.
- _____, *Nouvelles Études sur les Actes des Apôtres*, ed. Cerf, Paris, 1984.
- ECHEGARAY, Joaquín González, *Los Hechos de los Apóstoles y el mundo romano*, ed. Verbo Divino, Navarra, 2002.
- FABRIS, Rinaldo, *Os Atos dos Apóstolos*, ed. Loyola, São Paulo, 1991.
- _____, *Paolo - L'Apostolo Delle Genti*, ed. Paoline, Milano, 1997.
- FALCÃO, D. Manuel, “As linguagens na transmissão da fé”, in *Communio*, XVII (2001/4), pp. 308-313.

FATTAL, Michel, *Saint Paul face aux philosophes épicuriens et stoïciens*, ed. L'Harmattan, Paris, 2010.

FERRARO, Giuseppe, *L'Evangelizzazione nella Chiesa primitiva*, ed. Piemme, Casale Monferrato, 1994.

FERREIRA, Mafalda Folque, “Do Átrio aos Gentios – Uma Igreja tão católica como una”, in *Communio*, XXIX, (2012/4), pp. 465-477.

FISICHELLA, Rino, *A Nova Evangelização – Um desafio para sair da indiferença*, ed. Paulus, Lisboa, 2012.

FITZMYER, Joseph, *Los Hechos de los Apóstoles II*, ed. Sígueme, Salamanca, 2003.

FLICHY, Odile, *La figure de Paul dans les Actes des Apôtres (un phénomène de réception de la tradition paulinienne à la fin du I^{er} siècle)*, ed. Cerf, Paris, 2007.

FUNARI, Pedro Paulo, *Grécia e Roma*, ed. Contexto, São Paulo, 2002.

GNILKA, Joachim, *Pablo de Tarso – Apóstol y testigo*, ed. Herder, Barcelona, 1998.

GONÇALVES, Teresa Osório, *À espera de uma “nova era” (new age) – Os percursos alternativos da religiosidade*, ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2007.

HALÍK, Tomás, *Paciência com Deus*, ed. Paulinas, Prior Velho, 2013.

HÄRING, Bernhard, *Dinamismo da Igreja num mundo novo*, ed. Perpétuo Socorro, Porto, 1969.

JERPHAGNON, Lucien, *Dicionário das Grandes Filosofias*, ed. 70, Porto, 1999.

JORGE, Maria Manuel, “Serão os cientistas os filósofos do nosso tempo? Uma reflexão acerca da «terceira cultura»”, in *Brotéria*, nº 145 (1997/12), pp. 583- 602.

KELLER, Timothy, *Falsos Deuses*, ed. Paulinas, Prior Velho, 2009.

KENNY, Anthony, *Nova História da Filosofia Ocidental - Filosofia Antiga*, ed. Gradiva, Lisboa, 2010.

KUSCHEL, Karl-Josef, “Narrar Deus. Meu caminho como teólogo com a literatura”, in *Cadernos de Teologia Pública*, VIII, nº 61 (2011), pp. 5-22.

LAMELAS, Isidro Pereira, “Que tem Atenas a ver com Jerusalém?”, in *Itinerarium*, LVI, nº 196 (2010), pp. 91-136.

LANGNER, Córdula, *Evangelio de Lucas y Hechos de los Apóstoles*, ed. Verbo Divino, Navarra, 2013.

LÊVÊQUE, Pierre, *O Mundo Helenístico*, ed. 70, Viseu, 1987.

L’EPLATTENIER, Charles, *Les Actes des Apôtres*, ed. Labor et Fides, Genève, 1992.

LOPES, J. P. Machado, *Atlas Bíblico Geográfico – Histórico*, ed. Difusora Bíblica, Lisboa, 1993.

LOURENÇO, João, “O mundo de São Paulo. Duas culturas – uma mesma fé”, in *Itinerarium*, LV, nº 193 (2009), pp. 17-34.

MARGUERAT, Daniel, *Les Actes des Apôtres (13-28)*, ed. Labor et Fides, Genève, 2015.

MENDONÇA, José Tolentino, “A mediação cultural - Um novo contexto para a transmissão religiosa?”, in *Communio*, XXIII (2006/4), pp. 435-441.

_____, “Quando o Novo Testamento cita os poetas (Act 17, 28). Um mapa para o presente”, in *Communio*, XXXI (2014/4), pp. 391-397.

MESSIAS, Teresa, “Espiritualidade cristã e identidade crente nas culturas juvenis”, in *Communio*, XXIX (2012/1), pp. 113-128.

MOURÃO, Paulo Reis, “Repensar a Pastoral Universitária em Portugal”, in *Brotéria*, nº 173 (2011), pp. 55-64.

NEVES, João César das, “Diálogo Cultural em São Paulo”, in *Itinerarium*, LV, nº 193 (2009), pp. 67-81.

NEVES, Tony, “O Espírito Santo, protagonista da Missão”, in *Brotéria*, nº 172 (2011/1), pp. 65-75.

NIETZSCHE, Friederich, *Die schönsten Gedichte von Friedrich Nietzsche*, ed. Diogenes Taschenbuch, Zürich, 2000.

NUNES, José, *Teologia da Missão - Notas e Perspetivas*, ed. OMP, Lisboa, 2009.

NAVARRO, Luís Sanches, *Testimonios del Reino - Evangelhos Sinópticos e Hechos de los Apóstoles*, ed. Palabra, Madrid, 2010.

NOVAK, Maria da Glória, “Estoicismo e Epicurismo em Roma”, in *Letras Clássicas*, III (1999), pp. 257 – 273.

OSÓRIO, Rui, “Nova Evangelização na galáxia digital”, in *Communio*, XVIII (2001/3), pp. 348-351.

PEREIRA, Américo, “Paulo e Platão – O bem e a Salvação dos Homens”, in *Itinerarium*, LV, nº 193 (2009), pp. 51-66.

PINTO, António Vaz, “A Igreja hoje - O diálogo inter-cultural”, in *Brotéria*, nº 173 (2011), pp. 39-44.

POHLENZ, Max, *La Stoa – Storia di un movimento spirituale*, ed. Bompiani, Florença, 1978.

REALE, Giovanni – ANTISERI, Dario, *Historia da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*, ed. Paulus, São Paulo, 1990.

REIMÃO, Cassiano, “O presente da Cultura e o futuro do Cristianismo”, in *Brotéria*, nº 168 (2008), pp. 463-482.

RIUS-CAMPS, Josep, *El caminho de Pablo a la mission de los paganos – Comentario lingüístico e exegetico a HCH 13-28*, ed. Cristiandad, Madrid, 1984.

ROBERTSON, Archibald Thomas, *Imágenes Verbales en el Nuevo Testamento - Los Hechos de los Apóstoles*, ed. Libros Clie, Barcelona, 1989.

ROCHA, Georgino, *Ao Serviço da Fé na sociedade plural*, ed. Principia, Estoril, 2007.

ROSA, José, “Abertura das Jornadas”, in AA.VV., *Da fé na comunicação à comunicação da Fé*, ed. Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2005, pp. 15-24.

_____, “Cultura clássica e cristianismo nascente, Continuidade ou ruptura”, in *Communio*, XV (1998/6), pp. 496-510.

SANDERS, Ed Parish, “Paul between Judaism and Hellenism”, in AA.VV., *St. Paul among the Philosophers*, ed. Indiana University Press, Bloomington, 2010, pp.74-90.

_____, *Paul: The Apostle's Life, Letters, and Thought*, ed. Fortress, Minneapolis, 2015.

SANTE, Carmine, “A Inculturação na Bíblia”, in *Igreja e Missão*, nº 180 (1999), pp. 39-57.

SANZ, Jesús, “Evangelización de los nuevos arcópagos”, in *Scripta Theologica*, nº 44 (2012), pp. 693-718.

SCOLA, Angelo, “Il cristianesimo in dialogo con il mondo moderno”, in *Cadophocw*, nº4 (2010), pp. 41-50.

SCHÖNDORF, Harald, “Algunas reflexiones sobre los conceptos «cultura» e «inculturación»”, in *Cristianismo y Culturas - Problemática de inculturación del mensaje cristiano*, Actas del VII Simposio de Teología Histórica, Valencia, 1995.

SERRA, José Pedro, “A Democracia na Grécia Antiga”, in *Communio*, XXIX (2012/1), pp. 7-16.

SHORTER, Aylward, *Toward a Theology of Inculturation*, ed. Orbis Books, New York, 1988.

SILVA, Francisco José, “O Discurso de Paulo em Atenas – Encontro entre Fé Cristã e Filosofia Grega”, in *Revista Heliús*, I (2013/1), pp. 15-26.

SPADARO, Antonio, *Ciberteologia – Pensar o Cristianismo na era da Internet*, ed. Paulinas, Prior Velho, 2013.

TANNEHILL, Robert, *The Narrative of Luke-Acts - A Literary Interpretation*, Vol. II, ed. Fortress Press, Minneapolis, 1994.

TEIXEIRA, Alfredo, “Matrizes das crenças em Portugal”, in *Povos e Culturas*”, nº 13 (2011), pp. 305-378.

TEIXEIRA, João, *Sempre em Mundança*, ed. Aletheia, Lisboa, 2016.

TOMKINS, Stephen, *Pablo y su mundo*, ed. San Pablo, Madrid, 2007.

VELASCO, Juan Martín, *A transmissão da Fé na sociedade contemporânea*, ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2005.

VIELHAUER, Philipp, *Historia de la literatura cristiana primitiva*, ed. Sígueme, Salamanca, 2003.

WALKER, Peter, *Nas pegadas de São Paulo – Um guia ilustrado das viagens de São Paulo*, ed. Paulinas, Prior Velho, 2011.

WIEDENHOFER, Siegfried, “Igreja e Europa na teologia de Joseph Ratzinger”, in *Communio*, XXVI (2009/4), pp. 489-508.

WIKENHAUSER, Alfred, *Los Hechos de los Apóstoles*, ed. Herder, Barcelona, 1973.

Documentos do Magistério

FRANCISCUS PP., Litterae Encyclicae *Lumen Fidei*, in *Acta Apostolicae Sedis* 105 (2013), pp. 555-596.

_____, Litterae Encyclicae *Laudato Si'*, in *Acta Apostolicae Sedis* 107 (2015), pp. 847-945.

_____, Adhortatio Apostolica post-synodalis *Evangelii Gaudium*, in *Acta Apostolicae Sedis* 105 (2013), pp. 1019-1137.

IOANNES PAULUS PP. II, Litterae Encyclicae *Redemptoris Missio*, in *Acta Apostolicae Sedis* 83 (1991), pp. 249-340.

_____, Litterae Encyclicae *Fides et Ratio*, in *Acta Apostolicae Sedis* 91 (1999), pp. 5-88.

_____, Adhortatio Apostolica post-synodalis *Ecclesia in America*, in *Acta Apostolicae Sedis* 91 (1999), pp. 737-815.

_____, Adhortatio apostolica post-synodalis *Ecclesia in Europa*, in *Acta Apostolicae Sedis* 96 (2004), pp. 825-924.

_____, Epistula qua pontificium consilium *pro hominum cultura instituitur*, in *Acta Apostolicae Sedis*, 74 (1982), pp. 683-688.

PAULUS PP. VI, Adhortatio Apostolica post-synodalis *Evangelii Nuntiandi*, in *Acta Apostolicae Sedis* 68 (1976), pp. 5-76.

CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, Constitutio pastoralis de Ecclesia in mundo huius temporis *Gaudium et Spes* (7 dez.1965), in *Acta Apostolicae Sedis* 58 (1966), pp. 1025-1120.

CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, Decretum de instrumentis communicationis socialis *Inter Mirifica* (4 dez.1963), in *Acta Apostolicae Sedis* 56 (1964), pp. 145-157.

CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, Decretum de activitate missionali ecclesia *Ad Gentes* (7 dez.1965), in *Acta Apostolicae Sedis* 58 (1966), pp. 947-990.

Internet

BENEDICTUS PP. XVI, “Audiência geral”, *São Paulo (1): O ambiente religioso-cultural* (2 Julho 2008), Libreria Editrice Vaticana:

http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080702.html, consultado a 9 de Março de 2016.

_____, “Audiência geral”, *São Paulo (2): A vida de São Paulo antes e depois de Damasco* (27 de Agosto de 2008), Libreria Editrice Vaticana:

https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080827.html, consultado a 9 de Março de 2016.

_____, “Viagem Apostólica à França”, *Encontro com o mundo da cultura no Collège des Bernardins* (12 de Setembro de 2008), Libreria Editrice Vaticana:

https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20080912_parigi-cultura.html, consultado a 9 de Março de 2016.

_____, “Mensagens”, *XLIII Dia Mundial das Comunicações Sociais* (24 de Maio de 2009), Libreria Editrice Vaticana:

https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20090124_43rd-world-communications-day.html, consultado a 11 de Março de 2016.

_____, “Mensagens”, *XLIV Dia Mundial das Comunicações Sociais* (16 de Maio de 2010) Libreria Editrice Vaticana:

https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20100124_44th-world-communications-day.html, consultado a 11 de Março de 2016.

_____, “Homilias”, *Santa Missa para a Nova Evangelização* (16 de Outubro de 2011) Libreria Editrice Vaticana:

https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2011/documents/hf_ben-xvi_hom_20111016_nuova-evang.html, consultado a 16 de Março de 2016.

FRANCISCUS PP., “Discursos”, *Discurso aos participantes no Congresso Internacional de Pastoral nas grandes cidades* (27 de Novembro de 2014), Libreria Editrice Vaticana:

https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141127_pastorale-grandi-citta.html, consultado a 11 de Março de 2016

IOANNES PAULUS PP., “Mensagens”, *XXXIV Dia Mundial da Paz* (1 de Janeiro de 2001),

Libreria Editrice Vaticana:

http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_20001208_xxxiv-world-day-for-peace.html, consultado a 10 de Março de 2016.

_____, “Viagem Apostólica à América Central”, *Discurso na XIX Assembleia Geral da CELAM* (9 de Março de 1983), Libreria Editrice Vaticana:

http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/speeches/1983/march/documents/hf_jp-ii_spe_19830309_assemblea-celam.html, consultado a 12 de Março de 2016.

_____, “Discursos”, *Discurso inaugural da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano* (12 de Outubro de 1992), Libreria Editrice Vaticana:

http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1992/october/documents/hf_jp-ii_spe_19921012_iv-conferencia-latinoamerica.html, consultado a 12 de Março de 2016.

ÍNDICE

RESUMO	3
ABSTRACT	3
SIGLAS	5
INTRODUÇÃO	9
I. O TEXTO E OS SEUS CONTEXTOS	13
1. Contextualização geral	13
2. O texto – At 17, 16-34	15
2.1. Texto Grego	15
2.2. Tradução	17
3. Aspetos textuais e literários	19
3.1. Estrutura textual	19
3.2. Pormenores linguísticos	20
4. Contextos	21
4.1. Histórico-geográfico	21
4.2. Sócio-cultural	22
4.3. Religioso	23
4.4. Filosófico	24
4.4.1. Epicurismo	25
4.4.2. Estoicismo	28
II. ALCANCE TEOLÓGICO DO TEXTO	31
1. O culto do perecível	31
2. O “Deus desconhecido”	37
3. O Deus Único - Criador	40
4. O Ressuscitado	51
5. A dupla reação do auditório	56
III. UM DESAFIO PARA OS EVANGELIZADORES	61
1. Religiosidade XXI	63
2. Lugares de proximidade	68
3. Inculturação da Fé	72
4. Evangelização da Cultura	78
5. Testemunho sem cálculos	82
CONCLUSÃO	89
BIBLIOGRAFIA	95

